



Reivani Chisté Zanotelli

**Professores do ensino superior frente
às novas tecnologias: usos e desusos do
Computador e da Internet no cotidiano de trabalho**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Psicologia da PUC-Rio como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor em Psicologia
Clínica.

Orientador: Prof. Bernardo Jablonski

Rio de Janeiro
Março de 2009



Reivani Chisté Zanotelli

**Professores do ensino superior frente
às novas tecnologias: usos e desusos do
Computador e da Internet no cotidiano de trabalho**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Bernardo Jablonski
Orientador

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof. Cílio Rosa Ziviani

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Profa. Maria Alice D'Amorim
Universidade de Brasília – unB

Prof. Carlos Américo Pereira

Departamento de Psicologia – UFRJ

Prof^a. Adriana Benevides Soares

Departamento de Psicologia – UERJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, / /2009

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, do orientador e da universidade.

Reivani Chisté Zanotelli

A autora graduou-se em Psicologia pela Universidade Gama Filho no Rio de Janeiro – UGF, em 2001. Em 2003, defendeu dissertação de mestrado intitulada: “Satisfação no Trabalho de Professores de Ensino Superior: construção de um instrumento de medida e variáveis que afetam a satisfação no Departamento de Psicologia UGF/RJ, a qual foi aprovada com louvor.

Ficha Catalográfica

Zanotelli, Reivani Chisté

Professores do ensino superior frente às novas tecnologias : usos e desusos do computador e da Internet no cotidiano de trabalho / Reivani Chisté Zanotelli ; orientadora: Bernardo Jablonski. – 2009.

145 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Tecnologia da informação. 3. Trabalho. 4. Professor. 5. Ensino superior. 6. Mudanças objetivas e subjetivas. I. Jablonski, Bernardo. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

À Julia, ao Miguel e ao Zeca, fontes de vida

Agradecimentos

Ao Bernardo, por ter aceitado embarcar comigo nesta viagem, ajudando-me a manter o rumo e a ultrapassar os obstáculos. Com você aprendi a fazer pesquisa seguindo todo o rigor que a metodologia requer e, ao mesmo tempo, de forma leve e audaciosa. A sua energia e seu gosto pela vida fizeram resgatar em mim a força que outrora parecia ter terminado. Obrigada pela atenção, pelo cuidado e, sobretudo, pela confiança. Além de professor e orientador, ganhei um amigo.

Aos meus pais, José Reiner e Vanilda, agradeço a vida e a formação que me deram. Com vocês aprendi a lutar pelos meus ideais e a não esmorecer diante dos obstáculos. Todos esses anos distante de casa valeram a pena.

Às minhas irmãs, Reani, Revieni e Meirieli, ao meu irmão Reiner e à minha lindinha Julia agradeço pela atenção e pelas palavras carinhosas de apoio, que foram possíveis através de conversas em áudio e vídeo no MSN e no Skype.

Ao Renato Buscacio, pela rica convivência e pelas trocas musicais que contribuíram sensivelmente para este trabalho.

Às professoras Marina Paranhos e Elaine Simões, belas mestras literárias, obrigada pela inspiração poética e pela oportunidade de estar sempre ao lado de vocês.

Aos meus amigos de perto, Amanda Lobo, Luciana Barcellos, Maria Engel, Maurício Guedes, Renata Cavour e Sherly Barreto, que estiveram comigo nesta caminhada dando-me forças e ajudando-me a entender por que as coisas acontecem na nossa vida.

Aos meus amigos e amigas de longe que compreenderam a minha ausência, mas que, de uma forma ou de outra, mantiveram a presença.

Aos professores entrevistados, pois sem eles este trabalho não seria possível.

Aos colegas que intermediaram meu contato com os sujeitos da pesquisa, o meu agradecimento pela ajuda inestimável.

À minha prima Bartira Silva Dias pela contribuição impecável nos textos de inglês e francês. *Thank you very much! Merci beaucoup!*

Ao amigo Bruno Portes Viana, pela importante ajuda na apresentação desta tese.

Ao amigo Rogério Miguel Coelho, pelo incentivo para o ingresso no doutorado e pela ajuda decisiva nos recursos tecnológicos.

Aos colegas Marco Aurélio Gerosa, Carlos de Salles Soares Neto e Sergio Cavendish pelas importantes trocas na área da informática e pelos importantes comentários feitos ao longo deste trabalho.

Ao Alexandre, que me ajudou a desatar os vários nós que surgiram durante este percurso, mostrando-me, muitas vezes, o que eu não podia ver.

Aos professores da Pós-Graduação/PUC-RJ, por seus ensinamentos.

À Marcelina e Verinha, pelo apoio, atenção e cuidado.

A VRAc – PUC/RJ, pelo apoio financeiro.

A Deus, pelas graças recebidas durante o doutorado.

Resumo

Zanotelli, Reivani Chisté; Jablonski, Bernardo (Orientador). **Professores do ensino superior frente às novas tecnologias: usos e desusos do Computador e da Internet no cotidiano de trabalho**. Rio de Janeiro, 2009. 145p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O atual panorama educacional e econômico vem sendo moldado por duas poderosas forças: tecnologia e informação. A sucessora da sociedade industrial – a sociedade de informação – penetra e molda quase todos os aspectos da vida diária. A revolução digital vem alterando, de maneira fundamental, nossos conceitos de espaço e tempo. Nesse sentido, as universidades representam um modelo singular de gestão e disseminação de conhecimentos, uma vez que utilizam a informação como um fator estratégico, o homem como agente receptor e gerador de idéias e a tecnologia para a valorização do trabalho. As novas expressões digitais exigem da sociedade não apenas infra-estrutura, mas também uma evolução nos padrões de aprendizagem - ensino e conceitos. Da mesma maneira, todas as categorias profissionais são, de alguma forma, afetadas e o professor de Ensino Superior não fica de fora deste processo. A pesquisa que fundamenta a presente tese desenvolveu-se pautada em duas dimensões: teórica e prática. A teórica se fundamenta nas pressuposições levantadas por cientistas sociais que vêm se debruçando sobre o tema no intuito de dar um sentido mais amplo dos efeitos das transformações sociais que estão acontecendo no trabalho e no mundo de modo geral. Já na pesquisa de campo, através de entrevistas face-a-face semi-estruturadas, 10 professores de ensino superior com mais de 15 anos de experiência, puderam expressar, não somente suas práticas atuais como docentes de instituições de Ensino Superior, mas também, como estão percebendo e vivenciando as mudanças que ocorreram no seu campo de trabalho, na transição de um “mundo analógico” para um “mundo digital”. A partir da fala dos professores concluiu-se que o uso dos recursos da Tecnologia da Informação está cada vez mais difundido no meio acadêmico, mas que ainda estamos vivendo em uma fase de transição. Assim, por um lado, parte dos professores percebe mudanças impactantes na sua rotina de trabalho; outros, porém, partilham da opinião de que as novas tecnologias, em especial a *Internet* e o computador não alteraram, significativamente, a sua prática acadêmica.

Palavras-chave

Tecnologia da Informação; Trabalho; Professor; Ensino Superior; Mudanças objetivas e subjetivas.

Résumé

Zanotelli, Reivani Chisté; Jablonski, Bernardo (Conseiller). **Les professeurs universitaires face à des nouvelles technologies : l'utilisation de l'ordinateur et de l'internet au travail quotidien.** Rio de Janeiro, 2009. 145p. Thèse de Doctorat – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

L'actuel panorama éducationnel et économique est façonné par deux forces puissantes: la technologie et l'information. La société d'information, successeur de la société industrielle, s'introduit et modèle presque tous les aspects de la vie quotidienne. La révolution digitale est en train de modifier, de façon fondamentale, nos concepts d'espace et de temps. D'ailleurs, les universités représentent un modèle singulier de management et dissémination de connaissances, vue que elles utilisent l'information comme facteur stratégique, l'homme comme agent receveur et générateur d'idées et la technologie pour la valorisation du travail. Les nouvelles expressions digitales ne demandent seulement de l'infrastructure mais demandent également une évolution des modèles d'apprentissage - enseignement et concepts. Toutes les catégories professionnelles sont touchées, et le professeur universitaire n'est pas à l'extérieur de ce processus. La recherche qui a donnée la base pour cette thèse a été développée par deux dimensions. La dimension théorique est fondée dans les présuppositions des scientifiques sociales qui font de la recherche sur ce thème. Ces scientifiques essayent d'apporter une idée plus approfondie des effets des transformations sociales en train de se dérouler au travail et au monde d'une manière générale. Pour la recherche empirique, 10 professeurs qu'ont plus de 15 ans d'expérience dans l'enseignement universitaire se sont exprimés par des entretiens directes, semi-structurés, à propos de ses pratiques actuelles comme enseignants d'universités et également sur la façon qu'ils perçoivent et expérimentent les changements dans l'ambiant de travail d'un "monde analogique" vers un "monde digitale". À partir des récits des professeurs il est possible de conclure que l'utilisation des ressources de la Technologie de l'Information est de plus en plus présente au milieu éducationnel universitaire, bien que nous sommes encore dans une phase de transition. Ainsi, une partie des professeurs aperçoivent des changements impactant au travail, en revanche, il y a des enseignants qui pensent que les nouvelles technologies, en spéciale l'internet et l'ordinateur, n'ont pas modifié d'une manière significative ses pratiques d'enseignement.

Mots-clés

Technologie de l'Information; Travail; Professeur; Enseignement Universitaire; Changements objectives et subjectives.

Sumário

1. Introdução	12
2. Sobre Transições	16
2.1. A Modernidade	17
2.2. A Pós-Modernidade	21
2.3. Na Permeabilidade da Pós-Modernidade: viver em uma Sociedade Global	25
2.4. O que acontece no mundo do trabalho na visão de três curandeiros	27
2.4.1. Richard Sennett e a corrosão do caráter	28
2.4.1.1. A perda de uma narrativa linear	31
2.4.1.2. Curto prazo X Longo prazo	32
2.4.1.3. Vida emocional à deriva	33
2.4.1.4. Flexibilidade	34
2.4.1.5. Mobilidade	35
2.4.2. Zygmunt Bauman e a Modernidade Líquida	36
2.4.2.1. Fluidez	39
2.4.2.2. Relação tempo/espaço	40
2.4.2.3. Diluição das fronteiras	43
2.4.2.4. Mobilidade	44
2.4.2.5. Fragilidade dos relacionamentos	47
2.4.3. Manuel Castells e a Sociedade em Rede	48
2.4.3.1. O papel da informação na sociedade contemporânea	53
2.4.3.2. Relação tempo/espaço	55
2.4.3.3. Flexibilidade	58
2.4.3.4. Mudança nos relacionamentos	60
2.4.3.5. Diluição das fronteiras	61
2.4.4. Integrando as idéias: Tentando achar uma química entre os três curandeiros	64
2.4.4.1. Relação tempo/espaço	65
2.4.4.2. Diluição das Fronteiras	66
2.4.4.3. Mobilidade	66
2.4.4.4. Fluidez	67
2.4.4.5. Flexibilidade	68
2.4.4.6. Relacionamentos	69
3. Professores de Ensino superior: uma reflexão do trabalho docente dentro da visão de trabalho na contemporaneidade	72
3.1. Breve Histórico: Profissão docente	81
3.2. O Trabalho do Professor de Ensino Superior: pesquisas relacionadas	87
3.2.1. Pesquisas que abordam a prática do professor de ensino superior	88
3.2.2. Pesquisas que abordam aspectos emocionais do professor relacionados ao seu trabalho	90
3.2.3. Pesquisas que abordam o trabalho docente e as novas tecnologias	91

4. Metodologia	97
4.1. Procedimentos Metodológicos: Como foi organizada a fala dos professores	98
4.1.1. Objetivos	98
4.1.2. Participantes	99
4.1.3. Procedimentos	101
4.1.4. Análise do material	103
5. Uso do Computador e da Internet e seus (e)-feitos no cotidiano docente: apresentação e discussão dos resultados da pesquisa	104
5.1. Transformação: o antes e o agora. Novas formas de pensar e fazer o cotidiano de trabalho dos professores de ensino superior	104
5.1.1. Automatização	106
5.1.2. Rotina: usos e desusos	110
5.1.3. Relações Interpessoais: Eu, os outros e ele (o computador)	116
5.1.4. Computador e Internet: Trabalho x Lazer: entre o bem e o mal	118
5.1.5. Entre o Real e o Virtual: o que é Real e o que é Virtual?	121
5.2. Espelho, espelho meu, me diz agora: quem sou eu?	123
6. Considerações Finais	134
7. Referências bibliográficas	137
Anexo	144

Assim como falham as palavras quando querem exprimir
qualquer pensamento, assim falham os pensamentos
quando querem exprimir qualquer realidade. (A.C.)

Fernando Pessoa

Introdução

Em julho de 1945, Vannevar Bush publicou um artigo com o título “As We May Think” (Bush, 1945) no qual questionava os métodos de organização da informação utilizados na comunidade científica, baseados em uma ordem puramente hierárquica. Segundo o autor, deveria ser desenvolvido um método inspirado na maneira como a mente humana funciona, ou seja, através de associações, interligando uma informação a outra por meio de referências.

Ao longo das décadas, o projeto de Bush influenciou muitos pesquisadores como Ted Nelson, que nos anos 60 difundiu o termo **hipertexto** (Nelson, 1965), e Doug Engelbart, criador do mouse (Engelbart, 1968). Contudo, foi Tim Berners Lee, no final dos anos 80 nos laboratórios do CERN (Conselho Europeu para Pesquisa Nuclear), que iniciou o desenvolvimento da Word Wide Web (Berners-Lee et al., 1996, 1998), tornando-se hoje o maior e mais bem difundido sistema digital de troca de conhecimento do mundo, motivando inúmeros trabalhos e pesquisas.

Mesmo diante de todas essas descobertas, a minha relação com o computador e, posteriormente com a *Internet*, iniciou-se somente na segunda metade dos anos 90, em 1996, época em que eu ainda usava as máquinas da universidade, pois o alto preço dos computadores daquela época não os tornava acessíveis.

Ao longo da graduação, fiz uso de vários tipos de máquinas, das mais antigas às mais sofisticadas. Cada vez mais, sentia a necessidade de fazer todos os trabalhos no computador, de “digitá-los”, pois, até então, eram feitos na máquina de datilografia. Paralelamente a este uso do computador, a curiosidade surgiu: O que é a *Internet*? Como posso ter acesso a coisas que não imaginava antes conseguir com tanta rapidez? Quais as novidades que ela pode me mostrar? Criar uma conta de e-mail, conversar em tempo real sem ouvir ou ver necessariamente as pessoas, como isso poderia acontecer? E, assim, foram vários os questionamentos; alguns mais técnicos já respondidos, outros, de ordem mais subjetiva, que ainda estão por serem compreendidos.

Pouco mais tarde, já no mestrado, tive a sorte de compartilhar das aulas de um professor, Cílio Rosa Ziviani, que, com sua sabedoria, fez-me desvendar alguns mistérios que ainda me povoavam em relação ao uso do computador e ao uso da *Internet*. Além da pesquisa de mestrado, desenvolvia juntamente, e com sua orientação, uma nova pesquisa na qual foi usado, essencialmente, o computador como ferramenta de trabalho. Usávamos um *software* específico para análise de dados em psicologia conhecido como “RUMM2010¹”. No entanto, o que mais me chamava atenção era a habilidade que o professor tinha de manejar aquela máquina. Esse momento ficou reservado em minha memória e continuei a desenvolver minha proposta inicial de pesquisa para o mestrado.

Foi durante a pesquisa de campo realizada com professores de ensino superior que mais uma vez questões relativas ao uso do computador e da *Internet* vieram à tona. Na primeira parte da pesquisa, realizei uma entrevista aberta com oito professores de ensino superior. Não importava, naquele instante, o curso no qual lecionavam e nem mesmo o gênero. Naquele momento, perguntava quais eram os fatores que lhes davam satisfação ou insatisfação no trabalho. Pedi aos professores que listassem livremente tais fatores e, à medida que colocavam seus depoimentos, novas questões surgiam, tais como: dificuldades no manejo com os recursos tecnológicos disponíveis na universidade, dificuldade de comunicação, apesar das facilidades de acesso à Rede e certa “pressão” para publicação e disponibilização dos artigos *online*.

Entretanto, como na ocasião o foco de estudo era outro, não seria favorável naquela altura mudá-lo. As entrevistas tinham a função estrita de fazer um levantamento da opinião dos professores, visando uma posterior categorização das respostas e a montagem, como objetivo final, de uma escala de medição da satisfação no trabalho. Mas as narrativas fizeram-me abrir ainda mais os olhos e a sensibilidade para o que poderia estar emergindo para além dos dados obtidos naquele momento.

Novas questões começaram a surgir: o que estaria por detrás daquelas narrativas e quais os sentimentos envolvidos em tais experiências? Quais os significados que emergem nesse encontro do sujeito (professor) com tecnologia (*Internet* e computador)? Considerando que para alguns teóricos o trabalho

¹ Bond, T. G. & Fox, C. M. Applying The Rasch Model. LEA Publishers, New Jersey, London, 2001.

dignifica o homem e, de certa forma, o constitui como fazendo parte de um grupo social, qual será a opinião dos professores em relação à inserção dessas novas ferramentas no seu trabalho? A aquisição de hábitos *online* pode influenciar o seu papel de professor? Como é a rotina do trabalho diante da inserção das novas tecnologias? O trabalho docente é facilitado pelo uso desses recursos? Como a informática é vista por estes “novos” usuários dentro do seu trabalho?

Assim, o presente estudo teve por objetivo analisar como os professores estão lidando com a inserção da *Internet* e do computador no seu cotidiano de trabalho; como eles trabalhavam antes da inserção das novas tecnologias e como eles trabalham hoje. Para tal pesquisa, foram feitas algumas entrevistas em que foi dada voz aos professores a fim de que falassem sobre seu cotidiano de trabalho.

Com essas entrevistas, foi feita uma análise do discurso para identificar a percepção das mudanças e os sentimentos envolvidos nessa transição.

Este trabalho está dividido em sete capítulos. No segundo capítulo, intitulado: “*Sobre transições*” serão apresentadas, primeiramente, as idéias de três autores no que diz respeito à transição do mundo Moderno para o Pós-Moderno, ou às mudanças advindas de uma Sociedade organizada em Rede, proposta por Manuel Castells (2006), bem como a caracterização de cada um desses momentos históricos.

Em seguida, as análises sobre a categoria **trabalho** focando as mudanças, segundo esses mesmos autores, ocorridas no mercado do trabalho. Embora os autores, escolhidos para fundamentar este estudo, usem contrapontos distintos para falar da transição - Richard Sennett (2003) e Zygmunt Bauman (2001) têm a Modernidade e Castells (2006), a Revolução Industrial - eles darão, em alguns pontos, grande contribuição para esta pesquisa, pois abordam as mudanças que estão ocorrendo no mercado de trabalho.

Autores tais como Sennett, (2003) e Bauman (2001) falam de uma ruptura histórica privilegiando o estado anterior – a Modernidade – e desvalorizando-o, fazendo julgamentos negativos ou, até mesmo, desacreditando no novo estado – a sociedade Pós-Moderna. Castells, ao contrário, não usa o referencial Modernidade/Pós-Modernidade para falar sobre a ruptura histórica. Ele usa como parâmetro a Revolução Industrial e reforça, de forma mais otimista, as mudanças que vêm acontecendo no mundo contemporâneo.

O que Sennett e Bauman irão apontar é que a idéia de uma sociedade reorganizada, construída com novos parâmetros de comunicação e de relacionamento interpessoal, por exemplo, traz um verdadeiro sentimento de insegurança e prejuízo em relação ao que foi até então dito como verdade ou, ao contrário, no caso de Castells, a nova configuração social se traduz em evolução e prosperidade.

No capítulo três *“Professores de Ensino superior: uma reflexão do trabalho docente dentro da visão de trabalho na contemporaneidade”*, apresentamos algumas pesquisas que representam o que vem sendo produzido em relação ao tema: trabalho e professores de ensino superior. Este capítulo será dividido em três momentos: no primeiro será apresentado um breve histórico da docência superior e a definição de “trabalho” e “emprego”. No segundo, pesquisas relacionadas ao trabalho dos professores que, por sua vez, foram divididas em blocos temáticos e, por fim, no terceiro momento, será apresentada a questão de pesquisa.

No quarto capítulo, serão descritos os procedimentos realizados para coleta e análise dos dados para esta pesquisa, bem como, o perfil dos professores de ensino superior que foram entrevistados.

Finalizando a tese, nos capítulos cinco e seis, foram apresentados e discutidos os resultados da pesquisa bem como, considerações gerais sobre o presente estudo e sugestões a novas possibilidades de pesquisa.

Sobre Transições

Krishan Kumar enfatiza que, “qualquer que seja o significado que a pós-modernidade possa assumir, tem que derivar, de alguma maneira, de um entendimento do que é modernidade” (Kumar, 1997:182). Para esse pensador, modernidade refere-se a criações econômicas, tecnológicas, políticas e, em muitos aspectos, intelectuais, das sociedades modernas no período transcorrido desde o século XVIII (ibidem:182). Distingue-se do termo “moderno” no sentido de que “ser moderno” transcende a noção de época ou período histórico com elemento explicativo das transformações sociais. Ser moderno era, para o homem medieval, uma ameaça à estrutura dos valores perenes, quando evocava alguma inovação ou modo de pensar ousado para médium tempus, para o qual Petrarca, considerado o “pai do humanismo”, cria o termo “Idade das Trevas”. Para esse período histórico e até mesmo para a Renascença, os termos moderni e modernitas tornam-se conceitos depreciativos. Depreciativos porque podem abalar a ordem, a estabilidade, a manutenção do poder da Igreja e de seus dogmas.

Como registra Krishan Kumar, é conveniente distinguirmos os sentidos a que os termos modernidade e modernismo aludem. O primeiro, modernidade, é mais afeto à política e ideologia, enquanto o segundo, modernismo, situa-se mais na inspiração cultural e estética. *“O mesmo, porém, não se aplica às idéias de pós-modernidade. Não há uma tradição de uso a que possamos recorrer para diferenciar de forma coerente ‘pós-modernidade’ e ‘pós-modernismo’. Ambos são usados mais ou menos um pelo outro” (Kumar, 1997:112).*

O fato é que transições, mudanças nas formas de pensar e agir, sempre aconteceram ao longo da história das sociedades. Uma das características mais marcantes na passagem da Modernidade para a Pós-Modernidade, utilizando os termos de Sennett e Bauman, e que aponta para um sentido singular do que estamos vivenciando hoje, é que, ao contrário das transições anteriores, estamos imersos nesta. É a nossa realidade na atualidade. Ao lermos, discutirmos ou até mesmo analisarmos as transições anteriores, podemos ter a sensação de um ciclo que já foi fechado, conseguimos ter a noção do todo, do que significaram as mudanças para as pessoas daquela época. Já na Pós-Modernidade, os novos conceitos, tais como a relação tempo/espço, mobilidade e flexibilidade estão sendo construídos, dia após dia.

2.1

A Modernidade

A origem da palavra Modernidade vem do latim *Modernus* derivado de *modo* que significa “recentemente”, “há pouco”. Foi usada inicialmente nos fins do século V d.C. como antônimo de *antiquus*. Mais tarde, termos como *modernitas* – “tempos modernos” e *moderni* – “homens de nosso tempo” – tornaram-se também comuns, sobretudo após o século X.

A Modernidade tem características próprias, não é apenas um produto de um período anterior. A Modernidade também tem sua própria dinâmica, anda com seus próprios pés, à medida que proporciona uma permanente revolução no pensamento e nas organizações sociais.

As mudanças, contudo, não emergiram do nada. Todas elas, ou a sua maior parte, devem-se ao processo de transformação sócio-econômico-cultural que vem acontecendo desde meados do século XX, mais precisamente, nos últimos 36 anos. Com a globalização, o mundo entrou no ciclo de uma história global. Não há mais fronteiras, o mercado aberto para negociações e a troca de informações se intensificaram com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa.

A princípio, quando ouvimos falar de globalização, associamos imediatamente a mudanças no campo econômico-financeiro. Contudo, não fica restrito somente a essa área; ela também traz mudanças significativas com profundo impacto na cultura e na sociedade de modo geral.

A globalização não é um fenômeno atual. A idéia de integração de diversas culturas e povos como “um mundo” já foi desejada há muito tempo e continua como meta para muitas gerações (Andrioli, 2003).

Para melhor compreensão, pode-se dividir o processo de globalização em três fases: a primeira compreende o período que vai do século XV, com a expansão mercantilista da economia do mundo, até meados no século XIX, período em que as grandes navegações foram o grande aporte. Um segundo momento vai de meados do século XIX aos fins do século XX com o expansionismo industrial. Por último, a globalização recente, tal e qual conhecemos e vivenciamos na atualidade que, por sua vez, foi acelerada pelo colapso da URSS e pela queda do muro de Berlim, abrange o período que vem de 1989 até os dias atuais.

Cada período mencionado anteriormente é carregado de transformações que, naqueles momentos, foram marcantes para a construção da história global do mundo. Enquanto no passado os instrumentos de integração foram a caravela, o galeão, o barco à vela, o barco a vapor e o trem, seguidos do telégrafo e do telefone, a globalização recente se faz por satélites e pelos computadores ligados na Rede Mundial de computadores – a *Internet*.

Segundo Kumar (1997), a Modernidade chega como uma luz para iluminar os pensadores e cientistas do século XVIII, favorecendo o aparecimento de grandes revoluções. Tais acontecimentos marcaram a passagem da Modernidade para a Pós-Modernidade. Cabe detalhá-los um pouco mais, pois contribuíram com mudanças substanciais nessa transição.

Entre os acontecimentos, destacam-se a Revolução Francesa e a Revolução Industrial Britânica, ocorridas em fins do século XVIII. A partir dessas revoluções, as amarras com o período Antigo, no qual o pensamento era rígido e as coisas concebidas como eternas, foram soltas nas esferas políticas, sociais e intelectuais.

O próprio sentido da palavra revolução mudou. O que antes significava o giro de uma roda fazendo algo sempre retornar ao seu ponto de partida, com a Revolução Francesa, passou a ter um sentido mais positivo e produtivo. Passou a indicar a criação de alguma coisa nova, algo nunca visto antes. Esse fato torna a Modernidade um período propenso à constante reconstrução.

A Revolução Francesa dá à Modernidade a forma de uma revolução baseada na razão, a qual irá alterar os modos de pensar, de gerar novas ideologias e novas formas de fazer ciência.

Já com a Revolução Industrial, a Modernidade adquire sua substância material; tem início a reorganização da sociedade, das normas de convivência e de produção.

À Revolução Industrial foi resguardada a qualidade de ter sido a mola propulsora responsável pela aceleração da evolução econômica. A partir desse momento, o tempo foi dividido em *antes* e *depois* da Revolução Industrial como sugere Kumar (1997, p. 94):

“... a ligação entre modernidade e revolução mais uma vez sugere-se por si mesma tanto na esfera econômica como nas esferas política ou intelectual.” (...)
“... somente com a industrialização é que a sociedade ocidental tornou-se, com

uma clareza crescente, uma civilização mundial. É difícil saber, e talvez inútil especular, se, sem a tecnologia industrial, a “superioridade” do Ocidente sobre todos os demais países teria se tornado tão manifesta.”

Esse momento torna-se um marco para o início de progresso interminável. Os tempos modernos não mais eram cópias inferiores de tempos antigos; ao contrário, a Modernidade passa a mostrar os indícios de um rompimento completo com o passado, para dar lugar a um novo começo, baseado em princípios radicalmente novos. Uma passagem de Kumar (1997) traduz esse efeito do novo na construção de novas formas de pensar e agir:

“... o passado é, na verdade, um outro país, diferente. Os modernos são diferentes dos antigos. A história muda a natureza humana, bem como as formas da vida social” (p.92).

Se existe uma separação na história da humanidade tal como a literatura vem mostrando, podemos nos perguntar o porquê dessa divisão. A resposta a esta pergunta pode parecer banal, mas não é. Cada sociedade tem suas características próprias e, dessa forma, os recursos que devemos utilizar para analisá-las, a princípio, deverão também ser diferentes. A idéia de reinterpretação do passado para tentar explicar o presente perde sua validade; continuar a usar conceitos de uma época para tentar explicar os eventos de outra, mais recente, parece estar um pouco ultrapassado, obsoleto, ou melhor, desatualizado.

O que a Modernidade requer são novas posturas, novos modelos diante das mudanças. Para tais mudanças, faz-se necessário muito mais que uma reinterpretação de antigos conceitos; é imprescindível uma desconstrução dos velhos hábitos, dos velhos valores e das velhas regras para uma posterior reconstrução.

Reconstruir, por sua vez, vai além de uma simples interpretação ou avaliação do que foi bom ou ruim para determinada sociedade. Reconstruir pressupõe mudanças de base e, assim sendo, as regras sociais, políticas e econômicas também devem ser reformuladas. Além dessas reformulações, deve-se atentar para as características próprias daquilo que está mudando. Não se deve, simplesmente, fazer julgamentos de valor a respeito das mudanças, sejam elas positivas ou negativas. Isso porque, quando julgamos, usamos, naturalmente,

nossas vivências, conhecimentos e informações para ancorar ou comparar aquilo que, para nós, é novo ou desconhecido.

Ao fazer uso, exclusivamente, de referenciais e experiências passadas, a probabilidade de cair no mito: “panela velha é que faz comida boa” é grande. Embora preferimos dizê-la da seguinte forma: “*somente* panela velha é que faz comida boa” (grifo meu), considerar que tudo que é antigo tem mais valor, é melhor, é mais sábio, é eterno e que o novo, seja informação ou alguma tecnologia é, antes de qualquer mérito, negligenciador da conduta humana não é uma estratégia eficaz nem tão pouco eficiente para superar ou para estancar as repercussões dessa forma monocular de ver o mundo.

Se fôssemos atualizar o raciocínio da “panela velha” para os tempos atuais poderíamos dizer: “panela nova também faz comida boa. Só temos que saber *como* se faz”. E é justamente a falta dessa “receita” a causa das possíveis controvérsias entre negatividade e a positividade do discurso² em relação ao uso das novas tecnologias da informação, ao mesmo tempo, que também é o “tempero” necessário para estimular o desenvolvimento de mais pesquisas sobre o tema.

Sem tirar o mérito da Modernidade - não é essa aqui a intenção - a Revolução Industrial, naquele momento, já marcada pela luz da globalização, desencadeou uma sucessão de invenções que contribuíram em vários aspectos para o desenvolvimento social desse período. Tal desenvolvimento foi possibilitado pela evolução tecnológica já presente naquela época. Com isso, alguns inventos se destacam: pontes, túneis sob montanhas e mares, viagens aéreas supersônicas, satélites no espaço. Entretanto, o desenvolvimento tecnológico não somente otimizou a produtividade como também provocou e “temperou” mudanças a princípio invisíveis, mas que afetaram profundamente a maioria das instituições sociais: políticas, intelectuais ou familiares, em seus níveis mais íntimos.

A revolução, portanto, a que iremos nos referir na próxima seção diz respeito à Revolução das Tecnologias da Informação. Embora já tenha tomado conta de grande parte da população no que diz respeito ao seu uso, faz-se

² Ver: Nicolaci-da-Costa (2002a).

necessário mais conhecimento e, portanto, mais estudos sobre como a tecnologia (Internet e o computador) vem afetando a vida pessoal e profissional das pessoas.

Para finalizar, coloca-se uma indagação para a próxima seção a respeito da Modernidade e do processo de industrialização como revolucionários de toda uma época usando outra breve passagem de Kumar (1997, p.95-96):

“A mensagem era simples: em nossos tempos, tempos modernos, só há uma maneira de sobreviver: industrializar-se. Para um mundo como um todo, tornava-se cada vez mais claro que ser uma sociedade moderna era ser uma sociedade industrial”.

A questão que agora se coloca, parafraseando Kumar, é: “Em nossos tempos, tempos pós-modernos, só há uma maneira de sobreviver: informatizar-se. Para um mundo como um todo, torna-se cada vez mais claro que ser uma sociedade pós-moderna é ser uma sociedade digital”.

Certamente, algumas pessoas no mundo moderno foram afetadas pelo novo sentido de tempo ao considerar sua própria época como radicalmente diferente de todas as precedentes. Da mesma maneira, nossos contemporâneos estão vivenciando essas mudanças, achando que hoje o mundo está “perdido” diante do novo. Há sempre um pré-julgamento em relação aos novos tempos, o que representa uma constante “ameaça” à manutenção da ordem.

2.2

A Pós-Modernidade

Muitos autores argumentam que a Pós-Modernidade teve início em meados do século XX, mais especificamente entre as décadas de 1960 e 1970.

Assim como aconteceu com a Modernidade, a Pós-Modernidade também é descrita por vários autores de diversas correntes de pensamento. Algumas dessas correntes são mais otimistas, valorizando as mudanças atuais; outras mais pessimistas, recriminando todo e qualquer tipo de avanço.

Para alguns autores citados por Kumar (1997), tais como Habermas, Wellmer, Berman e pensadores do mesmo calibre, a modernidade ainda constitui um período inacabado. Ela seria um potencial a ser realizado. Outros autores mais contemporâneos, tais como Bauman e Huysen, não consideram a pós-

modernidade um novo estágio histórico, mas sim como uma culminação da modernidade. Assim, “o pós-moderno não é o que se segue após a era moderna, mas o que se segue após o desdobramento da modernidade” (Heller, 1990, citado por Kumar p. 187), ou seja, o que cabe na pós-modernidade são os desdobramentos, o que a modernidade não deu conta de explicar ou de entender. Foi assim necessário o surgimento de outro período não necessariamente desvinculado daquele – Moderno - para dar conta dos novos conteúdos e novos questionamentos. Seguindo esse raciocínio, o que legitima a pós-modernidade então são os aspectos apontados na modernidade, mas que lá não puderam ser “resolvidos”. Tais aspectos, dessa forma, têm o caráter de continuidade na transição entre os períodos não caracterizando, portanto, uma cisão profunda.

Tomando a Modernidade e a Pós-Modernidade como dois períodos distintos, dissociados, a Modernidade apresenta características próprias e à Pós-Modernidade também é resguardada sua especificidade. Considerando tal discrepância, novas formas de análise também se tornam necessárias. O mercado de trabalho, por exemplo, tal qual se encontra hoje, está bem diferente da época da Revolução Industrial. A Modernidade, mesmo que de certa forma globalizada, caracterizou-se por laços de trabalhos bem definidos, pela produção em série entre outras. Já o mercado de trabalho na contemporaneidade é marcado por uma nova globalização, onde as relações, os espaços e o tempo destinado ao trabalho são mais flexíveis.

Os pós-modernos não negam a continuidade, mas estão mais preocupados com as possibilidades que temos hoje de usar as experiências e o conhecimento que tivemos na Modernidade de uma maneira que antes era impossível e que é possibilitado em virtude da globalização.

Nas décadas mais recentes, iniciou-se um processo vertiginoso que continua até os dias de hoje: a transição do Regime Industrial para um novo período: Globalizado e Pós Industrial, como já referenciado anteriormente.

A globalização dos mercados foi o processo, a princípio considerado de origem político-econômica, que possibilitou o intercâmbio e a troca de informações entre as nações. Em virtude desse processo, Sibilia (2002) comenta que houve o enfraquecimento do conceito de Estados-Nação, que eram regidos quase que única e exclusivamente para seu provimento. Não havia um compartilhamento aberto de idéias, de conhecimento e de mercadorias. A

globalização permitiu o “livre” acesso e, conseqüentemente, propiciou o desenvolvimento científico e tecnológico mais aberto.

O desenvolvimento acentuou-se nos anos seguintes com a introdução de diversas tecnologias digitais, visto que a tecnologia não está associada exclusivamente à Internet, mas também a utilização de serviços que começamos a usar muito antes sem percebermos que também eram tecnológicos. São eles: os cartões de crédito e débito, os caixas eletrônicos, as transferências automáticas e a informatização geral do sistema financeiro, dando origem ao que Virilio³ em seu livro “Cibermundo” denomina de moeda eletrônica.

A importância do desenvolvimento científico e tecnológico das últimas décadas também é retratada por Sibilia (2002, p. 28):

“A economia global, hoje é impulsionada pelos computadores, a telefonia móvel, as redes de comunicação os satélites e toda a miríade de gadgets teleinformáticos que abarrotam os mercados contribuindo para a produção dos corpos e das subjetividades do século XXI.”

Mancebo (2002) também aponta a influência da globalização na organização social:

“Os avanços tecnológicos envolvidos na globalização potencializam o circuito de trocas, diversificam os produtos, colocam os habitantes do planeta em contato mais estreito com um maior número de manifestações culturais, veiculam a diferença, o contato mais direto com ela e multiplicam o potencial da mídia em afetar as qualidades culturais das populações”. (p. 290)

Em determinado sentido, os autores acima apresentados concordam: mudanças acompanhadas de inovações possibilitadas pela evolução tecnológica permitiram a emergência de uma nova fase, a Pós-Modernidade também conhecida de Era Digital ou Era da Revolução das Tecnologias de Informação.

Diante desta nova realidade, variados sentimentos e impactos praticamente invisíveis a olho nu, intocados até então, são a questão central deste estudo. Mesmo considerando a sociedade esteja consciente de que mudanças bruscas em nosso cotidiano oriundas da globalização, tal como o maior acesso à informação mediada pela tecnologia digital – a *Internet* pode estar mexendo com os eixos

³ VIRILIO, Paul. Cibermundo: a política do pior, 2000.

político-econômico e cultural, não significa que os sentimentos relacionados às mesmas estejam tão claros assim.

O que se faz necessário na contemporaneidade é uma atualização das categorias de análise. Como já foi dito anteriormente, tentar explicar o presente – o pós-moderno - com teorias modernas pode, eventualmente, levar-nos a interpretações equivocadas do novo.

Embora não seja a questão principal deste estudo, é importante salientar que tais mudanças influenciaram e estão influenciando as mais diversas esferas da sociedade. A família moderna desintegrou-se, sendo substituída por uma grande diversidade de arranjos individuais; a sociedade de classes dissolveu-se, assumindo a forma de grupos e movimentos separados baseados na etnia, sexo, entre outros. Tantas mudanças vêm influenciar direta ou indiretamente a constituição dos sujeitos.

Segundo Nicolaci-da-Costa, (no prelo) uma consequência menos visível, mas central tanto do ponto de vista pessoal quanto do ponto de vista social, diz respeito às mudanças que a experiência com a *Internet* introduziu nas nossas formas de pensar.

Sendo assim, a Pós-Modernidade é também marcada por uma confusão de pensamentos e sentimentos, ora de ansiedade, ora de incerteza; afinal, se devemos seguir algum parâmetro, este não é claro. Tanto pensadores e pesquisadores contemporâneos quanto o conhecimento que é produzido pelo senso comum revelam que o mundo está em uma velocidade difícil de acompanhar e, por vezes, difícil de entender. Sensações surgidas com o advento da Pós-Modernidade são reflexos de uma sociedade que sente não ter parâmetros a serem seguidos, ou seja, não ter a famosa “receita de bolo”, é mais uma das características, típicas em momentos de transição, que atormentam o sujeito contemporâneo.

Desde o final do século XX, ouve-se uma série de declarações a respeito das mudanças que estão sendo vivenciadas: “os limites estão desaparecendo”, “a *Internet* vicia”, “as famílias estão desestruturando-se” entre outras infindáveis expressões, que vão desde as mais ingênuas às mais absurdas.

Do estudo da história humana pode-se dizer que não é somente na contemporaneidade que estamos sofrendo os impactos das mudanças. Nossos antepassados também vivenciaram tensões e conflitos gerados a partir do

desconhecido como pudemos observar no tópico 2.1. Modernidade em que Kumar caracteriza a passagem da Antiguidade para a Modernidade.

Embora ao ler o referido trecho podemos ficar um pouco confusos, chegando a nos perguntar qual período, de fato, estávamos falando, a passagem do Período Antigo para a Modernidade, como foi dito anteriormente, também trouxe mudanças significativas para as pessoas e para as sociedades que viveram naquelas épocas. Naqueles momentos, as pessoas também se assustavam e se perguntavam até mesmo de forma radical, onde o mundo iria parar. A grande questão é que o mundo ainda não parou e está em constante evolução. Qual será a diferença, então, se é que ela existe, entre a Modernidade e a Pós-Modernidade? O que marca dois períodos tão discutidos por autores contemporâneos?

A seguir, será analisado o que vem a ser a Pós-Modernidade na perspectiva de alguns autores. Será apresentada, inicialmente, a perspectiva de Meyrowitz (1999), para, em seguida, focarmos de maneira mais detalhada as diferentes visões de Bauman (2001), Sennett (1998) e Castells (1999). Tais autores foram eleitos, pois são, na atualidade, autores significativos que discutem temas representativos para este estudo, tais como: mudanças contemporâneas, tecnologias e trabalho apontando algumas categorias, por eles mencionadas, como características que qualificam a Pós-Modernidade: flexibilidade, mobilidade, perda de controle da própria vida, a diluição das barreiras e fronteiras.

2.3

Na Permeabilidade da Pós-Modernidade: viver em uma Sociedade Global

Meyrowitz diz que todo sistema natural e social é definido por suas membranas, as quais têm como objetivo separar e deixar delimitadas as fronteiras entre as instituições sociais, tais como a família e o trabalho. Na contemporaneidade, essas membranas, segundo o autor, estão se tornando cada vez mais permeáveis, permitindo uma troca de informações muito maior que antes.

Uma das características fundamentais da Pós-Modernidade apontada por Joshua Meyrowitz (1999) é a permeabilidade do que ele denomina de Aldeia Global. Nesse novo contexto, as fronteiras relativamente impermeáveis entre as

instituições políticas, sociais e culturais estão desaparecendo para dar lugar a fronteiras permeáveis, ou seja, fronteiras que possibilitam o acesso e a interligação entre vários espaços e pessoas.

No período anterior à Pós-Modernidade, cada instituição, fosse a família ou uma empresa, tinha seu espaço delimitado, estabilizado o que proporcionava uma sensação de segurança. Hoje, com o aumento da permeabilidade, esses espaços se confundem demandando formas diferentes de lidar com as pessoas.

A idéia de “aldeia global”, sugerida por Marshall McLuhan em 1959 e citada por Meyrowitz (1999), transmite a mensagem de que estamos nos movendo para um mundo global, interconectado, homogeneizado e harmonioso. Se as sociedades estão hoje mais homogêneas, isso se deve ao fato de que suas membranas estão mais permeáveis, possibilitando, a princípio de forma “igualitária”, maior acesso às informações.

Meyrowitz (1999) denomina de “sociedade global” a sociedade contemporânea que se encontra cada vez mais globalizada a partir do contínuo progresso tecnológico, agora ainda mais reforçado pelos meios de comunicação, que proporcionam trocas de informações entre pessoas situadas nos mais diferentes locais do mundo, podendo-se, por exemplo, obter notícias em tempo real sobre acontecimentos ocorridos em países de outros continentes através da *Internet* e também conseguir mobilidade por meio da utilização de aparelhos celulares, que tornam possível conversar com qualquer pessoa, em qualquer lugar e a qualquer hora.

Porém, até por volta da década de 1940 e 1950, a maioria dos sistemas de comunicação, tais como telégrafos, telefones e rádios operavam independentemente. Da mesma maneira, a casa, o trabalho, as fábricas e lojas, as universidades e as instituições financeiras existiam relativamente em esferas separadas. Meyrowitz diz que nessa época, cada categoria social tinha seu espaço delimitado: “*Each social category had its designated “place” – social, physical, and informational*” (p.426). A crescente utilização das tecnologias da informação torna inevitável a tendência de aumentar a porosidade das membranas, provocando grandes transformações à impermeabilidade do antigo sistema social e reforçando cada vez mais a diluição dessas fronteiras.

As fronteiras estão perdendo suas velhas funções e adquirindo novas. Não cabe falarmos somente em ilhas isoladas ou aldeias isoladas. Estas estão na

atualidade fusionadas. O aumento da permeabilidade tende a mudar também nossa perspectiva de olhar as coisas que estão acontecendo ao nosso redor. Novas formas de olhar também são requeridas quando se fala de mudanças contemporâneas.

Cabe ressaltar que as novas formas não são boas nem más. O que se pode dizer é que são complexas e vão além das mudanças materiais. Abrange desde o ato da compra de um produto ou de um serviço até as mudanças mais profundas nos modos individuais de organização. Nesse sentido, Meyrovitz corrobora o pensamento de Kumar (1997, p. 171) de que as mudanças estão intimamente ligadas a mudanças internas e, portanto, são singulares: *“A revolução da informação é uma realidade e nela estamos. Afetou a maneira como vemos o mundo e como vivemos nele.”*

Dito isso, será apresentado, mais detalhadamente, como cada autor pensa este “novo” mundo e como estamos sendo afetados por ele.

2.4

O que acontece no mundo do trabalho na visão de três curandeiros

Neste capítulo serão abordadas as mudanças que estão acontecendo na atualidade na visão de três autores, Richard Sennett, Zygmunt Bauman e Manuel Castells.

De formas distintas, cada um deles dará a este estudo relevante contribuição para a reflexão do que está acontecendo no mercado de trabalho contemporâneo devido à inserção das novas tecnologias. Embora os períodos, por eles abordados sejam, cronologicamente, os mesmos os referenciais para a base de seus raciocínios são completamente distintos.

Antes de apresentar as reflexões dos autores propriamente ditas, gostaríamos de usar, antecipadamente, uma pequena metáfora que traduz os diferentes olhares sobre uma mesma situação, ou seja, o olhar que cada um dos autores tem em relação às mudanças no mundo do trabalho e suas respectivas consequências para o sujeito. Assim, a metáfora será apresentada na ordem de apresentação dos três autores: Sennett, Bauman e Castells. Passemos a ela.

“Era uma vez... um rei que tem uma profunda ferida que não consegue curar. Os médicos da corte não conseguem encontrar a medicação correta, então a rainha decide chamar os melhores curandeiros do mundo.

O primeiro curandeiro vem do Japão, e lhe é suficiente uma olhada para entender que a ferida é profunda somente porque é velha, sem nunca ter sido curada. O curandeiro japonês prepara um chá, que tem o poder de purificar o organismo de todos os depósitos que poluíram a mente e o coração, e ajuda a esquecer o que merece ser esquecido.

O segundo curandeiro vem da Europa e leva consigo uma pedra vermelha que contém todas as energias da terra e ensina o valor e o respeito pela natureza. A terra é de fato uma fonte de energia natural e ensina a importância da solidez, da estabilidade, da consciência, da necessidade de manter os pés no chão.

O terceiro e último curandeiro vem da África e o presenteia com o mapa dos territórios jamais explorados. É um mapa muito articulado, enquanto consente ao rei não só ver onde se localizam as armadilhas e obstáculos que pode encontrar, mas também vales, rios e pontes que pode atravessar para ir além, a outros lugares.”

[Extraído da Metáfora “Os Sete Curandeiros” e adaptada para exemplificar a linha de pensamento de cada autor que será apresentado a seguir.]

Assim como cada curandeiro levou sua contribuição na tentativa de solução para o problema do rei, vejamos em que Sennett, Bauman e Castells, respectivamente, contribuem para este estudo e essencialmente, para as reflexões relativas às mudanças na sociedade contemporânea.

2.4.1

Richard Sennett e a corrosão do caráter

“Durante a maior parte da história humana, as pessoas têm aceito o fato de que suas vidas mudarão de repente devido a guerras, fomes ou outros desastres, e de que terão de improvisar para sobreviver. (...) O que é singular na incerteza de hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo.” (Sennett, 2003, p.33)

Richard Sennett, sociólogo americano, Professor da London School of Economics and Political Sciences (LSE) e da Universidade de Nova York, tornou-se um dos maiores e mais importantes críticos da globalização e das mudanças no mercado de trabalho. É autor de alguns dos livros mais celebrados das ciências sociais nos últimos anos, como, por exemplo: *“O Declínio do Homem Público”* (1988); *“Autoridade”* (2001), *“Respeito”* (2004) e, mais recentemente, *A Cultura do Novo Capitalismo* (2006).

Embora todos os seus livros, esses e outros, sejam ricos em descrições sobre o cotidiano da vida pós-moderna, a obra *“A corrosão do caráter”*, publicada em 2003, por tratar especialmente das questões relativas ao cotidiano do trabalho é a que melhor contribuirá para o estudo ora desenvolvido.

Em *“A corrosão do caráter”*, Sennett apresenta uma análise detalhada da contemporaneidade ao examinar as mudanças do mercado de trabalho e suas implicações para a vida pessoal e para a nova organização da sociedade como um todo.

O cerne da discussão de Sennett gira em torno da constituição ou formação do caráter do indivíduo, que, para ele, tem como característica central o aspecto duradouro, ou seja, o caráter é formado a longo prazo através das experiências emocionais vivenciadas nas relações interpessoais. O caráter, segundo Sennett, é formado a partir de um conjunto de características pessoais, que nós valorizamos em nós mesmos, adicionado às características através das quais queremos ser valorizados ou reconhecidos. A formação do caráter, diz Sennett, está relacionada com os vínculos duradouros que estabelecemos com as pessoas e, para isso, a lealdade e o compromisso mútuos são pré-requisitos essenciais para essa consolidação. Sem eles, os vínculos enfraquecem e se fragmentam afetando profundamente a formação e a estabilidade do caráter da pessoa.

O autor argumenta que o ambiente de trabalho no período pós-moderno, ou no capitalismo flexível como ele o denomina, com ênfase nos trabalhos a curto prazo, não permite que as pessoas vivenciem experiências de uma forma mais profunda impedindo, assim, a formação do caráter, idéia essa que demonstra, de certa forma, um exagero conceitual.

Para Sennett, é necessário um longo prazo para vivenciar uma experiência pessoal ou profissional a ponto de se estabelecer um vínculo duradouro. Dessa forma, com a velocidade com que as tarefas são feitas hoje, não é possível que as

pessoas vivenciem suas experiências de forma plena. Tão logo terminam de executar uma tarefa, por exemplo, já tem de iniciar outra. Assim, segundo ele, o caráter de qualquer pessoa tende a se desestruturar.

Se os laços de lealdade e compromisso mútuos são fatores fundamentais para a formação do caráter e somente são mantidos em um vínculo a longo prazo, como pensar na formação do caráter na lógica a curto prazo? Segundo Sennett, diante de tantas experiências superficiais, sem o desenvolvimento de vínculos mais profundos, o caráter vai sendo corroído.

Nesse sentido, preocupado na maioria das vezes com os prejuízos pessoais e profissionais causados pelo capitalismo flexível, em cada um dos oito ensaios que compõem seu livro, o autor vai contrastando as características do mundo pós-moderno - flexibilidade, insegurança, curto prazo, etc - com as características do mundo moderno - estabilidade, segurança e planejamento a longo prazo.

Para traçar esse contraponto, Sennett adota um método de pesquisa que parte de relatos sobre aspectos da vida pessoal e profissional do cotidiano de algumas pessoas para discutir um tema social. A partir dessas entrevistas, o autor faz ricas descrições do impacto que as mudanças contemporâneas no mercado de trabalho têm tido sobre as formas de organização social, pessoal e emocional das pessoas.

Sennett desenvolve seu discurso relatando fatos do dia-a-dia do trabalho. Contudo, ao longo dos seus ensaios, podemos observar o quanto os outros setores da vida também estão interligados à dinâmica do trabalho.

Logo no primeiro ensaio do livro *“A Corrosão do Caráter”* intitulado “Deriva”, Sennett descreve um encontro com um jovem profissional em uma longa viagem internacional. Nessa viagem, o autor encontra-se com Rico, filho de Enrico, que ele já havia entrevistado há 20 anos, quando escreveu um livro sobre os trabalhadores nos Estados Unidos denominado – *“Hidden Injuries Class”* (1972).

Assim, durante a viagem, Sennett vai traçando a trajetória profissional de Rico (pós-moderno) pautando-se na trajetória do pai, Enrico (moderno). A realidade atual de Rico no seu trabalho bem como as conseqüências deste na sua vida familiar e emocional são, a todo momento, comparadas àquela realidade vivenciada por seu pai no período Moderno.

Esse é o pano de fundo sobre o qual o autor tece suas observações e análises em relação a diferentes aspectos da vida cotidiana (emocional, familiar e profissional) de Rico na pós-modernidade. A partir desse encontro e da longa conversa que dela se desenvolveu, Sennett descreve as principais características que fazem a distinção entre o período Moderno e o período Pós-Moderno.

As principais características do período Moderno apontadas por Sennett podem ser listadas didaticamente da seguinte forma: tempo linear, previsibilidade, longo prazo, estabilidade, maior compromisso e lealdade nas relações interpessoais, espaços definidos para o trabalho e para a família, mercado de trabalho regido por sindicatos fortes, garantias do estado assistencialista, relativa estabilidade proporcionada pelas grandes empresas, estrutura hierarquizada das organizações e regras fixas.

Entre as características do período Pós-Moderno destacam-se: o tempo fragmentado, imprevisibilidade (não há como fazer planejamentos a longo prazo), mobilidade, desestabilização dos relacionamentos interpessoais, maior afastamento entre as pessoas, espaços menos delimitados, trabalho não mais hierarquizado, ausência de fortes sindicatos e empresas que oferecem estabilidade, segurança, garantias e finalmente, flexibilidade.

Cabe detalhar agora sistematicamente, dentre as características acima apresentadas, as mais relevantes para o estudo sobre as mudanças no trabalho na pós-modernidade.

2.4.1.1

A perda de uma narrativa linear

Na Modernidade, o tempo era linear, o que permitia que as coisas acontecessem de forma planejada, de forma tal que se conseguia acumular capital para investir em desde a compra de uma casa própria até a educação dos filhos. Na Modernidade, o tempo podia ser planejado, havia atividades certas para horas certas e, assim, tinha-se a ilusão de que a vida seguia em harmonia. Havia tempo para o trabalho, para a família, para o lazer. Além disso, poucas mudanças aconteciam no dia-a-dia de trabalho e isso dava às pessoas segurança e estabilidade. Hoje, as exigências do trabalho interferem na divisão desse tempo.

Na pós-modernidade, segundo Sennett, o tempo é fragmentado, não há como prever ou fazer um planejamento familiar com o trabalho que se tem. O uso que se faz do tempo na Pós-Modernidade é diferente e, segundo o autor, extrapola as condições humanas de utilizá-lo; as pessoas passam grande parte do seu dia trabalhando em um ou mais empregos havendo, assim, a necessidade de uma nova organização do tempo em função das características do trabalho. Como diz o próprio Sennett:

“[talvez] o sinal mais tangível dessa mudança seja o lema “Não há longo prazo”. No trabalho, a carreira tradicional, que avança passo a passo pelos corredores de uma ou duas instituições, está fenecendo; e também a utilização de um único conjunto de qualificações no decorrer de uma vida de trabalho.”(Sennet, 2003, p. 21)

Essas mudanças, ainda segundo Sennett, estão modificando o próprio sentido do trabalho: “empregos” estão sendo substituídos por “projetos” e “campos de trabalho” (Sennett, 2003, p. 22). É comum, por exemplo, encontrar profissionais sem emprego fixo e vínculo empregatício, sendo contratados temporariamente para projetos específicos com tempo determinado. Assim, a probabilidade de a pessoa mudar diversas vezes de emprego ao longo da sua vida ativa de trabalho é bem grande e essas mudanças podem lhe causar profundas desorganizações pessoais.

Pode-se observar que, além da não linearidade do emprego nos dias atuais, outro fator que chama bastante atenção no mercado de trabalho e que também, do ponto de vista de Sennett, causa danos na vida das pessoas é o dilema longo prazo x curto prazo, segunda característica do período Pós-Moderno, não menos importante que a anterior.

2.4.1.2

Curto prazo X Longo prazo

“Como se podem buscar objetivos a longo prazo numa sociedade a curto prazo?” (Sennett, 2003, p. 27). Essa característica permeia todas as atividades do cotidiano seja na vida profissional, familiar ou emocional. Para Sennett, esse novo paradigma corrói os laços de confiança, lealdade e compromisso e, conseqüentemente, o caráter do indivíduo, pois acredita que, para se construir

vínculos de compromisso e lealdade, seja com uma instituição seja com as pessoas, é necessário um “tempo” mais longo. É necessário que esses vínculos sejam duradouros, caso contrário, diz Sennett, o caráter é corroído à medida que os vínculos vão se desfazendo, fragmentando-se.

Diante da fragmentação das relações interpessoais e, conseqüentemente, do esfacelamento do caráter, as pessoas parecem estar, de acordo com as idéias de Sennett, com sua vida emocional à deriva, terceira característica no cenário das mudanças contemporâneas.

2.4.1.3

Vida emocional à deriva

Essa característica refere-se à sensação da perda de controle sobre sua própria vida, indo além da perda do poder dentro do trabalho. Há um temor da perda de controle da vida emocional. Esse sentimento diz respeito a uma desorientação diante das transformações geradas no mercado de trabalho. Conforme Sennett (2003, p. 18):

“Por mais prósperos que estejam, no auge mesmo do casal adaptado, um apoiando o outro, marido e mulher muitas vezes receiam estar a ponto de perder o controle de suas vidas. Esse medo está embutido em suas histórias de trabalho. (...) o medo da perda de controle é direto: refere-se ao controle do tempo”.

Estar à deriva, segundo Sennett, é estar “solto” em um mar de correntes variadas, às vezes, quentes, às vezes, frias, às vezes, fortes e às vezes, fracas, sem ter uma âncora para se apoiar. Sem ter regras claramente definidas, seja em casa ou no trabalho, as pessoas ficam com a sensação de estarem perdidas sem saber que sentido tomar em suas decisões. Na visão de Sennett, essa sensação de mal-estar estava presente no cotidiano de Rico: *“Ele temia que as medidas que precisava tomar e a maneira como tinha de viver para sobreviver na economia moderna houvesse posto sua vida emocional, interior, à deriva”* (Sennett, 2003, p. 19).

A sensação de estar sempre “à deriva”, que, de acordo com Sennett, atinge a maioria das pessoas em todas as sociedades, advém de características próprias da Pós-Modernidade como, por exemplo, a flexibilidade e a sensação de “falta” de regras.

A responsável em grande parte da desorganização emocional vivida por nós, contemporâneos, encontra-se no aumento da flexibilidade no trabalho.

2.4.1.4

Flexibilidade

Flexibilidade é a capacidade de adaptar-se a um lugar, a uma situação, a alguém ou até mesmo de desenvolver várias tarefas ao mesmo tempo. Segundo Sennett, a flexibilidade dificulta a manutenção de valores e regras, que davam estabilidade financeira e emocional a homens, mulheres e crianças gerando certa aflição:

“É bastante natural que a flexibilidade cause ansiedade: as pessoas não sabem que riscos serão compensados, que caminhos seguir. (...) Na verdade, a nova ordem impõe novos controles, em vez de simplesmente abolir regras do passado – mas também esses novos controles são difíceis de entender. O novo capitalismo é um sistema de poder muitas vezes ilegível” (p.10)

A flexibilidade, para Sennett, dá às pessoas uma idéia falsa ou ilusória de que elas têm mais liberdade de escolha e de decisão. Na verdade, segundo ele, é uma nova forma de controle. Daí, a sensação de que o tempo livre de trabalho aumentou. Por exemplo, nas grandes empresas os funcionários não têm por regra chegar em um horário fixo ao seu trabalho, embora considerando a realidade brasileira essa realidade ainda não seja observada em sua maioria. Trabalham com a produção e o cumprimento de metas, ou seja, têm a flexibilidade de administrar seu tempo de acordo com as tarefas programadas para serem cumpridas naquele dia. Quem gerencia esse tempo em relação às tarefas é o próprio funcionário. Dessa forma, ele poderá sair mais cedo ou mais tarde do que ele esperava. No entanto, o que se observa é que as pessoas ficam trabalhando até suas tarefas do dia terminarem.

Nesse sentido, Sennett diz que há uma nova forma de controle, pois não há, necessariamente, um superior dizendo o que é ou não é para ser feito e sim a responsabilidade adquirida pelo funcionário por tal tarefa.

À medida que as organizações descentralizam o poder, eliminam as camadas hierárquicas e dão às pessoas de nível inferior mais autonomia para a tomada de decisões. Dão também, muitas vezes, em forma de benefícios e, sem

que elas percebam, aumento do número de atividades e gerenciamento de si, onde articulam responsabilidades e deveres que elas não carregavam até então. Com isso, o poder descentraliza-se, ficando cada funcionário responsável por determinada tarefa.

Com esse novo formato, as regras que regem a divisão do trabalho na Pós-Modernidade, segundo Sennett, tornam-se ilegíveis por não serem fixas e tão definidas como no período Moderno. Depois de entrar em uma empresa, por exemplo, um jovem pode assumir outras atribuições e realizar outras atividades que não estavam previstas no seu perfil. Assim, a pessoa perde o limite do que ela pode fazer, aonde ela pode chegar na sua carreira e o que se espera dela. A flexibilidade, uma das principais características atribuídas por Sennett à Pós-Modernidade, caracteriza-se por prejudicar toda uma estrutura já hierarquizada do trabalho: “*O capitalismo flexível bloqueou a estrada reta da carreira, desviando de repente os empregados de um tipo de trabalho para outro*” (Sennett, 2003, p.9).

2.4.1.5

Mobilidade

A mobilidade é outra característica do período Pós-Moderno, analisada quase que paralelamente à flexibilidade. Sennett não fornece um conceito fechado do que seja mobilidade. No entanto, podemos entendê-la como a possibilidade que um profissional tem de se locomover de um cargo e/ou de lugar para outro dentro da empresa e de uma empresa para outra.

Voltando à perspectiva de Sennett, enquanto Enrico tinha um trabalho estável, fixo e duradouro, Rico - seu filho - ao contrário, deveria ter mobilidade para permanecer no mercado de trabalho. “*Depois da formatura, em quatorze anos de trabalho Rico se mudara quatro vezes*” (Sennett, 2003, p. 17).

Além desse tipo de mobilidade, a de estar apto a mudanças entre diferentes empresas, em muitos casos as mudanças não acontecem somente no nível profissional, envolvem toda uma rede de adequações como mudar de cidade, de cultura, de hábitos, de amigos etc. Essas mudanças, segundo Sennett, desorganizam o cotidiano do trabalhador, pois, com tamanha rotatividade no

trabalho, não há como formar vínculos afetivos duradouros com seus vizinhos ou estabelecer uma verdadeira amizade.

Por vezes, o indivíduo também deverá apresentar mobilidade em relação ao lugar no qual executa sua tarefa. Hoje em dia, as pessoas não se fixam necessariamente a um espaço dentro da empresa; elas podem trabalhar nas ruas, em casa ou até mesmo visitando um cliente.

Esse parece ser, segundo Sennett, o cenário que permeia atualmente o nosso cotidiano. Tudo, ou quase tudo, que era antes não é mais. O tempo linear, o trabalho programado e planejado, a rígida hierarquização das relações profissionais, que davam estabilidade e segurança no trabalho, são categorias perdidas em um tempo que passou. A Pós-Modernidade é marcada por tudo que a Modernidade não foi e, por isso, segundo Sennett, desestrutura emocionalmente as pessoas. Em resumo, as mudanças no contexto profissional estão afetando drasticamente a natureza e as condições de trabalho, assim como a organização subjetiva dos próprios trabalhadores.

2.4.2

Zygmunt Bauman e a Modernidade Líquida

“A incerteza de hoje, porém, é de um tipo inteiramente novo. Os temíveis desastres que podem devastar nossa sobrevivência e suas perspectivas não são do tipo que possa ser repellido ou contra que se possa lutar unindo forças, permanecendo unidos e com medidas debatidas, acordadas e postas em prática em conjunto. Os desastres mais terríveis acontecem hoje aleatoriamente, escolhendo suas vítimas com a lógica mais bizarra ou sem qualquer lógica, distribuindo seus golpes caprichosamente, de tal forma que não há como prever quem será condenado e quem será salvo” (Bauman, 2001, p. 170).

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, atualmente Professor de sociologia da Universidade de Leeds, está entre os maiores nomes da contemporaneidade. É autor de alguns dos livros mais lidos na atualidade, dentre os quais se destacam *“O Mal-Estar da Pós-Modernidade”* (1999), *“Globalização: As Conseqüências Humanas”* (1999), *“Modernidade Líquida”* (2001), *“Amor Líquido”* (2004) e mais recentemente, *A Sociedade Individualizada* (2008).

A maioria dos seus livros apresenta descrições e reflexões a respeito da vida pós-moderna. Bauman aborda desde aspectos mais íntimos até os aspectos

mais generalizantes sobre o cotidiano das relações pessoais: entre duas pessoas, na estruturação familiar, nas instituições, nas empresas. Como pano de fundo das análises dessas relações Bauman usa a aceleração das mudanças sociais proporcionadas pelas novas tecnologias da informação. Tais mudanças, segundo ele, acentuam a dissolução das instituições sociais e, sobretudo, dos vínculos afetivos estáveis entre as pessoas, característicos da Era Moderna.

Para não nos estendermos em longas descrições, achamos por bem, neste momento, selecionar algumas de suas obras a fim de apresentar as principais idéias do referido autor. Embora nos dois livros escolhidos, “O Mal-Estar da Pós-Modernidade, (1999)” e “Modernidade Líquida (2001)”, Bauman nem sempre aborde de maneira muito clara os conceitos que ele se propõe a discutir, consideramo-los os mais relevantes para esboçar suas principais idéias acerca da contemporaneidade.

Já que essas obras serão pano de fundo para análises posteriores a serem realizadas ao longo da presente investigação, é importante apresentar, antes de tudo, o que vem a ser Modernidade Líquida e quais são as outras denominações utilizadas por Bauman para denominar tal período. Desta obra, como na anterior, tentamos resgatar os aspectos gerais, que permitem identificar as diferenças entre os dois períodos, a Modernidade e a Pós-Modernidade, e, principalmente, aqueles que se referem à dinâmica da vida profissional.

Em “O Mal-Estar da Pós-Modernidade” (1999), Bauman diz que a marca da Pós-Modernidade é a própria "vontade de liberdade", princípio que se opõe diretamente à segurança projetada em torno de uma vida social estável e ordenada.

Deste modo, Bauman lida nos seus textos com a universalização do sentimento de medo e com a sensação de perda da ordem e da estabilidade na Pós-Modernidade. Os sentimentos de segurança e organização foram “perdidos” na passagem da Modernidade para a Pós-Modernidade.

Na mesma obra, embora Bauman não fale do trabalho diretamente, podemos fazer o uso de outra metáfora sua conhecida como “Turistas e Vagabundos”, para retratar a realidade profissional na qual ele vai caracterizando os grupos de pessoas que são e não são bem-sucedidas no mundo contemporâneo. Essas características serão melhor explicitadas mais adiante.

Mais tarde, em “Modernidade Líquida” (2001), Bauman descreve e analisa o momento em que estamos vivendo. O que ele chama de Modernidade Líquida é

o período, ainda em construção, conhecido também por Pós-Modernidade. Tem como principais características ser "leve", "líquido", "fluido" e infinitamente mais dinâmico que a "Modernidade Sólida", pois, os líquidos têm a propriedade de maleabilidade que os sólidos não têm. Os líquidos, diferentemente dos sólidos, são mais difíceis de conter e por isso não mantêm sua forma com facilidade.

Deste modo, Bauman atribui dois estados – sólido e líquido – aos períodos Moderno e Pós-Moderno, respectivamente, dizendo que, na Modernidade, as regras, os padrões, os relacionamentos eram estáveis e duradouros e que hoje, na Pós-Modernidade, não há mais regras e padrões a serem seguidos e os relacionamentos estão cada vez mais frágeis. A passagem de um período a outro, segundo o autor, acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana e, nesta obra, ele procura esclarecer como está acontecendo essa passagem.

Bauman discorre sobre aspectos relevantes para este estudo especialmente quando analisa, embora de forma não muito direta, as mudanças que vêm acontecendo no mercado de trabalho. Para tratar desse tema, no livro "Modernidade Líquida", Bauman divide a sociedade em dois grupos: a "elite global" e os "assentados", como veremos mais a frente. Mesmo quando Bauman não discute diretamente as relações de trabalho, ele nos faz refletir e, de certa forma, nos induz a pensar em como elas estão sendo formadas e/ou reformuladas. A partir das obras citadas anteriormente, Bauman nos apresenta de diversas formas que a Pós-Modernidade é o momento que estamos vivendo. Pelo fato de os vínculos pessoais, familiares e profissionais serem fluidos, ou seja, estarem em constante mudança, esse período também é chamado por ele de Modernidade Líquida ou Modernidade Fluida.

De forma contrastante, Bauman usa o termo Modernidade Sólida para referir-se àquele período que, por ser caracterizado por regras e padrões duradouros, promovia estabilidade e dava segurança às pessoas, mas que em virtude dos avanços tecnológicos, foi sendo diluído ao longo do tempo.

Como dois estados distintos, sólido e líquido, têm reações distintas quanto aos seus efeitos nas diferentes redes de reações químicas, devemos também agir como participantes de um novo estado sob nova perspectiva, que dê embasamento para os conflitos e vivências atuais. Nesse contexto, se estamos vivendo uma nova era, como diz Bauman, o fato é que, independente da nomenclatura usada –

Líquida ou Pós-Moderna – passamos, ou ainda estamos passando, de um estado para outro, de algo que era para algo que não é mais. Esta transição, contudo, não passa despercebida pelas pessoas ou, se passa, ainda assim, pode causar profundos impactos e mudanças na forma de agir e reagir aos acontecimentos do nosso cotidiano, sejam eles pessoais, familiares ou profissionais.

Assim, se nos imaginarmos como diferentes reagentes/substâncias, cada um com suas particularidades pessoais, ao entrarmos em contato com um novo estado não conhecido, inevitavelmente reagiremos de formas diferentes, e não mais da forma padronizada e esperada quando tínhamos substâncias/situações conhecidas. Como o próprio Bauman diz, a Modernidade Líquida tem uma variedade de significados e sua chegada e avanço podem ser avaliados utilizando indicadores bem diferentes. Vejamos, então, quais são, segundo Bauman, os diferentes indicadores dessas reações humanas.

Os indicadores que Bauman utiliza para analisar diferentes setores sociais, como, por exemplo, o trabalho e a família são a fluidez, o rompimento das fronteiras, as alterações na relação tempo/espço, a mobilidade, a fragilidade das relações interpessoais, entre outros. Examinemos mais de perto cada um desses indicadores.

2.4.2.1

Fluidez

Fluido é tudo que não mantém sua forma com facilidade, está mudando e tomando formas diferentes o tempo todo:

“os fluidos não fixam o espaço e nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas ‘por um momento’” (Bauman, 2001 p. 8).

Pela facilidade de movimentação que os fluidos apresentam, Bauman nos faz pensar que estamos propensos, como nunca havíamos imaginado antes, a constantes e imprevisíveis mudanças ao longo de nossas vidas, tais como: a forma

como nos comunicamos com um amigo ou com um parente, a possibilidade de fazer negócios – compra e venda – sem necessariamente estarmos conversando face a face com um cliente entre muitas outras possibilidades. A fluidez é, portanto, uma das mais importantes características da Modernidade Líquida. A fluidez está presente em praticamente todos os setores da vida social: nas instituições, nos relacionamentos, nas práticas profissionais etc.

2.4.2.2

Relação tempo/espço

Para Bauman, este é outro ponto diferenciador que marca a fronteira entre a Modernidade Líquida e a Modernidade Sólida.

O autor diz que, na Modernidade Líquida, a relação tempo/espço mudou devido à evolução tecnológica. Essa evolução, que encontra sua concretização principalmente na *Internet*, mudou não somente os tipos de relações tempo/espço que estamos vivenciando na atualidade, mas, sobretudo, como as estamos vivenciando.

Na Modernidade Sólida, as pessoas separavam seu tempo para o lazer, para o trabalho e para a vida em família, ou seja, tinha-se a sensação de que a atribuição de tempo a cada um dos espaços era padronizada e adotada pela sociedade como um todo. Assim, quando uma pessoa saía pela manhã de seu lar para o seu trabalho, ou, à tarde, quando retornava, a sensação era de haver dois ambientes “totalmente” separados pela distância física. De forma semelhante, as pessoas pareciam ter a sensação de dedicação exclusiva a cada ambiente em que elas se encontravam. Analisando hoje essa dinâmica, será que essa sensação de total separação entre os espaços acontecia mesmo na Modernidade? O que faz as pessoas pensarem hoje que essa ordem era vivida somente na Modernidade? O que fazia com que as pessoas tivessem essa sensação de separação entre trabalho, lazer e vida pessoal?

Na Modernidade Líquida, a organização tempo/espço mudou. Por que mudou? Bauman não diz claramente, mas deixa transparecer nas entrelinhas que as Tecnologias da Informação e Comunicação são responsáveis por tais mudanças. Devido à inserção dessas tecnologias, como, por exemplo, a *Internet*, o tempo atribuído a cada espaço tornou-se flexível, ou seja, mesmo estando em seu

lar, as pessoas podem estar trabalhando para “adiantar” algum projeto atrasado para que no horário “oficial” de trabalho ela possa dar conta de outras coisas. O que determina o tempo e local onde será realizada cada tarefa ou atividade vai depender muito mais das necessidades e da disponibilidade das pessoas em relação ao trabalho, ou à sua família do que da padronização de regras pré-estabelecidas, ou seja, não é por não estar fisicamente no local de trabalho que a pessoa não pode trabalhar. Agora, o contrário é sempre mais difícil pensar: não é porque a pessoa está no seu local de trabalho que ela não pode se divertir.

Para exemplificar essa situação, podemos analisar um trabalho específico e, por sinal, bem particular, o de professor, como poderíamos pensar, a partir da perspectiva de Bauman, as dinâmicas profissional, familiar e de lazer? A prática dos professores, de forma geral, independentemente das novas tecnologias da informação ou de qual nível de docência se encontra lecionando, já acontece de forma líquida, misturada. Nesse sentido, os professores, ao longo de sua atividade docente, pelo menos até onde sabemos, sempre tiveram o seu lar como continuidade de seu trabalho, seja planejando uma aula, corrigindo trabalhos, formulando testes ou ainda elaborando e pensando coisas novas para apresentar aos seus alunos.

Atualmente, com o advento da *Internet* e de outras tecnologias, a forma como os professores trabalham também mudou. Alguns professores participam de grupos de discussão *online* com seus alunos para tirar dúvidas. O professor pode receber um trabalho ou um comunicado através do seu e-mail, pode preparar e organizar suas aulas no computador e reformulá-las quando achar necessário etc. São várias as possibilidades. Mais tarde, quando retornarmos a esse texto, juntamente com as análises das entrevistas feitas especialmente para este estudo com os próprios professores, poderemos discutir de fato a situação.

A facilitação de comunicação, de troca de informações, de estabelecimento de contatos, proporcionada pelas novas tecnologias de informação e telecomunicação veio, como foi dito anteriormente, alcançar todas as áreas do cotidiano contemporâneo. Entretanto, em alguns momentos, o autor concentra-se na descrição dessas mudanças, especificamente no que diz respeito ao mercado de trabalho. Para isso, ele fala do surgimento do “espaço extraterritorial”.

A partir de sua concepção de extraterritorialidade, Bauman divide a população profissional do mundo em dois grandes grupos em função de seu

acesso ao novo espaço: o da elite global ‘dos negócios e da indústria cultural’ e o da maioria assentada. Segundo ele, a elite global é extraterritorial e detém o capital e o poder. Somente a elite global tem acesso às tecnologias e, por viver uma realidade tão diferente daqueles que não têm esse acesso, os assentados, essa elite estaria vivendo em um mundo paralelo. Os assentados são as pessoas comuns do nosso dia-a-dia, que habitam o espaço territorial sujeitos às dificuldades do cotidiano. A elite global e poderosa vive no espaço extraterritorial, com todos os recursos tecnológicos disponíveis no mercado. Aos trabalhadores comuns, os assentados, cabe a vida territorial, menos nobre e escassa de recursos tecnológicos.

Com a existência desse novo espaço, possibilitado a partir da estrutura tecnológica, a dinâmica tempo/espaço é outra. Há, agora, um espaço que não é mais fixo, territorial, amarrado a um espaço construído concretamente. O “espaço extraterritorial” se diferencia especialmente pela mobilidade, ou seja, pela possibilidade de estar em diferentes lugares, em tempo igual ou menor do que era possível estando fixo a um lugar.

Para exemplificar, podemos pensar em um gerente de alto escalão de uma grande empresa. O seu cargo de gerente não diz respeito ao comando somente de um grupo ou de um cargo. Ele, simultaneamente, coordena vários projetos, vários grupos que não, necessariamente, estão na mesma empresa. Fisicamente falando, às vezes, nem mesmo estão em uma mesma cidade ou país. Todo o seu trabalho é realizado em trânsito, através de um celular ou da *Internet*, entre um aeroporto e outro ou entre uma reunião e outra.

É sabido que a *Internet* e a telefonia móvel não são as únicas tecnologias existentes na atualidade. Há aquelas, como o rádio e a televisão, que hoje passam despercebidas por nós como “grandes” tecnologias, mas que vieram também ao seu tempo trazer mudanças significativas na vida em sociedade. Todas essas tecnologias favorecem a reorganização tempo/espaço, mas sem dúvida a *Internet* e a telefonia móvel vieram trazer mais velocidade e, sobretudo, um tipo de comunicação mais interativa, permitindo maior mobilidade das pessoas na contemporaneidade. Através da *Internet* ou de um aparelho celular, pode-se entrar em contato com as pessoas em tempo real, dar um recado, falar com quem se ama ou até resolver negócios de trabalho à distância, acessando ou sendo acessado de qualquer lugar, a qualquer hora por qualquer pessoa.

2.4.2.3

Diluição das fronteiras

Entende-se por fronteira uma linha consistente que dá contorno e delimita um espaço qualquer. Um dos fatores que mais trazem preocupação a Bauman na Modernidade Líquida é o derretimento dessas sólidas fronteiras. O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da Modernidade Líquida, implica a dissolução, entre outras coisas, das fronteiras, que eram fixas e estáveis. As fronteiras que delimitavam diferentes espaços proporcionavam ordem e estabilidade às pessoas na Modernidade Sólida.

Na Modernidade Fluida, segundo Bauman, acontece o pior, o que não podia ou não se imaginava acontecer: com o advento das tecnologias da informação e comunicação, as fronteiras entre os espaços foram rompidas e, por isso, a forma de organização econômica, cultural, profissional, pessoal e outras tende a se modificar. Bauman diz que esses espaços tendem, na Modernidade Líquida, a se misturar, já que não são mais delimitados por fronteiras agora “derretidas”. Com a Internet, o telefone móvel, as teleconferências, não estamos mais presos a fronteiras geograficamente estabelecidas; podemos tomar decisões, compartilhar reuniões, palestras transmitidas simultaneamente de qualquer lugar do mundo.

O uso do computador e da *Internet*, por exemplo, possibilitou que várias pessoas, especialmente a faixa etária jovem, aumentasse ainda mais o intercâmbio com outros jovens de outros países, contato que muito tempo atrás era permitido somente às pessoas que tinham condições de viajar para o exterior. Assim, de dentro de suas casas, crianças, jovens e adultos conhecem e conversam com outros de vários lugares do mundo.

Ao mesmo tempo em que estamos livres das amarras territoriais, homens, mulheres e crianças se defrontam com a ausência de fronteiras que, pelo menos, se não os protegia totalmente, davam a sensação de segurança e, além disso, a sensação de que os espaços eram mais delimitados:

“[Os nômades] podem buscar refúgio em seus lares, mas dificilmente acharão lá o isolamento, e por mais que tentem nunca estarão verdadeiramente em casa: os refúgios têm paredes porosas, onde se espalham fios sem conta e que são facilmente penetradas por ondas aéreas”. (Bauman, 2001, p. 178).

Essa configuração da sociedade, segundo Bauman, ainda é nova e está sendo aperfeiçoada. Já que novas configurações estão emergindo, faz-se necessário também a criação de novas regras para gerir espaços que se tornaram fluidos.

Podemos relembrar aqui o exemplo dado anteriormente das diferentes reações químicas. Quando duas ou mais substâncias ou reagentes entram em contato, formam uma nova solução. A resultante, então, será a formação de um novo estado, com novas especificações, que deverão ser explicadas e definidas com uma fórmula própria. Nesse momento poderíamos indagar: reações químicas entre duas substâncias conhecidas nas mesmas condições não resultam em uma mesma solução? As reações podem ser realizadas com segurança e previsão de seus resultados? Até poderíamos, com ressalvas, dizer que sim, se ficássemos no âmbito das ciências químicas. Contudo, na Modernidade Líquida, essas reações, não são sempre as mesmas e não duram por muito tempo; estão sempre sendo estimuladas por reagentes diferentes: nós, seres humanos.

A fórmula encontrada para explicar o novo estado Moderno Líquido deuse, segundo Bauman, a partir da reformatação do que foi derretido da Modernidade Sólida:

“Derreter os sólidos era sentido como derreter minério de ferro para moldar barras de aço. Realidades derretidas e agora fluidas pareciam prontas para serem recanalizadas e derramadas em novos moldes, onde ganhariam uma forma que nunca teriam adquirido se tivessem sido deixadas correndo nos próprios cursos que tinham cavado” (Bauman, 2001, p. 165).

2.4.2.4

Mobilidade

A mobilidade é mais uma das categorias centrais da Modernidade Líquida. Segundo Bauman, o movimento desconhece obstáculos e está intimamente relacionado com a velocidade, com a idéia de leveza e inconstância e com a obsolescência de tudo. Assim, tudo que era tido na Modernidade Sólida como seguro, fixo e previsível, perde sua segurança, permanência e previsibilidade na Modernidade Líquida. Há o surgimento do que Bauman denomina de “espaços extraterritoriais”. Nesse novo espaço, não há outra opção senão movimentar-se.

Esse movimento não necessariamente está ligado ao deslocamento da pessoa física, mas sim à possibilidade de mobilidade através de uma infra-estrutura tecnológica.

A mobilidade ao Homem na Modernidade Sólida, diz Bauman, estava restrita às suas próprias pernas, às pernas de algum animal ou qualquer outro meio de transporte. Essas eram as ferramentas de que o Homem dispunha para garantir seu movimento. O que acontece nos dias atuais é que o Homem passou a contar com outros tipos de recursos, notadamente com a *Internet* e o telefone móvel, que Bauman considera meios artificiais de mobilidade, mas que são ferramentas de poder e de dominação na atualidade. Como vimos na divisão que Bauman faz na sociedade, a elite global detém o poder sobre a classe assentada por ser privilegiada de recursos tecnológicos e, por isso, pode fluir/transitar entre lugares.

Bauman nos afirma que o que importa hoje é estarmos plugados no que está acontecendo e, além disso, podermos movimentar-nos nos ‘espaços extraterritoriais’ Partindo desse pressuposto, ele afirma, como vimos anteriormente, que nem todos têm acesso a essas tecnologias e que, conseqüentemente, não desfrutam dessa mobilidade.

Para explicar e ilustrar a divisão social entre os que têm e os que não têm acesso aos “espaços de fluxos”, Bauman, em seu livro “O Mal-Estar da Pós-Modernidade” usa a metáfora “turistas e vagabundos”. Embora ele não esteja, nesta metáfora, falando diretamente da categoria mercado de trabalho e sim da vida contemporânea de modo geral, podemos fazer uma associação com outra divisão da sociedade, anteriormente citada e também por ele formulada, em que Bauman fala a respeito da categoria trabalho de forma mais específica: a divisão entre a “elite global” e os “assentados”.

Assim, poderíamos comparar a “elite global” ao que ele vai descrever a partir de agora como sendo os “turistas” e os “assentados” como os “vagabundos”. Em ambas as divisões e comparações feitas por Bauman, as categorias menos favorecidas, no caso os assentados e os vagabundos, pelo acesso às novas tecnologias da informação e da comunicação, são sempre submissas e direcionadas a partir dos grupos mais favorecidos, os turistas e a elite global.

Passamos então a definir o que é para Bauman essa nova divisão: os “turistas”, privilegiados e os “vagabundos”, que vivem ao seu serviço.

Os “turistas” são aqueles que recusam qualquer forma de fixação, passam todo o tempo movimentando-se e fazem isso por escolha própria. Isso significa dizer que os “turistas” detêm o poder sobre sua própria vida. Vincular-se a um território, assumir responsabilidades a longo prazo, estar fixo e, portanto, imóvel são situações evitadas a todo custo. A mobilidade que é atribuída aos turistas lhes permite que mudem de roteiro sem aviso prévio, mas sempre almejando a melhoria na qualidade do que estão fazendo.

Já os “vagabundos” são “luas escuras que refletem o brilho de sóis brilhantes; são os restos do mundo que se dedicaram aos serviços dos turistas” (Bauman, 1999, p. 117). O “direito” de movimentação que eles têm não é uma opção de vida, mas sim uma necessidade de sobrevivência. Mesmo assim, existem restrições nos espaços em que eles podem perambular. Seus sonhos e fantasias se resumem a atividades quaisquer, geralmente envolvendo tarefas consideradas humilhantes pelos turistas, mas que precisam ser feitas por alguém. Assim, a funcionalidade dos “vagabundos” resume-se em servir aos “turistas”. De acordo com Bauman (1999, p. 119-120):

“É difícil viver em suas imediações, [a dos vagabundos], mas é inconcebível viver sem eles. São suas privações gritantes demais que reduzem as preocupações das pessoas com as inconveniências marginais”.

Fixar-se em um lugar, portanto, não é produtivo, mas alguém ocupa esse lugar, os vagabundos. Levando esse raciocínio para o campo do trabalho, Bauman nos induz a pensar que os turistas são os trabalhadores bem-sucedidos, que dispõem dos recursos tecnológicos e que têm, por esse motivo, maior controle sobre suas ações. Os vagabundos são os trabalhadores menos favorecidos desses recursos e, portanto, os que sempre realizam outros tipos de trabalho, que possam ser realizados em lugares fixos. O reduto territorial retarda o movimento ou mesmo exclui sua possibilidade, portanto, não é mais triunfo, mas um fardo e uma desvantagem fixar-se em um trabalho que não possibilite movimentação. Fixação se torna sinônimo de baixa produtividade, baixo rendimento e, sobretudo, de obsolescência. Voltaremos, em outro momento, a analisar com mais propriedade os impactos que a mobilidade tem provocado nas pessoas e na consequente reestruturação do trabalho.

2.4.2.5

Fragilidade dos relacionamentos

Segundo Bauman, a lealdade e o compromisso são características da Modernidade. Antes sólidas, elas começam a derreter. Derreter os sólidos, como foi dito anteriormente, significa, nas palavras de Bauman, “(...) *antes e acima de tudo, eliminar as obrigações ‘irrelevantes’ que impediam a via do cálculo racional dos efeitos*” (Bauman, 2001 p. 10). Essa definição mais uma vez nos permite explicar outras características que faltam à Modernidade Líquida: a lealdade e o compromisso. Essas características eram sólidas na Modernidade e transmitiam a sensação de parceria e estabilidade irrevogáveis e que, hoje, fazem parte do processo de derretimento contemporâneo. Se na Modernidade Líquida essas características são “derretidas”, conseqüentemente, os vínculos e laços de lealdade e compromisso entre as pessoas tornam-se frágeis.

Embora Bauman fale de todos os tipos de relacionamento: a família, o trabalho, os relacionamentos afetivos nas organizações de modo geral, o autor nos leva a pensar que a fragilidade dos vínculos de lealdade e compromisso pode também acarretar sérios problemas no âmbito do trabalho; dos mais visíveis, como a desintegração da instituição, aos mais invisíveis, como a fragilidade emocional das pessoas que nela trabalham. Assim, Bauman explicita:

“(...) essa forma de ‘derreter os sólidos’ deixava toda a rede de relações sociais no ar – nua, desprotegida, desarmada e exposta, impotente para resistir às regras de ação e aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios (...)” (Bauman, 2001, p. 10).

Com isso, Bauman acredita que estamos vivendo o fim da ‘era do engajamento mútuo’. O afastamento proporcionado pelas tecnologias da informação dentro das empresas faz com que o ‘espírito de equipe’ e os relacionamentos interpessoais entre os funcionários, por exemplo, tornem-se frágeis, podendo até chegar ao desaparecimento. O autor entende esse afastamento como sinônimo de fuga, desvio, evitação de assumir compromissos, uma efetiva rejeição de qualquer confinamento territorial. Dessa forma a tecnologia não chegou para “ajudar” na solução de problemas, mas sim para facilitar a fuga, o descompromisso das pessoas entre si e com as tarefas a serem solucionadas. A

instituição se torna fragilizada à medida que alguns funcionários não estão mais, em virtude da mobilidade, fisicamente dentro da empresa, fixos a um espaço. Essa falta de fixação, a longo prazo, fragiliza os laços de lealdade e compromisso e, conseqüentemente, a instituição. Levando o pensamento de Bauman sobre a fragilização dos relacionamentos para o campo do trabalho, poderíamos dizer que os funcionários considerados “a elite global” são os pilares da estrutura da empresa. Isso nos induz a pensar que se esses pilares estão fora do seu lugar ou fora do seu espaço de sustentação, a probabilidade de desestruturar a ordem é grande, podendo atingir conseqüências catastróficas como a total desestruturação da empresa.

Essas características apresentam, segundo Bauman, o retrato fiel do contexto atual que estamos vivendo. Sendo a nossa uma realidade líquida, que escorra pelas nossas mãos como água, certamente não passará despercebida e será vivenciada por nós contemporâneos de forma singular. Já que estamos vivendo em um contexto social em transformação torna-se necessário saber como as pessoas estão lidando com essas novas experiências no seu cotidiano de trabalho.

2.4.3

Manuel Castells e a Sociedade em Rede

Dentre os autores que vêm estudando as recentes transformações mundiais desde a década de 1970, destaca-se o sociólogo espanhol Manuel Castells (Castells, 1999a). Atualmente, atua como professor de Comunicação da Universidade da Califórnia Meridional e vem escrevendo sobre as mudanças sociais, principalmente aquelas originadas a partir do advento das novas tecnologias da informação.

Entre suas principais obras destacamos a trilogia “*A Sociedade em Rede*”, composta pelos seguintes volumes: “*A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*” (1999a), “*O poder da Identidade*” (1999b) e “*Fim de Milênio - Tempo de Mudança*” (2000). Destacamos, ainda, “*A Galáxia da Internet*” (2003), livro mais recente que Castells publicou.

Na maioria dos seus livros, Castells mapeia o cenário histórico-social desde a Revolução Industrial até os dias atuais marcados pela inserção das Novas

Tecnologias da Informação (NTI) e como estas interferem nas estruturas sociais, tais como as famílias, as empresas, as escolas, enfim, as instituições de modo geral. Castells faz um resgate histórico dos acontecimentos mundiais e das mudanças sócio-econômico-culturais que ocorreram paralelamente ao surgimento do que ele mesmo denomina de Era da Informação ou Sociedade da Informação.

Castells, em algumas de suas obras, analisa com profundidade as mudanças que estão ocorrendo no mundo do trabalho. São estas mudanças que serão priorizadas nesse estudo. Para que o leitor compreenda o contexto no qual o mercado de trabalho está inserido faz-se necessário apresentar o que é, segundo Castells, a Sociedade em Rede. Considerando que o trabalho está imerso nessa sociedade que se estrutura em rede descreveremos brevemente algumas de suas características, para depois, entrar no âmbito do trabalho propriamente dito.

Castells denomina a sociedade atual de Sociedade em Rede porque, segundo ele, a estrutura social presente na sociedade contemporânea é similar a de uma rede. Assim, rede é um sinônimo para as complexas redes de relacionamentos interpessoais vividos na contemporaneidade. Para Castells, os relacionamentos interpessoais são verdadeiras redes que conectam uma pessoa a outra e assim sucessivamente.

Segundo Castells (1999a), a rede é "um conjunto de nós interligados" (voltaremos a falar desses nós quando falarmos de espaços de fluxos). As redes sempre serviram às atividades humanas, como na pesca, por exemplo. Atualmente, essas redes ganharam uma nova vida ao converterem-se em redes de informação, impulsionadas pela *Internet*. Assim como as redes (no seu sentido primeiro) possuem nós interligados, as redes de computadores também os têm. Podemos utilizar o desenho de rede para entendermos, em parte, o que vem a ser a Sociedade em Rede. Digamos "em parte", pois a rede formada na Sociedade em Rede é muito mais complexa do que qualquer outro "objeto rede" que possamos imaginar, porque fazemos parte dela com nossas singularidades. Assim, podemos definir, de forma bem simples, a Sociedade em Rede como aquela em que as pessoas podem estar interconectadas através de seus computadores pessoais ou profissionais, facilitando, conseqüentemente, a troca de informações e conhecimento. Esse conceito de rede aplicado às relações humanas talvez seja a mais importante contribuição teórica de Castells.

Essa interconexão é possibilitada pelas novas tecnologias da informação como, por exemplo, a *Internet*. Para compreendermos melhor a passagem de uma era em que não havia *Internet* para outra onde esta tecnologia passa a ser a principal ferramenta/meio de comunicação da contemporaneidade, gostaríamos de apresentá-la brevemente baseada nos conceitos de Castells.

Segundo o autor, *Internet* é uma rede de computadores interligados que permite, pela primeira vez, a comunicação entre muitas pessoas ao mesmo tempo e em uma escala global, ou seja, as pessoas podem se falar quando quiserem, com várias pessoas ao mesmo tempo, em qualquer lugar do mundo em que estejam.

Assim, a *Internet* surgiu, sobretudo, devido a uma demanda social. Com isso, Castells quer dizer que, à medida que as pessoas em sociedade foram precisando se comunicar, relacionar-se de uma forma mais veloz e em tempo real, tecnologias foram sendo desenvolvidas para suprir essas necessidades:

“A famosa idéia de que a Internet é algo incontrolável, libertário etc, está na tecnologia, mas porque ela foi desenhada, no curso de sua história, com essa intenção. Quer dizer, é um instrumento de comunicação livre criado de forma múltipla por pessoas, setores e inovadores que queriam que fosse um instrumento de comunicação livre. Nesse sentido, devemos ter em mente que as tecnologias são produzidas por seu processo histórico de constituição e não simplesmente por desenhos originais da tecnologia” (Castells, 2003, p. 262).

Dada a importância que Castells dá à inserção das novas tecnologias da informação em nossa atual sociedade e considerando, de forma resumida, que a *Internet* se configura a partir de vários computadores interligados formando uma rede, Castells denomina a nossa sociedade de “Sociedade em Rede”. Veremos, a seguir, com mais detalhes, outras características da nova sociedade em rede e, conseqüentemente, as vantagens e desvantagens do uso das novas tecnologias da informação segundo Castells.

As novas tecnologias da informação estão, segundo Castells, redefinindo os processos de trabalho, a estrutura ocupacional e, portanto, a organização dos trabalhadores. É importante notar que Castells, ao falar do grande impacto que a revolução informacional está tendo no trabalho, não exclui a estrutura organizacional que já existia antes desta. Assim, Castells afirma que não é a tecnologia em si a única causa dos procedimentos e situações atuais encontradas no trabalho. A organização do trabalho dentro de uma empresa vai depender de um conjunto de fatores tais como decisões administrativas, sistemas de relações

entre empresas, ambiente institucional e outras; ou seja, vai depender da história daquela empresa.

Porém, o uso dos computadores em rede pelos profissionais dentro das empresas aconteceu de modo gradativo. Algumas décadas foram necessárias para chegarmos a usar os computadores como estamos usando hoje. Em se tratando do âmbito do trabalho, houve um processo de aprimoramento da tecnologia e, talvez, mais que isso, houve a aceitação por parte de alguns profissionais de que a demanda crescente do mercado de trabalho exigia que mais profissionais, até o momento não especializados, começassem também a tomar conhecimento da tão sofisticada tecnologia.

Como falamos anteriormente, todo esse processo de aceitação e adaptação do uso dos computadores não aconteceu de uma hora para a outra. Segundo registros encontrados em Castells (2006), esse processo data por volta das décadas de 1960 e 1970 quando se começou a usar as novas tecnologias somente dentro das empresas. Nessa época ainda não existiam os microcomputadores e os famosos PC's, computadores pessoais. Nesse período, mesmo dentro da empresa, notava-se uma hierarquização quanto ao uso dos computadores. O uso dos computadores era centralizado em alguns especialistas da área de informática que usavam *mainframes*, ou seja, supercomputadores que tinham a capacidade de processar grandes lotes de dados, de informações. Assim, somente profissionais de algumas áreas específicas tinham acesso a esses dados.

Com o tempo, já na década de 1980, surgiram os microcomputadores, máquinas menores que também processavam dados, mas agora, eram utilizados por outros funcionários encarregados, especificamente, pelo processamento de dados. Nesse momento, os microcomputadores começaram a ser usados associados às telecomunicações, o que permitiu o início da formação das redes entre os computadores de vários escritórios, ou seja, pessoas que estavam no computador em um escritório tinham acesso às informações de computadores que estavam em outro escritório. Dessa forma, as pessoas começaram a perceber que os processos de trabalho ficavam mais ágeis e fáceis de serem solucionados, pois uma vez que qualquer pessoa dentro da empresa tinha acesso a determinadas informações ela mesma poderia solucionar o problema, ao contrário de antes, quando se dependia de um pequeno grupo especializado.

Juntamente com essa abertura para outros profissionais ao uso da tecnologia, houve a necessidade de especialização dos mesmos. Já que mais trabalhadores usavam as máquinas, a própria estrutura da empresa teve que se reorganizar. Daí surge a expressão que conhecemos até hoje como regente do mercado de trabalho: a empresa em rede. O que se pode perceber hoje no mercado de trabalho é um processo que vem desenvolvendo-se mais fortemente desde a década de 1990 que é, exatamente, a fortificação e o surgimento de vários espaços (escritórios) de trabalho. Esses espaços foram possibilitados pela integração em rede de um número muito maior de computadores interagindo entre si, se compararmos ao número existente no início do processo, e ainda com *mainframes*, formando uma rede interativa entre os profissionais capazes de processar a informação, comunicarem-se e tomarem decisões em tempo real. Assim, surge na atualidade o que conhecemos ou ouvimos falar de “espaço virtual de trabalho” ou “escritórios virtuais”.

A partir dessa nova lógica organizacional (em rede), surge um novo trabalhador que cada vez mais adquire autonomia para tomadas de decisão embasadas nos arquivos de dados disponíveis nos computadores da empresa.

O fato é que as novas tecnologias da informação estão mexendo com conhecidos e reconhecidos cargos tradicionais dentro de uma empresa, o que propicia o surgimento de outros. Cargos que até hoje eram estáveis, fixos e que, de certa forma, davam a sensação de estabilidade às pessoas estão deixando de existir para dar lugar a cargos mais flexíveis, que permitam maior mobilidade das pessoas que ocupam tais cargos, requerendo das mesmas o conhecimento de saber lidar com situações rápidas, fluidas e a curto prazo. O planejamento a longo prazo ficou difícil de ser executado na Era da Informação, pois as rápidas mudanças no trabalho exigem dos trabalhadores a rápida mudança de planos.

Dessa forma, o perfil profissional da Sociedade em Rede é muito mais variado que antes. Além disso, hoje em dia, temos uma diversidade de profissões que, até pouco tempo, não pensávamos que fossem existir um dia. Porém, nem todas as profissões que surgiram nos últimos anos estão vinculadas diretamente às novas tecnologias da informação, mas, possivelmente, foram afetadas indiretamente por elas. Por outro lado, há profissões que sofrem influências indiretas das novas tecnologias como, por exemplo, aquelas que necessitam de recursos materiais produzidos a partir delas: uma determinada peça ou a

confeção final de um produto. Assim, usando ou não, de alguma forma, as tecnologias não passam despercebidas.

Castells nos chama a atenção para um fenômeno interessante que está ocorrendo na contemporaneidade em relação a esses profissionais. Os trabalhadores estão passando por um processo de transformação que Castells denominou de individualização do trabalho. Os profissionais estão, cada vez mais, munidos das novas tecnologias, tomando decisões sozinhos, solucionando problemas e até mesmo prestando outros serviços fora do seu horário oficial de trabalho.

A descentralização de tarefas possibilitada pelas novas tecnologias permite que os profissionais, de uma forma interativa e à distância, possam se comunicar com outros profissionais de qualquer lugar do mundo. Com isso, como o profissional depende de si mesmo, ele tende a ganhar maior mobilidade com as novas tecnologias, pois pode trabalhar independentemente de ter um local fixo de trabalho. Há, talvez, um espaço físico onde ele possa voltar no fim do dia para guardar seu material, mas isso não ocorre necessariamente. O que acontece, muitas vezes, é que ele sai no início da manhã de casa e só volta ao anoitecer. Seus contatos profissionais são feitos durante todo o dia de qualquer lugar em que ele esteja. Ele pode, por exemplo, por telefone, agendar ou desmarcar outro serviço enquanto está na casa de um cliente.

Visto esse panorama, gostaríamos de destacar, da obra de Castells, algumas categorias do trabalho relevantes para este estudo e que, embora ele as aborde de forma não muito clara, apontam para as transformações que estão ocorrendo no trabalho devido às novas tecnologias da informação. Vejamos cada uma delas: papel da informação, relação tempo/espaço, flexibilidade, diluição das barreiras e mobilidade.

2.4.3.1

O papel da informação na sociedade contemporânea

Informação é, segundo Castells, a mola propulsora do mercado de trabalho na contemporaneidade. De maneira geral, podemos observar, no nosso cotidiano, o quanto as pessoas necessitam estar mais informadas acerca do que acontece no seu grupo social e no mundo. Quando entramos no âmbito do trabalho, essa

demanda pela busca de informação não só cresce dia após dia como se torna a ferramenta mais disputada no mercado de trabalho. Nesse contexto, Castells nos mostra o papel que a informação alcança na sociedade contemporânea, sobretudo no campo profissional.

Antes, a informação era gerada com o fim maior de se produzir algo novo, ou seja, o produto final era a tecnologia. Atualmente, a informação é o produto principal de toda negociação, toda movimentação, seja no campo econômico, político ou educacional.

Com isso, Castells nos induz a pensar que, hoje, o lema do mercado de trabalho é: “quem tem a informação está na frente”. Dessa forma, há uma busca quase que inalcançável de informações a fim de se obter maior produtividade, de maximizar a produção de um produto novo e colocá-lo no mercado antes que seus concorrentes. Seguindo essa idéia, pode-se dizer que a “informação” é a maestrina que rege o ritmo do cotidiano de trabalho na contemporaneidade.

Talvez, um dos meios que está sendo mais frequentemente usado para troca de informações seja a Internet. Um exemplo seria a interconexão entre várias empresas para desenvolver um produto X. Com essa tecnologia, várias empresas podem trocar informações para maximizar a realização e a eficiência de algum produto. Alguns *softwares* e programas web, por exemplo, ficam com seus códigos abertos na rede para que os desenvolvedores (profissionais da informática e telecomunicações) possam ter acesso às informações e, a partir de um ponto determinado, continuem a desenvolver, melhorando cada vez mais a qualidade do produto.

Outro ponto que pode ser observado em relação ao trabalho é que, considerando que quem tem informação está melhor preparado para entrar no mercado de trabalho, algumas empresas vêm se especializando para oferecer cursos de informática, de *Internet*, de programação de sites para as mais variadas faixas etárias e para diferentes demandas. Tudo isso para tentar dar conta da necessidade de as pessoas se atualizarem e se estabelecerem no mercado de trabalho.

A nova tecnologia da informação está, na visão de Castells, redefinindo os processos de trabalho, o perfil dos trabalhadores e, conseqüentemente, o emprego e a estrutura ocupacional. Nesse contexto, são fatores essenciais de produtividade e competitividade no mercado de trabalho contemporâneo uma mão de obra bem

qualificada. Assim, em um mercado de trabalho que “sofre” constantes mudanças faz-se necessário a contínua atualização e a qualificação dos profissionais.

2.4.3.2

Relação tempo/espaço

Castells considera a análise do espaço e do tempo essencial quando falamos de mudanças promovidas pelas tecnologias da informação no mundo do trabalho. Segundo ele, é essa relação que permeia todas as atividades no nosso dia-a-dia, especialmente as profissionais. Diz Castells:

“Tanto o espaço quanto o tempo estão sendo transformados sob o efeito do paradigma da tecnologia da informação e das formas sociais induzidas pelo processo atual de transformação histórica” (Castells, 2006, p. 467).

Em se tratando do trabalho, Castells afirma que, na contemporaneidade, a relação tempo e espaço está mais flexível. Por exemplo, a possibilidade que muitas pessoas têm, hoje, de trabalhar em sua própria casa, característica principal dos profissionais liberais, foi viabilizada a partir do surgimento da empresa integrada em rede. Assim, as pessoas podem resgatar informações que estão no computador da empresa ou mesmo enviar um relatório feito de última hora. Atualmente, o aperfeiçoamento das tecnologias da informação adicionado às demandas do trabalho permite os profissionais trabalharem em qualquer lugar do mundo. A esse fenômeno Castells (1999a) denomina descentralização do local de trabalho.

Vivendo em uma sociedade em rede, cada vez mais cresce a necessidade de se trabalhar também em rede. Ao contrário do que se pensava quando surgiram as novas tecnologias da informação, que as pessoas iriam trabalhar mais em suas casas, elas possibilitaram muito mais do que isso, elas possibilitaram que as pessoas trabalhem cada vez mais em espaços diferentes, dando a elas maior mobilidade. Surge o que Castells vai denominar de *“escritório móvel, escritório portátil, a circulação do indivíduo sempre conectado à Internet, em distintos pontos físicos do espaço”* (Castells, 2003, p. 265).

Assim, o diretor de uma empresa pode gerenciar vários projetos ao mesmo tempo sem estar necessariamente fixo a um local de trabalho, ou seja, em uma

sala, fisicamente falando. Além disso, ele pode precisar de que lhe enviem um documento para uma reunião que acontecerá, naquele momento, em outro país e muitas outras situações.

A mobilidade do trabalho, ou seja, a possibilidade de trabalhar em vários espaços não é privilégio de todos os profissionais. Castells faz uma diferenciação dos profissionais que a têm a seu favor - profissionais que têm acesso ao espaço de fluxos - e os que não a têm - profissionais que ocupam o espaço de lugares.

Já que novas configurações do trabalho surgem e, conseqüentemente, novas relações se estabelecem, Castells aponta um novo conceito de espaço de trabalho que consideramos de grande relevância na sua teoria para entender as mudanças atuais do mercado de trabalho - o *espaço de fluxos*, como já foi mencionado. Segundo Castells (1999a), espaço de fluxos é a nova lógica que rege a organização do espaço no trabalho, ou seja, atualmente, a vida profissional das pessoas funciona sob uma nova lógica espacial:

“Nossa sociedade está construída em torno de fluxos: fluxos de capital, da informação, fluxos de tecnologia, fluxos de interação organizacional, fluxos de imagens, sons e símbolos. Fluxos não representam apenas um elemento da organização social: são a expressão dos processos que dominam nossa vida econômica, política e simbólica. (...) Por fluxos entendo as seqüências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade.” (Castells, 1999a, p. 501).

Podemos entender o espaço de fluxos como um novo espaço que surge na contemporaneidade. É um espaço onde há, literalmente, o fluxo de informações. Pode-se dizer que o surgimento desse novo espaço se deu graças à inserção das novas tecnologias da informação.

Para entender melhor esse novo espaço, utilizaremos o contraponto que o próprio autor faz para caracterizá-lo: espaço de lugares e espaço de fluxos.

Na definição de Castells, *“lugar é um local cuja forma, função e significado são independentes dentro das fronteiras da contigüidade física.”* (Castells, 1999a, p. 512). Nesse local denominado lugar ainda se pode perceber a existência de fronteiras e, por isso, tende a ter regras, padrões, hábitos e crenças particulares bem definidos e que, por terem essa característica, proporcionam às pessoas a sensação de segurança.

Para ele, “*as elites são cosmopolitas, as pessoas são locais. O espaço de poder e riqueza é projetado pelo mundo, enquanto a vida e a experiência das pessoas ficam enraizadas em lugares, em sua cultura, em sua história.*” (Castells, 1999a, p. 505).

As pessoas, então, vivem segundo uma lógica local que tem suas regras “conservadas” pelas fronteiras. Em contrapartida, Castells diz que o mercado de trabalho parece girar em torno de uma lógica de fluxos. No espaço de fluxos, acontece o contrário. O fluxo nos transmite a idéia de movimento constante. O conhecimento e as informações são renovados e disponibilizados para as pessoas a todo momento. No espaço de fluxos, tudo está interconectado e as fronteiras que delimitavam os espaços perdem sua função na contemporaneidade.

Dessa forma, o espaço de fluxos dá uma nova forma à organização espacial das elites gerenciais dominantes, ou seja, daquele grupo que tem acesso às novas tecnologias. As elites exercem funções de direcionar as pessoas que fazem parte do espaço de lugares. A teoria do espaço de fluxos parte da suposição implícita de que as sociedades são organizadas de maneira assimétrica e em torno de interesses dominantes específicos da elite. Assim, em cada instituição, há basicamente dois grupos de trabalhadores: a elite, que ocupa o espaço de fluxos e tem o poder de solucionar os problemas por ter acesso às informações, e os trabalhadores de modo geral, que ocupam o espaço de lugares e estão sempre presos a um local e ao cargo que ocupam.

Outro exemplo na mudança da relação tempo/espaço está no surgimento de outros espaços de trabalho. A partir do uso das novas tecnologias da informação, há empresas, por exemplo, que se desenvolveram e fazem suas tramitações de compra e venda unicamente pela *Internet*, fazendo desta uma ponte entre o vendedor e o comprador. Um site específico, por exemplo, é aquele que comercializa livros. Os itens (os livros) e suas especificações estão lá, expostos em um catálogo virtual - *online* - que pode ser acessado a qualquer hora de qualquer lugar. As pessoas entram no *site*, fazem uma busca pelo nome do autor, título da obra ou editora, verificam se o livro desejado está disponível ou não e, depois, ainda escolhem a forma de pagamento que, muitas vezes, é feita por cartão de crédito e, por fim, escolhem a forma de recebimento do produto.

Essa não é a única forma de se comprar ou vender um livro, mas, certamente, é uma nova forma. Mesmo que indiretamente, ou melhor, mesmo que

não estejamos vendo o vendedor e nem apalpando o produto como faríamos em uma loja, pessoas estão envolvidas nesse trabalho, desde o primeiro acesso do cliente ao site até a sua entrega.

Enfim, esses são somente alguns dos inúmeros exemplos existentes na reorganização do trabalho. Nesse ponto de vista, as novas tecnologias da informação vieram modificar o trabalho, pois permitem conectar escritórios, residências em uma área muito extensa, facilitando o trabalho em qualquer lugar em que a pessoa esteja. Por outro lado, essa reorganização do tempo em função dos vários espaços que a pessoa ocupa nem sempre é tão fácil.

2.4.3.3

Flexibilidade

Característica da Sociedade em Rede a flexibilidade contribuiu para uma nova forma de agir e se torna mais visível quando trata das mudanças ocorridas no mercado de trabalho.

Castells diz que a flexibilidade é uma das transformações mais importantes produzidas nas relações de trabalho:

“A estrutura reticular da empresa; o rápido ritmo da economia global e a capacidade tecnológica que permite o trabalho on-line, tanto para indivíduos quanto para empresas, contribuem para o surgimento de um esquema flexível de emprego” (grifo meu) (Castells, 2004, p.122).

A idéia de trilhar uma carreira profissional previsível, trabalhando sempre na mesma empresa/instituição, tendo condições contratuais de trabalho fixas comuns a quase todos os trabalhadores e fazer planejamento a longo prazo são princípios que se tornam cada vez mais distantes da realidade contemporânea. A estrutura pré-estabelecida é coisa do passado.

Se antes as regras e os padrões eram fixos e isso dava segurança e estabilidade às pessoas (mesmo que essas sensações não fossem reais), na Sociedade em Rede, ao contrário, a soberania é da flexibilidade. Quanto mais flexível for uma pessoa, quanto maior sua capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo, quanto maior for a sua capacidade de adaptação a situações novas, melhor.

No âmbito profissional, a flexibilidade, hoje, tornou-se um pré-requisito para ser selecionado e entrar em uma empresa. Em muitos jornais, encontramos anúncios escritos desta forma: “*Precisa-se de pessoas que tenham flexibilidade e capacidade de solução rápida de problemas...*”. Além disso, na maioria das vezes, exigem-se anos de experiência profissional.

O que parece acontecer na atualidade é que a experiência exigida não é mais tanto do conhecimento técnico da pessoa. Parte-se do princípio que esta já esteja capacitada tecnicamente. A exigência atual se refere à capacidade que a pessoa tem de saber lidar com diferentes situações ao mesmo tempo e ter um resultado eficiente. Assim, o que faz a diferença, hoje, é justamente a flexibilidade que cada pessoa tem no que se refere ao trato com as pessoas, a estar aberta a mudanças, ao uso de novos recursos tecnológicos, a fazer alianças estratégicas interorganizacionais e outras.

Na Sociedade em Rede, a estrutura de trabalho tradicional, como mostrada no parágrafo anterior, vem sendo deixada de lado para dar espaço à estrutura flexível. Para exemplificar, hoje, há o trabalho temporário, a subcontratação e as consultorias. Todas essas são novas formas de relação profissional que são estabelecidas na atualidade. No caso das consultorias, as pessoas são contratadas para realizarem um determinado trabalho e, logo que terminam, são remanejadas para outro trabalho/projeto, que poderá ser na mesma empresa ou não.

A flexibilidade adquirida na vida profissional a partir das novas tecnologias da informação proporciona mobilidade às pessoas, permitindo que trabalhem em diversos lugares. Dizemos diversos lugares porque a pessoa pode trabalhar em vários lugares mesmo, pois não deve dedicação exclusiva a uma determinada empresa. Além disso, a pessoa não precisa estar necessariamente em um determinado espaço físico para a realização do seu trabalho; ela está, agora, no espaço de fluxos.

2.4.3.4

Mudança nos relacionamentos

Muitas coisas já foram ditas sobre a Internet, coisas terríveis, tais como que ela isola as pessoas, que as deixa alienadas, que causa danos irreparáveis às crianças e jovens e, principalmente, que a *Internet* destrói os laços e os vínculos familiares, pessoais, e fragiliza os vínculos de compromisso e de responsabilidade no trabalho.

Apesar de tudo que já foi dito, para Castells, a *Internet* não modifica a base/estrutura dos relacionamentos. Ele diz que, se um relacionamento vai bem, com a *Internet*, a probabilidade é de ficar ainda melhor. Mas, se o relacionamento é ruim, com a *Internet*, ele irá continuar igualmente ruim. O mesmo acontece com os relacionamentos dentro do trabalho, com um adicional: com as novas tecnologias da informação as pessoas ficaram muito mais dinâmicas e acessíveis em seu trabalho. Elas podem trocar informações, conhecimentos, dúvidas com pessoas que não necessariamente conhecem pessoalmente. Esse fato, entretanto, não traz de forma alguma prejuízos à empresa, tampouco ao trabalhador. Na verdade, é uma nova forma de se relacionar e de trocar informações, que tem aumentado o rendimento nas pequenas e grandes empresas.

Dessa forma, a *Internet* não acaba com os relacionamentos nem os torna mais frágeis. O que irá influenciar na continuidade ou não dos relacionamentos está diretamente relacionado à capacidade ou à habilidade que cada pessoa tem em manter os vínculos, seja on-line ou off-line.

Diz (Castells, 2003 p. 273):

“(...) aquilo que as pessoas faziam, elas continuam fazendo com a Internet para quem as coisas andavam bem, ficaram ainda melhores, e para quem elas iam mal, continuam igualmente ruins. Quem tinha amigos também os tem na Internet e quem não os tinha, tampouco os tem na Internet”.

Assim, tanto *online* como *offline*, espera-se que tenhamos um contato razoavelmente frequente para que os vínculos não enfraqueçam. O que nos leva a pensar que a fragilização dos relacionamentos entre duas ou mais pessoas não é exclusiva da “vida *online*”. Ela pode acontecer também na “vida *offline*”, o que reforça o pensamento de Castells quando diz que, provavelmente, se uma relação

de amizade, afetiva ou profissional for forte, a tendência é manter-se forte com as novas tecnologias. Ao contrário, se ela for fraca ou ruim tenderá a uma fragilização. E isso também acontece fora da *Internet*, ou seja, na vida real.

Como podemos pensar, então, que a Internet afasta as pessoas e torna seus relacionamentos frágeis se ajuda a solucionar problemas, aproxima e agrupa cada vez mais profissionais que moram e trabalham em lugares extremamente distantes? Quanto a isso Castells diz:

“(...) à medida que se desenvolvem em nossa sociedade projetos individuais, projetos para dar sentido à vida a partir do que se é e do que se quer ser, a Internet possibilita tal conexão, ultrapassando os limites físicos do cotidiano, tanto no lugar de residência quanto no trabalho, e gera redes de afinidades” (2003, p. 274).

O que acontece muitas vezes, a exemplo das grandes empresas multinacionais, é que sua sede está em um país e suas empresas ficam espalhadas pelo mundo. Eventualmente, alguns diretores ou funcionários de alto escalão viajam para suprir algumas necessidades que, certamente, já tentaram ser resolvidas por outros meios, por exemplo, pela *Internet*. Há várias empresas instaladas no Brasil com sede nos Estados Unidos. Nesse caso, é sabido que alguns de seus funcionários fazem um treinamento de 15 dias, uma vez por ano na sede principal. Além disso, quando algum funcionário tem alguma dúvida ou está tendo dificuldades de solucionar um impasse ele pode, na mesma hora, se interconectar com seu “parceiro” de trabalho nos Estados Unidos ou até mesmo na Nigéria.

2.4.3.5

Diluição das fronteiras

Como já foi dito, fronteira é o limite entre duas áreas, regiões, espaços, cidades, países, etc. Percebemos bem e todos nós estudamos em geografia as fronteiras entre uma cidade e outra, entre um país e outro. Mas, pouco estudadas e dificilmente percebidas, são as fronteiras estabelecidas dentro de uma estrutura social, familiar ou organizacional.

Na Sociedade em Rede, Castells registra a diluição de algumas dessas fronteiras, sejam elas geográficas, reais ou virtuais.

Essa diluição, segundo ele, tem origem na inter-conexão das tecnologias da comunicação, mais especificamente dos computadores interligados em rede. Mas como isso acontece?

A rede se ramifica e faz conexões entre inúmeras pessoas onde quer que elas estejam. A rede permite a troca e a transmissão de informações e desconhece os limites/barreiras geográficos. Assim, vários profissionais se utilizam desse recurso para fazerem contato com pessoas de outra empresa e até de outro país.

Dessa forma, as novas tecnologias da informação estão trazendo algumas mudanças no mercado de trabalho, sobretudo na transformação do modelo de comunicação da empresa e em base material sobre a qual se produz esta mudança, e vem afetar o próprio trabalho. Entre essas duas características, gostaria de destacar a primeira, pois é onde podemos ter, visualmente, a noção da estruturação do trabalho na contemporaneidade.

A empresa em formato piramidal, hierarquizada, com produção em série cede lugar a uma empresa em formato de rede, mais ramificada. Hoje, ao contrário da pirâmide hierárquica de cargos frequentemente reconhecida em algumas empresas tradicionais, vemos uma empresa em forma de rede, mais horizontal que vertical, propiciando maior mobilidade e flexibilidade de comunicação aos trabalhadores. É importante dizer que as empresas e as instituições tradicionais, de forma piramidal, não sumiram como um todo. Elas ainda tentam sobreviver e, talvez, diríamos que é preciso que elas sobrevivam, mas este não é o ponto em discussão.

Esta nova configuração foi possível devido à interconexão dos computadores em rede. Com a *Internet*, por exemplo, temos uma nova plataforma, um novo lugar, onde tudo que era feito antes pode continuar sendo feito agora, só que com algumas mudanças. Para citar outros exemplos, hoje, um profissional, que não tem tempo de ir ao banco porque não consegue sair do escritório ou porque está sempre viajando a negócios pode pagar suas contas, falar e tirar suas dúvidas com o gerente da sua agência *online*, fazer compras, trocar informações e muitas outras possibilidades. Tudo isso porque a conexão entre os computadores permite essa veloz dinâmica.

O diretor de uma empresa ou de uma universidade era dificilmente acessado. Ele tinha a sua sala ou seu escritório e esse espaço lhe dava certo afastamento das pessoas que ficavam abaixo dele. Sendo assim, eles só se

encontravam com seus subordinados eventualmente, em algumas reuniões que eram marcadas pelos próprios diretores. Antes dos problemas ou dúvidas chegarem até o diretor, passavam pela secretária, pelo coordenador ou pelo gerente e somente depois, em última instância, o problema chegava ao seu conhecimento. Atualmente, mesmo quando uma pessoa é “barrada” na porta do escritório ou da sala do diretor, ela pode acessá-lo através dos recursos tecnológicos disponíveis. A qualquer momento, por exemplo, esse diretor pode ser acessado por e-mail, o que antes, em uma empresa de estrutura hierarquizada sem a infra-estrutura tecnológica, não acontecia.

Para finalizar, gostaríamos de reforçar que, a partir das categorias propostas por Castells, pode-se observar que as tecnologias da informação possibilitam reorganizar a sociedade e, sobretudo, o trabalho. A *Internet* se tornou o meio de comunicação, de interação, que proporciona uma nova forma de organização social. Permite “conectar” escritórios, empresas, residências e serviços. Entre outras mudanças, permite-nos o contato com diferentes pessoas simultaneamente.

Diante das transformações possibilitadas pelas novas tecnologias da informação, deve-se ter outro olhar, diferente daquele que unifica, através de uma teoria, um conjunto de novas formas e novas atitudes. Na contemporaneidade, fazem-se necessárias novas teorias para tentar explicar algo que é novo, que pertence ao hoje e não mais ao ontem. Pode-se dizer que devemos deixar de lado o olhar “côncavo”, aquele olhar que direciona as idéias ou as soluções para um ponto único e certo, e substituí-lo por um olhar “convexo”, amplo, aberto às novas mudanças e aos novos acontecimentos. Talvez, assim, possamos entender melhor o que está acontecendo no trabalho contemporâneo. Mesmo que o olhar sobre a atualidade seja convexo, não podemos dizer que não há regras, que a sociedade agora é um caos total; novas regras são criadas e mudadas em um processo contínuo de transformação social.

Segundo Castells (2003, p.265), “a sociedade se apropria das tecnologias, adaptando-as ao que a própria sociedade faz”. A tecnologia, portanto, não surgiu desvinculada da sociedade, mas se desenvolve de acordo com sua demanda e necessidades. Não podemos pensar a produção da tecnologia como via de mão única; a tecnologia não foi algo que se implantou na “Terra” isenta de qualquer influência. À medida que a tecnologia foi sendo desenvolvida, seu uso se tornou

mais difundido na sociedade que, por sua vez, maximiza o seu uso e estimula o surgimento de novas tecnologias. Assim, podemos dizer que a relação entre sociedade e tecnologia é uma via de mão dupla; ao mesmo tempo em que a tecnologia é desenvolvida pela sociedade, ela interfere nas relações sociais, o que nos remete à idéia apresentada no início desta seção.

2.4.4

Integrando as idéias: Tentando achar uma química entre os três curandeiros

Passamos a apresentar, a partir de agora, uma tentativa de integração das idéias de Sennett, Bauman e Castells a respeito das mudanças que estão ocorrendo no trabalho, embora todos os autores tenham uma visão mais ampla sobre as mudanças que estão ocorrendo na sociedade.

Pelo alto grau de heterogeneidade que apresentam, as obras destes autores resistem a classificações e análises simplistas. É possível, contudo, agrupá-las em dois eixos: de um lado as Teorias Pós-Modernas com Richard Sennett e Zygmunt Bauman e de outro lado a Teoria das Tecnologias da Informação proposta por Manuel Castells.

Sennett, Bauman e Castells abordam as mudanças de forma dualista, propondo a ruptura entre dois períodos na história do trabalho na sociedade embora, como já foi dito anteriormente, o referencial de cada um dos autores seja diferente.

A esses períodos tão distintos, Sennett, Bauman e Castells nomeiam da seguinte forma: Modernidade/Pós-Modernidade, Modernidade Sólida/Modernidade Líquida e Sociedade da Informação ou Contemporaneidade, respectivamente.

A partir desse momento, adotaremos o termo contemporaneidade para designar o período atual, em que estamos vivendo. Faremos referências aos termos Modernidade, Pós-Modernidade, Modernidade Sólida e Líquida quando forem necessários para apontar um ou outro pensamento referente a Richard Sennett e Zygmunt Bauman.

Para facilitar o entendimento do leitor, reunimos as idéias de Sennett, Bauman e Castells e as apresentamos agora, categoria por categoria, mesmo que nem todas tenham recebido a mesma nomenclatura pelos autores.

2.4.4.1

Relação tempo/espaço

Bauman, Sennett e Castells concordam que, na atualidade, os profissionais podem trabalhar em diferentes lugares. Eles não estão mais, obrigatoriamente, fixos ao local físico da empresa. Bauman e Castells indicam o surgimento de novos espaços de trabalho que foram possibilitados a partir das novas tecnologias da informação: o espaço extraterritorial e o espaço de fluxos respectivamente e, embora não tenham natureza física, estão mexendo, significativamente, no conceito de trabalho.

Com o surgimento desses espaços, os profissionais ganham agilidade e o trabalho ganha velocidade, pois esses espaços são utilizados para a troca de um grande fluxo de informações e conhecimentos entre as pessoas.

Em relação a Sennett, pode-se dizer que ele não sugere, como Castells e Bauman, o surgimento de um novo espaço, mas deixa claro que as mudanças ocorridas no trabalho estão permitindo aos profissionais trabalharem em vários lugares que, até então, não se imaginava. Com isso, a distribuição de tempo atribuída a cada tarefa estará relacionada à demanda do mercado de trabalho.

Os autores indicam que tempo e espaço, na contemporaneidade, estão confusos e misturados, estão sem os limites que lhes davam sentido. Na atualidade, o tempo atribuído aos vários espaços que ocupamos é muito diversificado. Não há um padrão pré-estabelecido de quanto tempo se deve dedicar ao trabalho, à família ou ao lazer; ou seja, o tempo se tornou mais flexível e varia, portanto, de acordo com as demandas profissionais e pessoais. O que se pode perceber, muitas vezes, é que o trabalho “invade” os outros espaços. Dessa forma, as pessoas têm a sensação de certo descontrole em relação à sua vida profissional e, conseqüentemente, pessoal.

2.4.4.2

Diluição das Fronteiras

De maneira geral, Sennett, Bauman e Castells concordam que as fronteiras estão deixando de existir. Expressão usada prioritariamente por Bauman, a “diluição de fronteiras” diz respeito à progressiva erosão das barreiras fisicamente encontradas entre diferentes espaços que dificultavam, por exemplo, o acesso das pessoas umas às outras e também às informações.

Com a diluição das fronteiras (no caso, as hierarquias de uma empresa), os espaços tendem a se misturar, visto que não há mais barreiras geográficas que os limitem. A comunicação dentro da empresa ficou mais dinâmica e não só as pessoas ficaram mais acessíveis, como também as informações, mas não é bem assim que Bauman e Sennett pensam.

Os autores concordam que, na contemporaneidade, há uma transformação da empresa de formato piramidal em uma empresa mais horizontal e ramificada. Assim, os cargos de alto escalão podem, a partir das novas tecnologias, acessar ou serem acessados por qualquer outra pessoa de dentro da empresa. Essa comunicação não fica somente no limite geográfico da empresa. Ela vai muito além dos muros físicos da empresa, possibilitando contatos com qualquer pessoa em qualquer lugar que ela esteja.

2.4.4.3

Mobilidade

Apesar de Sennett não falar da influência das tecnologias da informação como base da mobilidade e nem nos oferecer um conceito fechado sobre o que seja, ele e os outros autores concordam que ela produz mudanças significativas no mercado de trabalho. Além disso, os autores concordam que a mobilidade tem relação com a mobilidade física que o trabalhador deve adquirir para novas estruturas dentro do seu próprio ambiente de trabalho, de um trabalho para o outro, ou seja, de um espaço para outro.

Apesar dessas “possíveis” vantagens, Sennett nos aponta para as dificuldades mais profundas e íntimas que a reorganização do trabalho, possibilitada pela mobilidade, pode gerar na vida pessoal, tais como: mudanças de

cidade, de amizade, de vizinhos etc. Essas mudanças no trabalho, então, requerem mudanças de outra ordem; que abrangem mudanças profissionais até mudanças mais íntimas afetando, inclusive, os vínculos de compromisso e lealdade estabelecidos entre as pessoas. Aliás, para Sennett e Bauman, um dos grandes prejuízos em estar sempre mudando de trabalho ou de ambiente de trabalho é a frequente mudança que também acontece nas relações interpessoais, ou seja, nos vínculos estabelecidos entre as pessoas. Já para Castells, a mobilidade incrementou, positivamente, o mercado de trabalho.

Apesar dos transtornos causados na vida profissional e pessoal, Sennett considera a mobilidade uma característica marcante da contemporaneidade e fundamental para se manter no mercado de trabalho. Os três autores concordam quanto à mobilidade no sentido geográfico, mas somente Bauman e Castells corroboram a idéia, explicitamente, sobre a força que a mobilidade ganhou no trabalho a partir da inserção das novas tecnologias digitais.

2.4.4.4

Fluidez

Embora esta seja uma categoria apresentada por Bauman, podemos fazer um paralelo ao que Sennett diz sobre a perda de uma narrativa linear e a Castells, quando fala, rapidamente, de situações fluidas. Essa associação veio do seguinte raciocínio: como já foi dito, “fluidez” é o estado que caracteriza a contemporaneidade. Se o fluido é conhecido como aquele estado que tem dificuldade de manter sua forma e muda, a todo momento, os espaços de trabalho e as relações contemporâneos não se mantêm por muito tempo. Assim, de modo geral, os autores concordam que a fluidez afeta vários aspectos no espaço de trabalho.

Seguindo as idéias desses autores, o novo panorama funcional revela uma situação de total insegurança, em que os velhos padrões estão se desestruturando e os novos ainda não são estáveis, pelo contrário, na contemporaneidade as regras e as barreiras que delimitavam os espaços estão “fluidificados”, revelando uma crise do mercado de trabalho.

Podemos nos remeter ao que Sennett diz sobre a perda da narrativa linear na Pós-Modernidade. A perda, segundo Sennett, é de algo que era estruturado,

linear e que dava estabilidade às pessoas. Sem uma organização que seja estruturada e estável e que, ao contrário, são fluidas e estão constantemente mudando, as pessoas perdem a referência de como agir em determinadas situações.

Castells (1999a, p. 289) por sua vez fala de “situações fluidas” que resistem à generalização e à padronização, ou seja, estão constantemente mudando, só que, ao contrário de Sennett e Bauman, essa constante mudança, para Castells, é característica primordial do mercado de trabalho na contemporaneidade. Pode-se dizer que as situações fluidas nascem justamente a partir do fluxo de informações possibilitado pela interconexão dos computadores em rede, ou seja, as trocas e os acessos às informações em “situações fluidas” impulsionam, segundo Castells, o mercado de trabalho.

2.4.4.5

Flexibilidade

O termo flexibilidade aparece mais frequentemente nos textos de Sennett e Castells. Já Bauman, através do termo fluidez, transmite-nos a idéia de movimento, maleabilidade e de algo que não é fixo, tampouco rígido.

Os autores concordam que a flexibilidade afetou o mecanismo do mercado de trabalho. As mudanças proporcionadas pela flexibilização do trabalho foram, entre outras, a mudança na própria estrutura da empresa, como foi dito anteriormente. A empresa ficou mais flexível; de uma hierarquia rígida a uma reestruturação mais ramificada. Com essa nova configuração, os trabalhadores também foram atingidos por essa flexibilidade: eles podem fazer várias coisas ao mesmo tempo e, além disso, podem organizar melhor seu tempo de trabalho de acordo com as tarefas que lhes são atribuídas ou que surgem imprevisivelmente.

Mesmo que, muitas vezes, os sentidos atribuídos pelos autores ao termo sejam um pouco confusos, tanto Sennett quanto Bauman apontam a flexibilidade como negativa e que traz prejuízos a todos os campos da vida social, seja na família, no lazer ou na vida profissional. Para esses autores, flexibilidade é um conceito que está sendo muito usado no mercado de trabalho, mas que sua funcionalidade é ilusória, pois, na verdade, quando as empresas descentralizam o poder na tomada de decisões e o repassam para os funcionários, elas não estão

somente passando o poder de decisão, mas toda a responsabilidade que a elas se refere. Desse modo, há o surgimento de medos e ansiedades por não saber lidar ainda com algo novo, flexível, ou seja, com tarefas que, a princípio, não faziam parte do perfil do cargo ocupado pelo funcionário.

2.4.4.6

Relacionamentos

Os autores concordam que os relacionamentos e os vínculos de trabalho foram modificados na contemporaneidade. Se, por um lado, as mudanças possibilitaram a aproximação das pessoas (Castells), por outro lado, fragilizam os vínculos entre as pessoas (Sennett e Bauman).

Mais uma vez Castells tem uma opinião diferente das de Sennett e Bauman, sendo estes mais pessimistas e aquele mais otimista. Bauman concorda com Sennett no que diz respeito às mudanças no mercado de trabalho: seus danos são quase que irreparáveis e afetam, sobretudo, o vínculo entre as pessoas.

Na contemporaneidade, os laços de compromisso e lealdade estabelecidos nas relações de trabalho estão cada vez mais fracos. A tendência do espírito de equipe dos trabalhadores é tornar-se frágil, o que pode chegar ao ponto até de desestruturação da própria empresa.

Para Bauman, o engajamento mútuo, bem como os sentimentos de lealdade e compromisso presentes no período Moderno, foi “derretido” pela nova configuração do trabalho na Pós-Modernidade, o que dificulta a manutenção dos vínculos.

Para Castells, as novas tecnologias vêm contribuir para reforçar os vínculos pessoais, sociais e, sobretudo, os profissionais. O distanciamento físico/geográfico entre as pessoas, que inclusive existe independente de qualquer tecnologia, não é negativamente avaliado. Ao contrário, para Castells, a distância não é significativa, pois, hoje, podemos nos comunicar à distância através dos computadores ligados em rede. Para este, a nova estrutura organizacional em rede possibilita que as pessoas façam melhores negócios e, conseqüentemente, aumentem sua produtividade e a rentabilidade da empresa.

Pode-se dizer que, segundo os autores, de uma maneira ou de outra, é impossível não notar os impactos que as novas tecnologias da informação têm sobre o cotidiano das pessoas.

Para finalizar este capítulo, gostaríamos de dizer que, em um contexto geral, a *mudança* é o fator central de preocupação para todos os autores e, nesse sentido, homens e mulheres da sociedade contemporânea estão tendo que construir e aprender novos valores e hábitos em função das novas referências do mercado de trabalho.

A desconstrução de antigos paradigmas para a construção de novos é, embora saudável, muito complexa. A rede de crenças, valores, ideais, desejos e expectativas que temos começou a ser formada antes mesmo de nos darmos conta de quem éramos como seres humanos. Assim, não se deixa completamente uma vivência, uma experiência para trás para dar início a outras. Emocionalmente, não há uma ruptura tão clara assim das experiências que tivemos antes das que estamos vivendo agora. Há uma continuidade natural dos acontecimentos e cada pessoa irá percebê-los de forma singular.

Novas situações são vivenciadas e sentidas no novo cotidiano. Estarmos vivendo em um contexto diferente não implica em total abandono do anterior e tampouco significa que tenha sido bom ou ruim. Da mesma forma, visualizando as inovações propostas pelos autores na contemporaneidade, nada nos garante que realmente o que virá pela frente será melhor ou pior. Como nas palavras de Moran (1997):

professores e alunos se relacionam com a Internet, como se relacionam com todas as outras tecnologias. Se são curiosos, descobrem inúmeras novidades nelas como em outras mídias. Se são acomodados, só falam dos problemas, da lentidão, das dificuldades de conexão, do lixo inútil, de que nada muda.

No próximo capítulo, serão descritas algumas transformações que uma categoria profissional – a dos professores do ensino superior – estão sofrendo.

Levando as mudanças no trabalho, apontadas pelos autores, para, especificamente, o trabalho docente, surgem vários questionamentos dentre os quais o mais central destacamos: como os professores de ensino superior lidam com as mudanças que ocorrem ao longo da sua vida profissional? Como os

professores de ensino superior estão lidando com as novas tecnologias no seu trabalho? O que eles estão sentindo?

Para isso, apresentaremos algumas pesquisas que foram realizadas em relação ao trabalho desses professores a fim de mostrar o que vem sendo produzido nessa categoria profissional.

Professores de Ensino superior: uma reflexão do trabalho docente dentro da visão de trabalho na contemporaneidade

“A alma dos homens tem, frequentemente, uma data diversa da do século.

Se contemplarmos com atenção as criaturas, na sua atividade normal, desde logo nos encontramos com inúmeros representantes de um imóvel passado, herdeiros de todos os preconceitos de uma determinada época, empenhados em transmitir-los intactos às gerações seguintes, sem pensarem, jamais, na conveniência ou inconveniência de semelhante herança.

Por outro lado, existe, também, os detentores de uma inquietude nova, inadaptáveis ao meio e ao tempo em que atuam, semeadores arrojados de um futuro que eles mesmos raramente chegam a conhecer, precursores de épocas sentidas e vividas apenas pela antecipação do sonho, e através de todos os sofrimentos decorrentes de uma tal condição.

A qual, desses dois grupos, em que se divide o mundo, deve pertencer o educador?

Sua função determina que seja ao segundo.

Pois não é ele o orientador de criaturas que vão chegar à plenitude, e realizar sua vida num tempo que não é mais o atual?”[Cecília Meireles, trecho da crônica: As qualidades do educador, p.177-178 - Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 18 de Outubro de 1930]

Segundo Ewald et al. (2006), o trabalho docente atravessa duas problemáticas centrais na atualidade. São elas: 1) as mudanças que foram introduzidas no mundo do trabalho, modificações estas originadas pelo avanço das tecnologias da informação e pelo processo mais geral de globalização e 2) as reordenações no sistema educacional.

Levando em consideração essas duas categorias propostas por Ewald (op.cit), pode-se dizer que **este** estudo concentra-se em discutir/levantar questões relativas ao primeiro item, particularmente, aos efeitos da inserção do computador e da *Internet* no trabalho dos professores de ensino superior, bem como os possíveis efeitos em sua subjetividade.

Assim, as mudanças/evoluções/transformações nas várias facetas sociais discutidas no capítulo 2 repercutem também, entre outras áreas, no mercado de

trabalho. Dessa forma, não podemos deixar de considerar a categoria profissional: professor universitário que, se de certa forma tem suas particularidades, não está isento dos efeitos globais das mudanças contemporâneas.

Ao pensarmos no professor universitário como um trabalhador inserido no mercado de trabalho que está em constantes mudanças e apresenta um novo sistema produtivo permeado pela flexibilização, pelo aumento da mobilidade e pela imprevisibilidade a longo prazo, devemos pensar também nas repercussões dessas mudanças. Assim, o docente pode, como em outras categorias de trabalho, necessitar de uma reorganização nos âmbitos material e pessoal, sendo que, neste último, as modificações são diferenciadas de sujeito para sujeito, grande parte das vezes, inconscientes.

Assim, pode-se dizer que introduzir mudanças na rotina de trabalho, seja em sua organização ou dinâmica interpessoal, além de exigir uma constante adaptação espaço-temporal do trabalhador, poderá, também, evocar uma necessidade de adaptação interna/subjetiva do indivíduo.

Seguindo esse raciocínio, o ponto que desejamos levantar neste momento, não se refere ao fato dessas mudanças e reorganizações serem boas ou más, positivas ou negativas, nem mesmo, evidentemente, descrever uma “receita de bolo” a respeito de como agir nos tempos atuais. Levantaremos, através do discurso dos professores, como estão percebendo e sentindo tais mudanças e quais são as estratégias por eles adotadas para vencer possíveis desafios e pressões em seu cotidiano de trabalho.

Podemos observar que, a pressão pelo aumento da produtividade acontece em praticamente todos os setores do mercado de trabalho, como foi amplamente discutido no capítulo 2; porém, se antes a educação não era considerada um desses setores, na atualidade não podemos deixar de englobá-la considerando que tanto escolas como universidades, sejam elas públicas ou privadas, estão inseridas neste contexto sócio-econômico que se encontra em ebulição.

O ensino, visto como uma prática profissional, possui características particulares, como foi dito anteriormente, geradoras de problemas físicos e psíquicos para o professor. Um exemplo disso é a pressão que professores de ensino superior vêm sofrendo para aumentar a produtividade de artigos e, mais do que isso, para publicá-los em revistas que também estejam online, para

lançamento de notas e viabilização de material didático na web, para preenchimento de relatórios e currículos nas mais diferentes plataformas.

O preenchimento de diversos modelos de currículos pode significar, na sua grande maioria, trabalho redobrado, pois não basta somente o professor “copiar e colar” as informações de um documento para o outro. Muitas vezes, uma base de dados não “reconhece” a outra dificultando a simples transferência destes. Dessa forma, os professores têm de reescrever as informações, quando necessário, o que pode afetar o “ritmo” do seu trabalho, que por sua vez, influencia no investimento de tempo que este faz em cada atividade.

Tentar aliar seu próprio ritmo ao ritmo de tais mudanças talvez seja, hoje, um dos maiores desafios desses profissionais. Nesse sentido, muitos professores se vêem mergulhados em uma dissonância entre qualidade e quantidade, num movimento em alta velocidade de transformação de sua rotina de trabalho.

Um trabalho de qualidade seria a adequação das tarefas reais que constituem seu trabalho como professor a um tempo planejado e suficiente à sua realização, enquanto que, no trabalho voltado para a quantidade (que parece ser o mais frequente na atualidade), o número de atividades exercidas excede todo e qualquer planejamento prévio). Interessante questão se coloca neste momento: a rotina que sempre foi “mal vista” agora parece fazer falta.

Levando em consideração o sentido estrito da palavra rotina - que se refere a uma prática constante - sem entrarmos em longas discussões, poderíamos até nos indagar: o que aconteceu com a rotina? Será que, diante de contínuas mudanças, que parecem não ter fim, a rotina ainda existe? O que parece acontecer é que, como o trabalho vem mudando, as tarefas e atribuições também sofrem reformulações. E aí caberia a questão: as aulas e as outras atividades pertinentes ao trabalho do professor continuam sendo realizadas da mesma forma? Todas as atividades ainda são requeridas? Ou surgiram formas diferentes de se trabalhar devido ao surgimento de novas atividades? O fato é: houve um aumento ou uma diminuição de atribuições na sua rotina de trabalho? Parece que, hoje, o professor está trabalhando ou percebendo seu trabalho de forma diferente.

Em uma pesquisa realizada por Lopes (2006), ficaram evidentes as múltiplas dimensões que vêm tomando o trabalho docente na universidade e a ausência do que ele nomeia de uma “rotina prescrita”, ou seja, o professor realizar

tarefas referentes ao seu trabalho cotidiano que estivessem, a rigor, pré-estabelecidas, em sua rotina de trabalho.

A “ausência” de rotina prescrita pode, por um lado, ser representada por alguns hábitos que o professor adquiriu, ao longo do seu dia de trabalho que não são percebidos nem mesmo por eles. Assim, a semana é sempre marcada por alguma atividade diferente, seja por uma questão extraordinária para ser resolvida de última hora, bem como na organização de eventos, reuniões e discussões administrativas e fóruns de discussão sobre assuntos de pesquisa. Segundo a referida pesquisadora, a enorme diversidade do trabalho do professor fragmenta o cotidiano, os esforços, o pensamento, e até as relações.

Foi detectado também um aumento progressivo das atribuições dos professores por pressões externas como, por exemplo, da própria universidade ou por órgãos de fomento de bolsas de pesquisa. A esse respeito Lopes (2006) diz:

“excetuando-se a progressiva burocracia, o preenchimento de formulários e relatórios intermináveis e a contínua e crescente pressão por produtividade, todos os outros aspectos parecem não ser sentidos como problemáticos. Todos os professores alegaram se envolver em mais atividades do que lhes é oficialmente cobrado, seja aceitando participar de projetos e funções (coordenações, comissões, ou simples tarefas do dia-a-dia e/ou para o desenvolvimento dos departamentos) no interior da universidade que não revertem em produção quantificada ou remuneração, seja implicando-se em processos acadêmicos que extrapolam o necessário para a produtividade exigida (bancas, orientações, aulas, encontro com alunos e/ou candidatos à pós-graduação etc), seja inserindo-se atividades excedentes à carga horária nos departamentos”.

Nesse trecho, podemos perceber um aumento crescente do trabalho docente prescrito que se amplia e se diversifica enormemente. Paralelamente, observa-se um aumento ainda maior da atividade real dos professores que se envolvem, cada vez mais, com diferentes tarefas que exigem uma heterogeneidade de investimentos, relações e competências.

Vê-se, de forma geral, a acumulação do trabalho. Alguns autores chegam a defender que as tarefas tendem a ser diversificadas e fragmentadas. Essas características podem ser explicadas pelo surgimento de novas tarefas e/ou trabalho pelo fato de que as tarefas que eram realizadas por outras pessoas passaram a se acumular em um número muito menor de pessoas e até mesmo no próprio professor. Em adição a essas novas tarefas, vê-se, também, aumentar as exigências sobre estes profissionais, que sofrem pressão para alcançar metas de

produtividade em tempo menor e pela necessidade contínua de capacitação e atualização de conteúdos a serem ministrados (Wenzel, 1991; Tenfen, 1992; Codo, 1999; Esteve, 1999).

Diante dessa demanda, será que não poderíamos falar na possibilidade de atualização do “trabalho prescrito”? Ou seja, já que as ferramentas de trabalho, os vínculos de trabalho e a metodologia de trabalho estão mudando, talvez seja a hora de se pensar em uma mudança na definição desse trabalho prescrito. Caso contrário, com tantas novidades e sofisticacões na área educacional, corre-se o risco de ficar ultrapassado.

Para que se “aceite” uma nova redefinição da categoria de trabalho, faz-se necessário que nela estejam claras as regras de como agir. Se essas regras não estiverem claras no sentido: “é permitido” ou “deve-se” fazer, ocorre uma sensação de que estamos saindo do padrão (o que é) considerado normal. A partir do momento que se reformula o conceito de trabalho, inserindo neste, novas qualidades e atribuições, ele se atualiza e deixa de ser absurdamente inalcançável.

Assim, uma nova lógica laboral vem se consolidando no cotidiano do professor de ensino superior. O contexto sociopolítico e a nova organização dos processos de trabalho atravessam a universidade reformatando sua estrutura e, conseqüentemente, o cotidiano dos professores.

Ao levar em consideração as diferenças entre a rotina prescrita e a rotina real, tendo a primeira como o tipo de rotina padrão, que “deveria” ser seguida à risca, em contraposição com a rotina real, que se apresenta no dia-a-dia dos professores como uma realidade exaustiva e sem parâmetros, podemos pensar em uma espécie de perdas e danos. Perdas de práticas e recursos que não existem mais ou que estão obsoletas e/ou de danos no que se refere à subjetividade. Assim, ao se ter uma categoria de tarefas pré-fixadas, qualquer tarefa adicional, que fuja do prescrito, poderá ser considerada excessiva e exagerada de acordo com os padrões que regiam aquela determinada categoria até o momento. Entretanto, se ao contrário, encararmos a rotina como uma categoria que se encontra em transformação, talvez os professores pudessem ter uma outra perspectiva, mais otimista, a de que não estão perdendo as rédeas em relação ao seu trabalho, mas sim, que novas e diferentes formas de conduzir as tarefas estão surgindo no contexto de trabalho atual. Se fosse fácil pensar em mudar, as pessoas não sofreriam tanto. Cabe entendermos, contudo, que cada sujeito tem um tempo

diferente de absorção do novo e, portanto, para mudar. E parece estar aí a grande questão: diante da velocidade de sofisticação dos recursos tecnológicos, como ficam as pessoas que têm um processo mais lento de absorção?

Se a adaptação das pessoas aos novos recursos tecnológicos fosse automática e igualmente padronizada para todos os sujeitos, poderíamos pensar em otimizar, ou seja, melhorar o aproveitamento os recursos empregados e investidos nas instituições de Ensino Superior e o uso das novas tecnologias da informação, por sua vez, seria uma consequência natural. Mas sabemos que os processos de mudanças subjetivas não acompanham as objetivas/materiais e, mais que isso, diferem de pessoa para pessoa.

Enquanto isso, nas diversas tentativas de adaptação e reorganização de novas formas de trabalho, seja no que diz respeito às ferramentas utilizadas no dia-a-dia de trabalho dos professores, seja em sua metodologia, os profissionais da área da educação começam a demonstrar sinais de alterações na saúde e no trabalho, em diversos países europeus tais como: Suécia, França, Alemanha e Reino Unido. Desde o início da década de 1980, o Estresse e a Síndrome de Burnout já eram apontados como os principais problemas enfrentados pelos professores, relata José Manoel Esteve em seus estudos publicados, pela primeira vez, em 1987.

Nas pesquisas desenvolvidas por Esteve (1999), as queixas dos professores pesquisados dizem respeito às condições de trabalho, incluindo condições físicas e psicossociais. Segundo o autor, ressentidos com a desvalorização do seu trabalho, alguns professores adoecem, mas permanecem trabalhando, enquanto outros optam por abandonar a docência em busca de melhores condições de trabalho e de saúde em outras atividades ocupacionais.

A produção do conhecimento sobre saúde e trabalho docente no Brasil se incrementa ao longo da década de 1990. Observa-se a partir desses estudos uma necessidade de aprofundar, ainda mais, a vinculação dos processos de trabalho aos processos de saúde e adoecimento desses trabalhadores.

Segundo Greco, Oliveira e Gomes (1996, p.61) a organização do trabalho determina as suas cargas, ou seja, “as exigências ou demandas psicobiológicas do processo de trabalho”. Considerando que todo o trabalho é constituído de cargas, o trabalho docente também as tem: cargas físicas – exigências que têm materialidade externa e que se modificam nas interações (interação ambiental), e

cargas psíquicas – disposições psicológicas que adquirem materialidade no próprio corpo e se expressam por meio dele (reações emocionais), que influenciam direta e indiretamente na saúde e na vida dos professores. Para a compreensão da problemática das alterações da relação entre trabalho e a saúde de quem trabalha, torna-se importante saber como o trabalho está organizado.

Segundo a psicodinâmica do trabalho⁴, o trabalhador, ao buscar no trabalho a fonte de prazer e realização e encontrar nele uma fonte de sofrimento e desgaste, entrará em conflito com a organização, pois, no contexto de trabalho, a organização é a vontade do outro que se impõe sobre si. Na medida em que as pessoas internalizam suas expectativas confrontando-as com uma realidade discrepante, surge o conflito que incide negativamente em seu equilíbrio emocional (Dejours, 1994). No trabalho do professor existe uma exigência de responsabilidade que deve ser compensada pelo reconhecimento do trabalho. Se o docente não percebe o reconhecimento de seu trabalho, a responsabilidade exigida passa a ser concebida como uma sobrecarga geralmente experimentada, um conflito, que repercute negativamente na sua saúde.

As transformações pelas quais a sociedade, em suas várias áreas, vem passando, reflete mudanças significativas no cotidiano de trabalho universitário. Na faceta tecnológica dessas mudanças, adquirem destaque as chamadas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's). O que se observa tanto na literatura como no mercado de trabalho é que os trabalhadores têm sofrido os efeitos das TIC's a partir da intensificação das atividades/tarefas, e do aumento das exigências de atualização para dominar as novas “ferramentas”. No entanto, o tempo “livre” graças à automação de certas tarefas é absorvido por compromissos e outras tarefas cada vez em maior quantidade (Bulard, 2001). Daí, talvez, pode-se inferir a sensação ilusória do aumento de tempo livre que, à princípio, as pessoas têm em relação a automação das atividades.

A flexibilidade, a mobilidade e a velocidade são palavras-chave que estão regendo as formas de se relacionar e trabalhar no mundo contemporâneo. A nova organização do trabalho vem produzir efeitos diversos no trabalhador, contribuindo para reacomodar sócio-subjetivamente o indivíduo trabalhador.

⁴ Psicodinâmica do Trabalho refere-se a uma abordagem científica desenvolvida por Christophe Dejours que tem como foco a saúde mental do trabalhador e sua dinâmica com o trabalho. Abdouchelli, E. Dejours, C. e Jayet, C. Psicodinâmica do Trabalho. São Paulo: Ed. Atlas, 1994.

Imaginemos um efeito dominó que vem derrubando bloco a bloco até chegar à última peça. Assim, as primeiras peças a serem derrubadas seriam as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais para, depois e, gradativamente, atingir o indivíduo, em sua subjetividade. Parece óbvio, porém é importante colocar que, em se tratando de seres humanos, o efeito dominó não acontece de uma forma tão veloz quanto acontece com os dominós, embora a velocidade imposta pelas novas tecnologias da informação seja maior.

Neste contexto, podemos supor que as instituições universitárias e o trabalho do professor têm sido influenciados pelas características do novo trabalho flexível, impondo uma nova lógica às rotinas acadêmicas, dando ao dia-a-dia dos professores de ensino superior uma dinâmica diferenciada. Evidentemente, sob essa nova determinação, muda o trabalho dos que produzem e transformam os fazeres docentes-cientistas, por muito tempo, representados “como sacerdotes consagrados ao culto ao saber a serviço do bem da humanidade” (Giannotti, 2003, p.10).

Diante das inevitáveis mudanças, Moran (1997) e Pique (1996) apresentam quais seriam os usos mais frequentes no ambiente acadêmico universitário:

A *Internet* é mais um recurso onde pode-se encontrar vários tipos de aplicações educacionais. Moran (1997) destaca os seguintes recursos:

- de **divulgação**: a divulgação pode ser institucional, mostrando seus objetivos e o que a escola possui, como também pode ser específica da biblioteca, dos professores, dos alunos ou de grupos organizados da escola que divulgam seus trabalhos, projetos ou idéias.

- de **pesquisa**: a pesquisa pode ser feita durante as aulas ou fora delas; na biblioteca ou nas salas de laboratório; pode ser uma atividade livre ou obrigatória, individual ou em grupo;

- de **apoio ao ensino**: nas atividades de apoio ao ensino podem-se obter textos, imagens, sons dirigidos ao programa desejado, utilizando-os como um elemento a mais junto aos livros, revistas e vídeos;

- de **comunicação**: novas práticas de comunicação são desenvolvidas nas escolas. Correio eletrônico, Web, listas e grupos de discussão são alguns dos recursos utilizados. Eles proporcionam encontros virtuais entre pessoas, possibilitam a formação de grupos específicos com interesses afins para trocas de informação, e "quebram" as barreiras de tempo e espaço.

Para Pique (1996), existem basicamente três modalidades de utilização dos recursos da *Internet* na Universidade:

- Modalidade **exploratória**: o usuário apenas busca informações na rede, de diversas formas: correspondência eletrônica (e-mail); grupos de intercâmbio de opiniões e informações (listas de discussão, newgroups); FTP (File Transfer Protocol); IRC (*Internet Relay Chat*) e World Wide Web (www).

- Modalidade **informativa**: é enorme a potencialidade da *Internet* como um instrumento para a vida acadêmica. No entanto, não se deve limitar a uma atitude passiva, de receptores de informação e sim contribuir ativamente distribuindo informação, através dos seguintes instrumentos: lista de discussão, World Wide Web.

- Modalidade **educativa**: a universidade poderia não ser somente fornecedora de informação, mas deveria também dar passos na direção daquele que seria o uso mais interessante da rede de computadores, a teleducação, através dos recursos de: correspondência eletrônica (e-mail); lista de discussão, IRC (*Internet Relay Chat*) e World Wide Web (www).

Depois da breve apresentação dos principais recursos e modalidades da *Internet* usados nas universidades e um panorama sobre as transformações ocorridas e que estão vigorando na atualidade, principalmente, àquelas relacionadas ao trabalho, abordaremos agora a categoria profissional de professores universitários.

Para isso, no próximo capítulo, será apresentado um breve histórico da profissão docente, algumas pesquisas e publicações que foram desenvolvidas sobre o trabalho de professores de ensino superior, ou seja, o que se tem debatido sobre o professor do ensino superior e a relação com seu trabalho.

Há um número significativo de pesquisas que retratam as diversas realidades da rotina do professor de ensino superior. Para este capítulo foram selecionados alguns estudos que representam os temas centrais do que, hoje, podemos encontrar na literatura brasileira sobre o trabalho desses professores.

3.1

Breve Histórico: Profissão docente

O que é ser professor universitário? Como é o cotidiano de trabalho do professor de ensino superior diante das transformações mencionadas no capítulo anterior? A forma com a qual o professor realiza suas tarefas mudou ao longo dos anos? A operacionalização de suas tarefas diárias também se transformou? Essas são algumas questões que podemos colocar quando trabalhamos com uma categoria profissional tão importante e, por vezes, tão desvalorizada.

Para o professor da USP Gilberto Teixeira⁵, a profissão professor é a primeira de todas. Mas, o que ele quer dizer com essa afirmação? Primeiramente, ele coloca a seguinte questão: O que é ter uma profissão? E depois: O que é ser professor? Ambas as palavras derivam do latim *professum*, que, por sua vez, vem do verbo *profitēri*: “*declarar perante um magistrado, fazer uma declaração, manifestar-se; declarar em alto e bom som, afirmar, assegurar, prometer, protestar, obrigar-se, confessar, mostrar, dar a conhecer, ensinar, ser professor*”⁶. Segundo Teixeira, em meio a tantas idéias e associações entre professor e profissão, sobressai uma ação - **ensinar**: “*Professor é quem ensina*”. Se considerássemos essa como a única conceituação, talvez fôssemos simplistas demais em relação à relevância que este profissional tem no mundo atual.

Outros autores também falam do surgimento da profissão professor de forma semelhante a acima descrita. Também a tratam como aquela que é ocupada por alguém que tem o dom maior de ensinar.

Pode-se notar em Vasconcelos (2002), que categoria profissional de professor surgiu com o objetivo de transmitir conhecimentos e valores próprios de cada sociedade. O professor, pessoa determinada a ensinar, passou, então, a ter uma importante função. Como ele era considerado um sábio, detentor do conhecimento, ele servia como ponte para aproximar as pessoas que viviam em diversos lugares das grandes evoluções e descobertas que aconteciam ao redor do mundo, pois era ele o responsável pela transmissão de novas idéias e do conhecimento.

⁵O artigo do professor Gilberto Teixeira pode ser encontrado no site: www.serprofessoruniversitario.pro.br

⁶Definição retirada do dicionário Houaiss sem referência do autor sobre a página.

Nesse contexto, é possível imaginar o quanto que, já naquela época, as grandes “modernizações”, impactavam as sociedades que, até então, viviam praticamente isoladas do resto do mundo pela distância geográfica. A inserção da figura do professor como janela para o mundo (grifo meu) “*provocou grande impacto tanto na economia como na constituição do espírito de cidadania e esse impacto é incontestável*” (Vasconcelos, 2002, p.307). A partir desse fato, a autora nos dá pistas dos possíveis reflexos do surgimento da figura do professor na sociedade, sobretudo, na forma como as pessoas passaram a sentir, pensar e agir, ou seja, como as pessoas passaram a olhar e perceber o mundo.

Vasconcelos (2002), contudo, alerta-nos para um outro caminho, aquele que o surgimento da categoria profissional professor, tomou. Para ser professor e passar toda a sua sabedoria e conhecimento para as pessoas, o sujeito devia ser dotado de um dom messiânico. O professor era eleito por seus próprios dons inatos, ou seja, o sujeito já nascia com características para ser professor não era preciso estudar, fazer cursos de especialização, tampouco fazer qualquer tipo de formação para ser professor.

Assim, as capacidades pessoais ligadas aos traços de personalidade daquele sujeito é que determinavam se ele poderia exercer ou não a profissão.

Da exposição deste primeiro quadro sobre a profissão docente daremos um salto para a década de 1970.

Dados registrados por Masetto (1998) mostram que, até a década de 1970, embora já tivessem em funcionamento inúmeras universidades brasileiras e a pesquisa já fosse um investimento em ação, exigia-se do candidato a professor de ensino superior o bacharelado e o exercício competente de sua profissão.

Segundo Masetto (1998), logo no início da profissão docente no Brasil havia uma preocupação muito forte em se encontrar professores competentes para ensinar. Assim, as principais características que um profissional tinha que ter para ser professor de ensino superior, eram: ser competente para ensinar, ser atualizado em seus conhecimentos e experiências, especializados, pesquisadores, produtores de conhecimento e avaliadores, ou seja, verificadores do aprendizado dos alunos.

Para ensinar, o professor tinha que, essencialmente, dominar o conteúdo da matéria a ser transmitida. Não havia preocupação em *como* o professor transmitia esse conteúdo, se havia sido claro em suas explicações, se tinha uma boa comunicação com os alunos, se dominava as técnicas de comunicação e, muito

raramente, havia a preocupação com os sentimentos e emoções que mobilizavam os professores em seu trabalho.

Ao longo do tempo, desde seu surgimento até os dias atuais, a profissão docente e suas atribuições vêm, assim como a sociedade, passando por um contínuo processo de transformação, tanto quantitativa quanto qualitativamente. Embora nem sempre aceitas de imediato, as mudanças trouxeram e ainda trazem evoluções significativas ao trabalho do docente de ensino superior em vários âmbitos, que vão desde reestruturações relativas ao papel do professor e à metodologia empregada em sala de aula, até a inserção e uso de equipamentos para “facilitar” seu trabalho.

As mudanças na profissão docente demandaram e ainda demandam diferentes necessidades de pesquisas embora, hoje, encontramos um leque variado de temas em relação ao trabalho docente de ensino superior. Um tema me chama muito a atenção. Podemos concordar, por exemplo, que a “facilidade” citada por alguns autores em relação à inserção das novas tecnologias da informação no trabalho do professor, é relativa, pois, ao considerarmos a subjetividade de cada professor, consideramos também que cada um deles irá perceber e sentir tais evoluções de formas diferentes. Fazendo um paralelo com as transformações sócio-econômico-culturais, o que podemos dizer da profissão professor de ensino superior na atualidade? O que se tem estudado sobre o professor de ensino superior?

Quando comecei a fazer o levantamento bibliográfico para este projeto de pesquisa fiquei um pouco incomodada em relação às pesquisas que eu encontrava sobre o tema “trabalho de professores de ensino superior”. Incomodada porque muitas pesquisas que abordam o trabalho docente chegam quase sempre às mesmas questões: qual a metodologia usada pelos professores na atualidade? Quais os recursos tecnológicos usados por eles? Esses recursos facilitam a aprendizagem dos alunos? O que o professor faz, no seu trabalho, para chegar a um nível esperado de aprendizagem do aluno? Dessa forma, parece que a relação professor X trabalho ainda é mais explorada levando em consideração fatores externos ao professor e, menos explorada, no que se refere aos fatores internos, ou seja, na subjetividade do professor.

Grande parte das pesquisas sobre o trabalho do professor de ensino superior engloba suas práticas, ou seja, a metodologia usada em sala de aula, as

ferramentas que este utiliza ele usa, o tipo de pedagogia aplicada, a relação professor-aluno e outras. Veremos mais adiante alguns exemplos dessas pesquisas.

Parece que a preocupação da maioria dos pesquisadores é com os resultados do trabalho docente em relação aos seus alunos: se o aluno teve facilidade ou dificuldade de aprender com as estratégias adotadas em sala de aula pelo professor a relação professor-aluno e outras citadas anteriormente. A partir do próprio referencial teórico encontrado, constatei que não era bem isso que eu estava procurando. O que de fato estou procurando são pesquisas que consideram as sensações e os sentimentos do professor em relação ao seu trabalho.

Embora esses trabalhos sejam de grande relevância para as inovações e aprimoramento do campo profissional docente, a preocupação com o trabalho do professor nesta pesquisa vai além dos resultados concretos de aprendizagem. Há de se considerar o professor não somente como uma agente na evolução do processo ensino-aprendizagem, mas como um trabalhador que tem suas singularidades, percebem e sentem as mudanças na sua profissão de diferentes formas.

Assim, o aluno não desaparece de cena, ele também faz parte do contexto de trabalho do professor e da construção da sua subjetividade. A figura do professor “trabalhador”, aquele que tem suas especificidades na carreira profissional, é agora o protagonista deste cenário.

Alguns pesquisadores, tais como Anastasiou e Pimenta (2005), acreditam que a percepção dos professores em relação ao seu trabalho, seja ela positiva ou negativa, tem um grau de mobilidade; ou seja, a percepção desses professores muda de acordo com o tipo de instituição que ele leciona. Este e outros fatores fogem, em parte, do controle do professor, pois são padrões e regras “impostas” pela instituição de ensino. O trabalho dos professores de ensino superior será diferente, afirmam, e está relacionado ao tipo de instituição em que eles trabalham; ou seja, cada instituição de ensino tem uma dinâmica própria e esta pode influenciar na dinâmica de trabalho dos professores. Vejamos.

No livro “Docência no Ensino Superior”, Selma G. Pimenta e Léa das Graças C. Anastasiou (2005) traçam um extenso panorama sobre a docência no 3º grau, que vai desde a constituição das primeiras universidades no Brasil até temas relativos à constituição da identidade docente. Em relação ao trabalho dos

professores de ensino superior dedicam um capítulo intitulado “*Profissão de professor: condições de trabalho no ensino superior*”, onde citam os vários fatores que são vários os fatores que influenciam o trabalho dos professores de ensino superior. Entre eles estão:

a) Condições de trabalho no ensino superior

Segundo as autoras, a instituição que o professor leciona, as formas de ingresso na instituição, os vínculos estabelecidos com a instituição, a jornada de trabalho e os compromissos dela derivados, assim como a legislação que as regulamenta, podem influenciar diretamente no trabalho dos professores e estes fatores diferem de instituição para instituição.

De acordo com dados fornecidos pelo Inep⁷, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, temos hoje instituições públicas, particulares, em regimes diferenciados de dedicação ao trabalho, podendo o professor ter vínculo integral, parcial ou ser horista. Para cada uma dessas categorias, os professores têm e deles são exigidas determinadas atribuições e atividades referentes ao ensino na universidade. De certa forma, podemos dizer que essas primeiras categorizações a respeito da profissão docente já dizem um pouco do trabalho do professor como veremos a seguir:

Os professores de tempo integral, por exemplo, encontram-se em maior número nas universidades públicas e deles são exigidos três funções principais: ensino, pesquisa e extensão. Geralmente, para estes professores há um plano de carreira à longo prazo.

Os docentes de tempo parcial são a minoria, tanto nas universidades públicas quanto nas particulares. Para estes também há o plano de carreira com ressalvas para algumas universidades particulares.

Já em relação aos docentes horistas, acontece o contrário das universidades públicas. O maior número de professores concentra-se em instituições particulares e, raramente, o professor encontra um plano de carreira.

Dessa forma, os dados levantados por Pimenta e Anastasiou (2005) apontam para a conclusão de que grande parte dos professores horistas é contratada para executar ações em períodos específicos, ou seja, determinado

⁷ Para dados mais detalhados sobre o Sistema Educacional Brasileiro consultar a página do Inep na internet: www.inep.gov.br

número de horas/aula, sem tempo remunerado para a preparação de aulas, por exemplo. O professor é pago pela hora/aula para a qual ele foi contratado.

b) Profissão de professor e condições de trabalho

Anastasiou e Pimenta (2005) dizem que as oportunidades de emprego para professores de ensino superior vêm crescendo devido ao aumento do número de instituições particulares de ensino superior. Porém, mesmo com o aumento de empregos na área, verifica-se pouco interesse por parte das instituições em se avaliar o processo de profissionalização do docente de ensino superior, pois parte-se do princípio de que a docência, nesse nível, está associada à formação na área específica. Assim, se o profissional é psicólogo ele poderá lecionar em disciplinas que tenham afinidade com a sua formação. Se ele é clínico, dará aula de psicologia clínica e assim por diante. Cabe ressaltar também que essa associação não acontece obrigatoriamente. Muitas vezes o que acontece é que a atividade docente - ou seja, ser professor, - torna-se uma atividade complementar do seu salário.

c) Dos saberes às competências: reduzindo a docência a técnicas.

Segundo Anastasiou e Pimenta (2005), há uma crescente necessidade de melhores qualificações e especializações no mercado de trabalho atual. Por conta disso, os professores se vêem na busca contínua por cursos de pós-graduação para aumentar a sua competência profissional. A lógica das competências, segundo as autoras, deposita no trabalhador a responsabilidade de adquirir novas competências permanentemente. Assim, não é mais responsabilidade da instituição oferecer cursos de formação continuada, mas cabe ao próprio profissional “correr atrás” para permanecer no mercado de trabalho.

Há outra divisão semelhante proposta pela professora do mestrado em Educação da PUC-PR, Maria Aparecida Behrens. Na sua obra *“A formação pedagógica e os desafios do mundo moderno”* (1998), ela fala em quatro tipos de docência de ensino superior:

a) Profissionais de várias áreas do conhecimento que se dedicam à docência em tempo integral.

b) Os profissionais que atuam no mercado de trabalho específico e dedicam ao magistério algumas horas por semana.

c) Profissionais docentes da área pedagógica das licenciaturas que atuam na universidade e, paralelamente, no ensino médio (educação infantil, ensino fundamental e/ou ensino médio).

d) Profissionais da área de educação e das licenciaturas que atuam em tempo integral na universidade.

Parece óbvio, mas é importante deixar registrado o quanto cada um desses tipos de regime de trabalho, apontados pelas autoras, pode influenciar no dia-a-dia do professor. Entre os fatores mais visíveis estão: a rotina diferenciada desses professores de acordo com a instituição em que ele trabalha, as atribuições que lhes são asseguradas, as regras e os padrões pré-concebidos pela própria universidade, os espaços de trabalho que os professores têm para ocupar dentro da instituição, etc. Outros fatores, porém, podem passar despercebidos pelos próprios professores, tais como: as reorganizações que fazem em suas vidas, os vínculos que são estabelecidos com as pessoas que estão ao seu redor e, de fato, como tudo isso vem influenciar na sua vida profissional.

Visto este breve panorama geral do trabalho do professor de ensino superior, a partir de agora, passo a apresentar algumas pesquisas que representam, em parte, o que vem sendo feito no campo de trabalho do docente de ensino superior.

3.2

O Trabalho do Professor de Ensino Superior: pesquisas relacionadas

Ao revisar a produção científica brasileira sobre trabalho e docência superior, identificamos algumas tendências acerca das pesquisas que são desenvolvidas em relação a professores de ensino superior. Na maioria dos estudos, os pesquisadores exploram o processo ensino-aprendizagem, a formação continuada do professor de ensino superior, metodologias pedagógicas, métodos de avaliação e, em menor grau, o trabalho do professor no contexto contemporâneo, a partir da inserção das novas tecnologias da informação e telecomunicação, em especial a *Internet*, tendo nesse último tema destaque para experiências com novos *softwares* a serem usados no processo ensino aprendizagem, a EAD - Educação a Distância, e no PROINFO – Programa Nacional de Informática na Educação.

Assim, iremos subdividir a revisão da literatura em quatro grandes blocos para mostrar ao leitor os tipos de pesquisas realizadas nessa área. Observaremos que, algumas vezes, os temas se inter-relacionam devido à complexidade do assunto.

3.2.1

Pesquisas que abordam a prática do professor de ensino superior

Nesse bloco estão as pesquisas que abordam o trabalho de professores de ensino superior como sinônimo de “práticas” que são realizadas por eles no seu cotidiano profissional.

Seddon (1991) aponta que a maioria das pesquisas realizadas em relação ao professor tem uma perspectiva estritamente psicológica e individualista no sentido de colocar a responsabilidade pelo fracasso na aprendizagem dos alunos somente no professor. Segundo a autora, o problema do processo ensino-aprendizagem está mais vinculado às deficiências pessoais do próprio professor do que às limitações contextuais referentes ao local de trabalho. Talvez, essa atribuição às deficiências do professor seja um resquício do pensamento originado no início da profissão docente, de que os professores teriam um talento inato para ensinar reafirmando que não são todas as pessoas que têm o dom para ensinar.

Seddon (1991) aponta para outra vertente de pesquisas sobre professores. Essa perspectiva vê o magistério como profissão, como categoria de trabalho, ou seja, como qualquer outra profissão que tem seus regulamentos, suas regras de conduta etc. Neste caso, a preocupação em relação ao trabalho do professor não se dá somente na metodologia aplicada em sala de aula ou ao processo ensino-aprendizagem, mas, sobretudo, sobre características do trabalho que são inerentes a qualquer outra categoria profissional. Dessa forma, profissão docente é tida como uma atividade socialmente construída, que envolve profissionais comprometidos com os processos de trabalho e com a organização desse trabalho.

Em *“Docência na Universidade: Professores inovadores na USP”*, Helena Coharik Chamlian (2003) destaca a necessidade de se estudar a formação do professor universitário, de compreender a relação ensino/pesquisa na universidade e suas decorrências para o exercício da função docente e conclui que a prática cotidiana do trabalho docente segue, basicamente, três caminhos:

pesquisar, escrever e publicar. Nessa pesquisa, foram entrevistados 18 professores de ambos os sexos com idade média entre 45 e 50 anos e a maior parte dos professores possuía entre 15 a 25 anos de experiência na universidade.

Já em “*A formação de educadores no contexto das mudanças no mundo do trabalho: Novos desafios para as faculdades de educação*”, Acácia Zeneida Kuenzer (1998) faz um panorama mais amplo, contextualizando a formação de professores frente às mudanças sociais, políticas e econômicas atuais. Define o professor no contexto atual, já que a idéia messiânica de distribuidor de idéias socialmente produzidas ficou ultrapassada. Hoje, segundo a autora, o professor tem muito mais atribuições e tem muito mais ferramentas de trabalho disponíveis que devem ser trabalhadas na sua formação.

Em “*A formação continuada do docente universitário em cursos à distância via Internet: um estudo de caso*”, Maria de Lourdes Coelho (2002), embora seja uma pesquisa mais quantitativa, mostra as causas que levaram ao sucesso ou ao fracasso os cursos de capacitação à distância para o aprimoramento de professores do uso das novas tecnologias, especificamente da *Internet*. Ela concluiu que o índice de evasão dos cursos à distância é bem alto e, por isso, levantaram as suspeitas das possíveis resistências dos professores universitários em adotar os novos ambientes de ensino e de aprendizagem em suas práticas. Ela também chegou à conclusão de que a jornada de trabalho do professor de ensino superior é grande e que, possivelmente, compromete o seu investimento em uma formação continuada. Outra justificativa que os professores deram para não concluírem o curso foi a falta de tempo seguida da falta de condições de estudo em casa, falta de ambiente no local de trabalho, desorganização pessoal, problemas técnicos e não atendimento às expectativas .

Em “*Uma análise das práticas docentes de professores universitários da área de saúde*”, Célia Alves Rosendo e colaboradores (1999) abordam as práticas docentes no que diz respeito ao planejamento, à execução e avaliação de atividades e o processo ensino-aprendizagem. Os autores fizeram um levantamento descritivo com 29 docentes a fim de obter informações sobre as ações docentes, ou seja, os procedimentos didáticos usados pelos professores na sua prática. Esses procedimentos englobam: práticas de planejamento, práticas de execução do plano e práticas de avaliação da aprendizagem. A conclusão a que

chegaram foi que a prática educacional, que ainda prevalece na atualidade, está pautada na “concepção bancária da educação”, segundo Paulo Freire (1977)⁸.

3.2.2

Pesquisas que abordam aspectos emocionais do professor relacionados ao seu trabalho

Neste bloco, as pesquisas apresentadas referem-se aos aspectos emocionais do professor que estão relacionados à sua prática e também aos fatores ambientais da instituição.

Em “*A exaustão docente: subsídios para novas pesquisas sobre a síndrome de burnout em professores*”, Fátima Araújo de Carvalho (2002) faz uma revisão de estudos bibliográficos sobre a exaustão ocupacional da educação, especificamente, como os professores são afetados pela Síndrome de *Burnout*. *Burnout* é uma expressão inglesa que significa estar exaurido emocionalmente após longa exposição a uma situação estressante, com prejuízo no resultado do trabalho que exerce, no caso, a docência superior. Esta síndrome pode levar, segundo Blase (1982), a pessoa a ter sentimentos negativos, insatisfação no trabalho e à falta de motivação conduzindo ao agravamento da tensão e do sentimento de inutilidade.

Blase (1982) considera que existem dois fatores que podem contribuir para o mal-estar docente: fatores considerados primários e secundários. Os primários são os que têm influência direta sobre a ação dos professores em sala de aula, como por exemplo, o relacionamento com os alunos, gerando tensões associadas a sentimentos e emoções negativos. Os fatores secundários, por sua vez, estão ligados às condições físico-ambientais, ao contexto em que exercem a docência como, por exemplo, as condições da sala de aula e os recursos disponíveis para realizar sua aula.

Outro fator apontado por Veenman (1984) que gera insatisfação no professor é o que ele denomina de “choque com a realidade”, ou seja, tudo o que o professor aprendeu ao longo de seu curso de formação “cai por terra” quando o

⁸ Somente para esclarecer, concepção bancária é aquela que acredita que o professor é o único e exclusivo transmissor de conhecimentos e o aluno, apenas o receptor onde será depositado todo o conhecimento; ou seja, educar, nessa concepção, se torna um ato de depositar informações na mente dos educandos, os quais irão recebê-las sem questionamento.

mesmo entra no mercado de trabalho. Os professores se vêem tendo de reformular e estudar tudo o que aprenderam até então. Segundo Veenman (1984, p. 143-178), “*O professor começa a fazer uma revisão de suas atividades e ideais para adaptá-los à áspera e dura realidade da vida cotidiana em sala de aula*”. Dessa forma, segundo o autor, o professor constata que a realidade do seu trabalho não corresponde aos ideais que aprendeu durante seu período de formação.

Preocupação semelhante é o da pesquisadora Eliane Lousada em seu artigo “*Os pequenos grandes impedimentos de ação do professor: entre tentativas e decepções (2004)*” e o da pesquisadora Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva em seu artigo “*O ensino como trabalho*”. Elas fazem uma diferenciação entre o trabalho prescrito e o trabalho real/realizado.

O trabalho prescrito pode ser considerado como a tarefa dada, prescrita pela instituição, as atribuições do professor, o que ele “deve” fazer; o trabalho realizado pode ser considerado como a atividade efetivamente realizada. Dessa forma, podemos entender que, da demanda advinda da universidade, o professor consegue realizar apenas parte das atividades, o que força a instituição, segundo ela, a realizar uma constante *renormalização*; ou seja, a partir do que é efetivamente realizado pelo professor, há uma constante transformação das normas institucionais para se adequar às necessidades dos alunos, ao tempo destinado a determinada atividade e às reflexões durante a própria ação do professor e outras possibilidades.

3.2.3

Pesquisas que abordam o trabalho docente e as novas tecnologias

Neste bloco as pesquisas apontam para a inserção e o impacto que as novas tecnologias da informação estão tendo no trabalho do professor. Entretanto, ficam, mais uma vez, presas ao impacto que as novas ferramentas têm nas práticas docentes. Estes pesquisadores estão preocupados em apontar quais são as inovações que surgiram para “facilitar” o trabalho dos professores. E se, por acaso, as inovações não facilitaram eles levantam questões para o que pode ser feito para maximizar o uso das novas ferramentas.

Na literatura, ainda são recentes os estudos que relacionam o trabalho de professores de ensino superior às novas tecnologias da informação e telecomunicação. Vejamos algumas:

Castelani et al. (1996) estudaram o emprego da Internet como recurso de apoio às atividades de pesquisa entre alunos e professores das faculdades de Economia, Administração e Contabilidade - FEA da Universidade de São Paulo - USP. Os resultados desta pesquisa confirmaram estudos anteriores de que a adoção da *Internet* está condicionada a existência de uma infraestrutura adequada, facilidade de acesso, a familiaridade com a informática e a utilidade potencial para os pesquisadores. O uso da *Internet* está exercendo papel complementar nas atividades de pesquisa, sendo que o papel principal continua sendo desempenhado pelos recursos tradicionais. Destaca-se o relato de entrevista com um professor quando diz que usar a *Internet* “... exige uma mudança drástica de comportamento e gera um grande custo psicológico. Muitas vezes a rede nos causa uma falta de segurança intelectual (...) Não se muda de um dia para outro...”. Neste momento, o que foi expresso vai além das dificuldades práticas em utilizar a rede. É necessário um tempo de adaptação para que os pesquisadores possam assimilar e incorporar este novo instrumento como fonte de informação e comunicação em seus trabalhos.

Recente pesquisa realizada por Paldês (1999) com professores de graduação da Universidade Católica de Brasília constatou que 94% dos entrevistados já utilizavam a *Internet* como fonte de informação e 87% pretendiam incluir ou aprimorar sua utilização como recurso educacional. As duas maiores vantagens do uso educacional da *Internet*, na opinião de seus pesquisados, foram a possibilidade de interagir com pessoas geograficamente afastadas e a atualidade das informações disponíveis na *Internet*. Como desvantagens foram apontadas: a pouca disponibilidade de laboratórios para acesso a rede; a baixa velocidade de resposta e a dificuldade de utilização da rede, seja pelos alunos, seja pelos professores como pontos de desvantagens no uso da *Internet*.

Pesquisa semelhante foi realizada por Faqueti (1999) com professores do Colégio Agrícola de Camboriú/UFSC. Os resultados obtidos foram similares aos de Paldês (1999). A maioria dos professores utilizavam a Internet como recurso informacional.

Apontaram como maiores vantagens: a atualidade de seus conteúdos disponíveis, a facilidade de acesso a pessoas/instituições de diversas nações e a quantidade de informações existentes. A baixa velocidade das respostas, a pouca disponibilidade de horários no laboratório e as dificuldades de utilizar a rede foram os itens mais apontados como desvantagens no uso da *Internet*. O uso de catálogos, de revistas eletrônicas e de bases de dados foram pouco indicados, enquanto que as listas de discussão não eram usadas. Os professores consideraram importante que a biblioteca contribuísse para otimização do uso da *Internet* na escola através da organização de uma página de links, treinamento de usuários e disponibilização do acervo via on-line.

Os relatos, até aqui apresentados, apontaram uma diversidade quanto aos graus de utilização da rede, suas formas e dificuldades.

Ferreira (1995), concluiu que estas diferenças aparecem porque os usuários da *Internet* estão em fases diferenciadas de aprendizagem.

Na primeira fase (**compreensão**), o usuário descobre a *Internet* buscando reconhecer suas vantagens. Na segunda fase (**inclusão**), o usuário incorpora seu uso em suas atividades cotidianas utilizando basicamente as principais ferramentas de acesso à rede. Na terceira fase (**adoção**), o usuário amplia a utilização da rede para solucionar questões imediatas e de caráter variado. Na quarta fase (**transformação**), o usuário atinge um nível de conhecimento mais apurado e passa a usar a rede como real fonte de informação e comunicação.

Nos ambientes acadêmicos, o impacto da TI é bastante acentuado em virtude da natureza do trabalho científico, fortemente voltado ao intercâmbio de informações e experiências entre pesquisadores. Rice e Case (*apud* BOFF, 1994, p.64) apresentam alguns argumentos que confirmam essa idéia: a) as universidades são ambientes típicos de processamento de informação; b) o intercâmbio de informações é essencial para a produtividade e o progresso da pesquisa e de seus pesquisadores; c) num futuro próximo, informações sobre pesquisa serão produzidas inteiramente por meios eletrônicos; e d) problemas de alocação de recursos nas universidades podem ser resolvidos com o auxílio de sistemas de comunicação por computador.

Os recursos da *Internet* apresentam as seguintes características, segundo Castalani (1996) e Piqué (1996): O correio eletrônico (*e-mail*) é um sistema que permite trocar mensagens entre os seus usuários; a teia mundial (*WWW*) é um

sistema de publicação da *Internet* que utiliza o recurso de hipertexto. É o local onde se encontram as *homepages*, páginas criadas por pessoas, empresas, instituições e órgãos governamentais e que trazem informações em forma de texto, imagens (fotografia, ilustrações), vídeo e som; a lista de discussão (*mailing lists ou chat*) é um sistema baseado no correio eletrônico, onde é criada uma lista de pessoas que desejam discutir um assunto de interesse comum; o sistema de acesso remoto (*telnet*) permite transformar um computador em terminal de outro computador distante para acesso a bases de dados como, por exemplo, catálogos de bibliotecas e índices financeiros; os grupos de discussão (*newsgroup USENET ou listserv*) que funcionam como um mural eletrônico, no qual cada grupo se refere a um assunto, cuja função é similar à lista de discussão, com algumas diferenças; e a transferência (cópia) de arquivos (*FTP*), sistema em que os arquivos são disponibilizados no diretório de algum computador para serem copiados.

O número de seus usuários tem duplicado a cada ano – são cerca de 50 milhões em 1996 – e a cada dia surgem 1.600 novos serviços (ALMAQUE ABRIL, 1997). Segundo pesquisa realizada por Castelani (1996), os serviços mais populares da *Internet* são a *World Wide Web (WWW)*, o *e-mail* (correio eletrônico), o *listserv ou newsgroup*, o *chat ou mailing list* e o *telnet*.

Em resumo, a *Internet* é percebida como um recurso importante de informação e comunicação nos meios acadêmicos pela maioria dos entrevistados. Seu uso, enquanto recurso educacional mais amplo encontra dificuldades técnicas (equipamentos, linhas de transmissão, etc), pessoais (falta de conhecimento específico sobre a rede e suas aplicações na educação, dificuldades de adaptação e mudanças para incorporar seu uso) e ambientais (projeto didático-pedagógico, falta de cooperação e parceiras). Essas conclusões ratificam sobremaneira a necessidade de ampliação das discussões sobre o uso da *Internet* na educação, e de planejar sua inserção no meio acadêmico de forma participativa com todos os segmentos envolvidos.

Masetto (1998) fala, brevemente, sobre o impacto da nova revolução tecnológica sobre a formação de professores. Com a revolução das novas tecnologias, o conhecimento e a informação tornaram-se a mais forte moeda do mercado afetando o próprio desenvolvimento do conhecimento e de produtos de modo geral. Além disso, exige qualificação dos profissionais, revisão de

categorias ocupacionais, formação continuada dos profissionais, bem como novas capacitações como, por exemplo, adaptabilidade ao novo, criatividade, autonomia, comunicação, iniciativa e cooperação; ou seja, profissionais intercambiáveis, que combinem imaginação e ação.

O autor diz que, diante das mudanças que estão ocorrendo na sociedade, a universidade e, conseqüentemente, os professores terão de rever as suas práticas, os currículos de formação profissional e os perfis das carreiras para satisfazer as demandas atuais. Para Masetto o papel do professor está em crise e precisa ser totalmente repensado.

Anastasiou e Pimenta (2005) falam também, muito rapidamente, sobre o impacto que as novas tecnologias estão produzindo na Universidade, atribuindo maior ênfase ao professor. Sempre ligadas às problemáticas políticas e educacionais, as autoras falam do impacto das novas tecnologias sobre o professor, sobretudo, em relação à sua prática e não ao ser humano. Elas dizem que, se a organização social muda a partir das novas tecnologias da informação, a universidade também deverá mudar alguns de seus princípios para se adaptar às novas demandas. Dessa forma, o professor torna-se o principal agente modificador deste contexto exercendo o papel mediador entre a Sociedade da Informação (termo usado pelas autoras), ou seja, as novas tecnologias e o conhecimento.

Este grupo de pesquisas reúne uma pequena mostra do que vem sendo produzido em pesquisas sobre o trabalho do professor de ensino superior e novas tecnologias. Mesmo diante do número significativo de estudos nessa área, foi difícil encontrar pesquisas que tratassem, especificamente, dos sentimentos dos professores em relação à inserção das novas tecnologias da informação em seu trabalho.

Foram encontrados estudos sobre os sentimentos dos professores e sobre as novas tecnologias, mas enquanto algumas pesquisas apontam para interesses mais pragmáticos da profissão, outras não inserem as novas tecnologias como possível ferramenta que transforma a forma de sentir, pensar e agir desses professores. A partir deste ponto de vista, parece que a lacuna na literatura é justamente o ponto de encontro das variáveis: trabalho, tecnologia e sentimentos docentes.

A partir desse contexto, faz-se necessário pesquisar este campo que parece ser ainda tão pouco explorado: Quais serão os possíveis efeitos psicológicos da inserção do processo de informatização no trabalho dos professores de ensino superior?

Assim como iniciamos este capítulo, consideramos pertinente finalizá-lo com outro trecho da crônica de Cecília Meireles para reforçar a atual questão de pesquisa imersa às mudanças e inovações tecnológicas no campo de trabalho. Esta citação nos instiga a atualizar e contextualizar o trabalho dos professores de ensino superior.

“Todos sabem que é difícil esse contínuo buscar, esse constante aprender. Mas ninguém afirmou nunca ser fácil a função de mestre, e é de desejar também que ninguém a tenha escolhido por uma aspiração de entorpecimento espiritual. Se a vida é uma renovação de todos os dias, é natural que seja uma evolução ininterrupta a existência daqueles que justamente a vão dirigir. E não só nessa transformação intelectual de cultura reside a obrigação de atualidade do educador. Há que atender à ética do tempo, e à fisionomia dos fenômenos sociais”.

[Cecília Meireles, trecho da crônica: As qualidades do educador, p.177-178 - Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 18 de Outubro de 1930]

Levando-se em consideração que o contexto social muda, o trabalho também deverá mudar. As novas configurações no trabalho, possivelmente, irão requerer reorganizações pessoais internas que, até então, não seriam imagináveis de acontecer. Temos de reconhecer que elas são complexas e que nem sempre acontecem a curto prazo. As mudanças subjetivas, provavelmente, precisam de um tempo maior, que nem sempre acompanham as sociais. O emaranhado de redes internas, de crenças, valores e hábitos estabelecidos a partir de toda uma história de vida não se “dissolve” com facilidade.

Partindo desse raciocínio, como as novas regras, novos padrões e novas formas de trabalhar estão sendo encarados pelos professores de ensino superior?

4

Metodologia

Para a pesquisa de campo foi utilizada uma metodologia qualitativa (Bardin, 1979; Turato, 2003; Nicolaci-da-Costa, 1994, 1989) de análise de conteúdo (Seidman, 1998; Weiss, 1995). Mais especificamente, foi utilizada a técnica denominada Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin.

A escolha por trabalhar com a metodologia qualitativa foi devida, principalmente, a dois fatores: o primeiro porque dá ênfase aos aspectos subjetivos do comportamento humano e tem, por núcleo de atenção, o mundo dos participantes. Dessa forma, levam-se em consideração não somente as experiências cotidianas de cada professor, mas especialmente os significados atribuídos a elas.

Complementando essa justificativa, há, como segundo aspecto, o fato de que nossa realidade é constituída pelo sentido que as pessoas atribuem aos acontecimentos nas interações sociais. Dessa forma, a metodologia qualitativa permite a investigação de sentimentos, opiniões e conflitos dos participantes em profundidade e com maior singularidade em relação às possíveis transformações subjetivas na atualidade.

A abordagem qualitativa possibilita, entre outras características, a compreensão e a interpretação de um fenômeno psicossocial, possibilitando ao pesquisador uma maior inserção no significado que outras pessoas dão às suas práticas. Em outras palavras, essa abordagem metodológica permite uma investigação muito mais no sentido do desafio, de explorar pensamentos, sentimentos e possíveis comportamentos dos sujeitos, do que dar uma resposta fechada, numa tentativa de descrever o perfil dos professores na atualidade.

Assim, acreditamos que, pelas significações que os sujeitos atribuem a determinado aspecto de sua vida, pode-se chegar a indicativos de seus modos de funcionamento subjetivo.

A pesquisa foi desenvolvida pautada em duas dimensões: a teórica e a pesquisa de campo. A primeira se fundamenta nas pressuposições levantadas por cientistas sociais, autores que vêm se debruçando sobre o tema para dar um

sentido mais amplo das transformações sociais que estão acontecendo principalmente no trabalho e no mundo de modo geral. Na pesquisa de campo, foram aplicadas entrevistas face a face, semi-estruturadas, (roteiro, ver em anexo) nas quais os professores de ensino superior puderam expressar não somente suas práticas atuais como docentes de instituições de Ensino Superior, mas também como eles estão vivenciando e percebendo as mudanças que ocorreram no seu campo de trabalho na transição de um “mundo analógico” para um “mundo digital”.

O modo que utilizamos para alcançar essas falas se deu através de entrevistas, neste caso, com professores de ensino superior. Tal procedimento será melhor delineado no item 4.1.3.

4.1

Procedimentos Metodológicos: Como foi organizada a fala dos professores

Neste capítulo apresentaremos, passo a passo, a pesquisa de campo que realizamos. Primeiramente apresentaremos os objetivos e, em seguida, passaremos à apresentação dos participantes que foram recrutados, do instrumento utilizado para a coleta de dados, dos procedimentos empregados e de como foi efetuada a análise do material.

4.1.1

Objetivos

A revisão de literatura que investiga o cotidiano profissional dos professores de ensino superior mostra que, não em sua maioria, mas em sua grande parte, os pesquisadores dedicam seus esforços à compreensão de questões relacionadas às práticas docentes, à relação professor aluno e ao processo ensino-aprendizagem. Embora alguns destes estudos levantem questões sobre o uso das novas tecnologias digitais, há uma maior incidência de estudos preocupados com o desenvolvimento e com a utilização dessas novas tecnologias pelos professores do que como os mesmos estão lidando emocionalmente com elas.

Tendo essa realidade como referência e levando em consideração as singularidades da carreira docente no ensino superior, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, como já foi dito anteriormente, com o objetivo de investigar como os professores estão lidando com a inserção da *Internet* e do computador no seu cotidiano de trabalho.

Procuramos, a partir do discurso dos professores, investigar a percepção que eles têm em relação à inserção dos novos recursos tecnológicos, bem como os sentimentos envolvidos nessa relação, ou seja, quais efeitos as novas tecnologias digitais, como o computador, estão produzindo no cotidiano de trabalho e como os professores os estão enfrentando.

4.1.2

Participantes

A fim de desenvolver a presente pesquisa, foram selecionados dez professores de Ensino Superior Privado da cidade do Rio de Janeiro. A escolha por um método qualitativo de investigação, especificamente análise de conteúdo desenvolvida por Bardin, 1979, envolve uma renúncia a um número ambicioso de sujeitos, considerando que o processo inteiro da pesquisa qualitativa envolve muito tempo e seria inviável trabalhar com um número elevado de professores.

Isso porque, além do material obtido com cada sujeito ser bastante volumoso, o trabalho do pesquisador qualitativo é, de certa forma, artesanal, pois não há como os resultados serem analisados por meios de computadores ou outros recursos tecnológicos, o que é até interessante, uma pesquisa sobre os efeitos do computador não ter como meio de análise de dados o próprio computador.

Algumas características dos participantes da pesquisa foram importantes para uma delimitação mais homogênea da amostra que serão apresentados em seguida.

Os professores entrevistados lecionavam nos cursos das áreas de ciências humanas, sociais e exatas, exceto da área Informática, pois partiu-se do princípio que, devido à formação acadêmica ter sido nessa área, o professor certamente mostraria uma maior habilidade no manuseio do computador. A maior parte dos entrevistados tinha, em média, 15 anos de experiência docente, pois com essa vivência, o professor supostamente apresentaria maior “facilidade” de fazer o

contraponto entre o seu trabalho antes e depois da inserção das NTI's (novas tecnologias da informação) ou simplesmente do computador em seu trabalho. Foi determinado que os professores já utilizassem o computador há pelo menos cinco anos, pois assim, já teriam passado - ou alguns ainda estariam passando - pelo processo de "adaptação" no uso do computador, o que eliminaria uma imagem mitificada do mesmo. O uso do computador, no entanto, não precisa estar exclusivamente ligado ao uso com seus alunos ou a alguma ferramenta (*software*) específica, pois o que foi investigado foram os efeitos dessa tecnologia no trabalho docente, sendo este realizado na universidade ou em sua própria residência.

Foram entrevistados dez professores brasileiros de uma instituição de ensino superior privada, usuários "pesados"⁹ de computador e *Internet*. Por motivos éticos não será divulgado o nome da instituição onde os referidos professores lecionam. Nesta mesma universidade, existem três regimes de trabalho: regime integral (40h), regime parcial (30h) e horista.

A amostra foi composta por três professores do sexo feminino e sete do sexo masculino na faixa etária entre 45 a 65 anos.

No que diz respeito à área de atuação profissional, a distribuição se deu da seguinte forma: seis professores têm, atualmente, como única fonte de renda a docência no ensino superior, sendo que lecionam nas disciplinas de: Filosofia, Física, Matemática, Pedagogia, Direito e Biologia. Os outros quatro professores dedicam-se, além da docência, a trabalhos referentes à sua formação. As disciplinas lecionadas por estes são: Estatística, Engenharia de Produção, Engenharia Química e Matemática.

Em relação ao tempo de experiência docente no Ensino Superior, a média foi de dezesseis anos e sete meses distribuídos da seguinte forma: um professor com sete anos, três professores com quinze anos, um professor com dezoito anos, três professores com vinte anos, um professor com vinte e três e um professor com trinta e cinco anos de atividade docente.

Grande parte dos professores usa o computador desde 1990 e a *Internet* desde 1995. O acesso aos computadores da universidade se dá de forma restrita

⁹ Nicolaci-da-Costa (2002) em seu artigo: "Internet: A negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal: a qual dar crédito?", identifica como usuários "pesados" pessoas que se conectam diariamente à Rede durante no mínimo duas horas de seu tempo de lazer.

visto que as cinco máquinas disponíveis na sala do professores são divididas, ou melhor, “disputadas”, por professores de toda a universidade.

Outras informações relevantes para o estudo merecem ser citadas, pois já fazem parte do universo de tais professores: todos têm computadores pessoais em casa e cinco deles já tem notebooks adquiridos pelos próprios; dois professores já foram Tutores e Monitores do EAD (Ensino à Distância) e outros dois, além de terem, desenvolveram sua própria *homepage*, onde disponibilizam para seus alunos material de aula vinculado a cada disciplina que lecionam, links para outros sites relacionados à disciplina, entre outras informações.

A fim de que o procedimento tenha uma maior isenção e desinibição entre o pesquisador e o entrevistado, foram entrevistados professores que não tinham conosco envolvimento pessoal.

4.1.3

Procedimentos

A princípio, pensamos em fazer as entrevistas através de e-mail, já que a pesquisa aborda, além dos possíveis efeitos, também os usos que os professores fazem do computador e da *Internet*. Chegamos a enviar, com o objetivo experimental, dois questionários a dois professores, para que eles respondessem e nos dessem dicas e sugestões, mas suas respostas foram tão “econômicas” que achamos por bem dar continuidade ao modo tradicional face a face, sugerido por Bardin, 1979. Este fator foi essencial e determinante para a decisão de continuar a pesquisa pelo método mais tradicional.

Dessa forma, o mesmo roteiro foi usado para entrevistar os professores pessoalmente e essa foi mais uma etapa que reforçou a eficiência da entrevista face a face. Os primeiros três professores entrevistados contribuíram significativamente para a construção final do roteiro de entrevistas, pois eles mencionavam assuntos que, realmente, tocavam-nos e faziam parte da realidade do seu cotidiano de trabalho.

Realizada essa etapa, chegou-se à versão final do roteiro que se encontra em anexo.

Na verdade, o roteiro é simplesmente um guia. Ele é composto de itens a serem abordados nas entrevistas e não de perguntas previamente estabelecidas

para se garantir a naturalidade das entrevistas. Esses itens são, de preferência, abertos, ou seja, não levam a respostas fechadas como “sim” e “não”. Eventualmente, quando necessário, acrescentamos, no momento da entrevista, perguntas de esclarecimento aos sujeitos, tais como “por quê?”; “como isso aconteceu?”, “poderia dar um exemplo dessa situação?”, etc. Essas perguntas, além de servirem para enriquecer o material da entrevista, ajudaram a dar fluência e naturalidade à entrevista. Tal naturalidade foi extremamente importante porque, aos olhos dos sujeitos, a entrevista deveria parecer um bate-papo informal. Ao se criar uma situação de entrevista semelhante a um bate-papo, o sujeito pôde ficar à vontade para expressar suas reflexões sobre o tema a ser investigado. Ainda, a fim de tornar a entrevista o mais informal possível para o sujeito, deixamos que este opinasse sobre o local onde seria realizada a entrevista. O único pré-requisito para a execução da entrevista foi a de que não fosse realizada em ambiente com ruído, o que poderia prejudicar o entendimento da entrevista, na transcrição e posterior interpretação.

Escolhemos realizar entrevistas, em primeiro lugar, porque elas permitem que o sujeito fale livremente sobre o tema investigado. Em segundo lugar, o entrevistador também tem liberdade para, junto ao sujeito, aprofundar o tema da entrevista o quanto e quando achar adequado, o que a experiência mediada pela *Internet* mencionada acima não proporcionou. Obviamente a *Internet*, com todos os seus recursos *online*, pode viabilizar este tipo de contato, mas preferimos deixar esta experiência para um momento seguinte, estabelecendo assim, um processo gradativo de alteração metodológica em pesquisas posteriores.

As entrevistas foram gravadas e, para realizá-las adequadamente, construímos um roteiro com itens relevantes a serem abordados. O roteiro é importante porque a metodologia qualitativa propõe que se faça uma análise comparativa entre as falas dos sujeitos (análise intersujeitos). Para haver esse tipo de comparação pretendida, é necessário, portanto, um “solo” comum entre as entrevistas e este solo é o roteiro. Isso não significa, todavia, que este roteiro seja uma espécie de “questionário falado”.

4.1.4

Análise do material

Terminadas todas as entrevistas, elas foram transcritas na íntegra. De posse desse material escrito, começamos a análise de discurso propriamente dita. Primeiramente comparamos as repostas de todos os sujeitos para cada item do roteiro, ou seja, comparamos as respostas que os sujeitos deram para o primeiro item do roteiro, depois para o segundo, e assim sucessivamente. A partir dessa etapa, que é chamada de inter-sujeitos, foi possível agrupar em categorias o que é semelhante e recorrente na fala desses sujeitos. Após essa etapa, vem a análise intra-sujeitos.

Nessa fase, cada entrevista foi analisada separadamente, a fim de buscar possíveis inconsistências e contradições no discurso dos sujeitos. Se alguma inconsistência ou contradição fosse encontrada em uma entrevista, procurávamos verificar se tratava-se de uma idiossincrasia e se poderia ser observado no discurso dos demais sujeitos. Assim, voltava-se a uma comparação inter-sujeitos. Essas duas etapas foram repetidas sucessivamente até que se completasse a análise do material.

O que consideramos relevante neste tipo de análise de discurso é a proposta de que as categorias de análise surgiram do próprio discurso dos sujeitos e não da construção de categorias prévias em que as falas dos sujeitos possam ser encaixadas. Nesse método há, portanto, sempre a possibilidade da surpresa, pois há espaço para que questões que sequer foram imaginadas pelo pesquisador viessem à tona.

5

Uso do Computador e da Internet e seus (e)-feitos no cotidiano docente: apresentação e discussão dos resultados da pesquisa

Antes de iniciarmos a exposição dos resultados propriamente ditos, algumas considerações se fazem necessárias. A primeira diz respeito aos itens do roteiro. Como será percebido abaixo, não apresentaremos, item por item, as respostas obtidas, e sim somente as respostas dadas às perguntas diretamente relacionadas ao tema do estudo.

Procuramos, na análise do material coletado, fazer uma divisão por categorias baseada nas colocações recorrentes encontradas nas respostas dos professores articulando com as categorias apresentadas pelos teóricos no capítulo dois.

Apresentaremos, a seguir, alguns trechos considerados mais representativos de tais respostas. Antes, porém, acreditamos ser interessante fornecer ao leitor um perfil dos professores entrevistados.

5.1

Transformação: o antes e o agora. Novas formas de pensar e fazer o cotidiano de trabalho dos professores de ensino superior

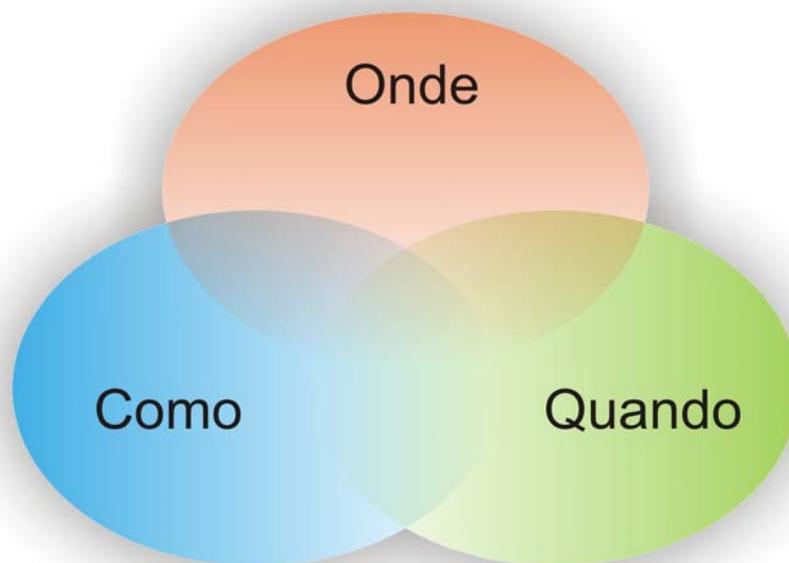
*“Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa
Tudo sempre passará
A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito
Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente
Viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo
No mundo
Não adianta fugir
Nem mentir*

*Pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre
Como uma onda no mar (...)*
(Lulu Santos, *Como uma onda no mar*)

É fato: o ritmo com o qual as mudanças estão acontecendo altera significativamente a maneira como pensamos, sentimos e nos comportamos. Assim como as marés alteram o ritmo de trabalho dos pescadores, a inserção das referidas tecnologias digitais, também reorganiza o cotidiano de trabalho docente.

Ao analisar as possíveis mudanças no trabalho dos professores de ensino superior decorridas, provavelmente, pela inserção das Novas Tecnologias da Informação, pudemos visualizar, através da fala dos professores, indicadores da necessidade de mudanças na prática acadêmica e no modo como eles estão assimilando as mesmas. Provavelmente, pois nem todos os professores atribuem à inserção do computador e da *Internet* como os únicos responsáveis pelas mudanças no seu cotidiano no trabalho.

Para detalhar melhor o discurso dos profissionais procuramos subdividir a análise dos resultados em cinco categorias: Automatização, Rotina, Relações Interpessoais, Trabalho x Lazer e Real x Virtual. Assim, em todos esses aspectos, analisaremos quais tem sido os principais usos do computador e da *Internet* relatados pelos professores na sua prática docente. Em um primeiro momento, podemos dizer que os usos variam em espaço, tempo e forma, que representam respectivamente: onde, quando e como fazem uso do computador e da *Internet*. Inicialmente os professores dizem usar no trabalho e em casa (onde); só usam se há necessidade - nesse caso poderemos observar que “necessidade” está ligada diretamente a trabalho – (quando) e atribuição, pelos próprios professores de fazerem um bom uso e um mau uso (como) como indica o esquema abaixo:



Embora todas as categorias acima destacadas contenham características equivalentes, a maioria dos professores relatou que o computador é usado como sinônimo de: colaborador, aliado, divisão de tarefas, ferramenta, caixa de ferramentas, automatização de tarefas que vêm modificar algumas categorias no mundo do trabalho.

5.1.1

Automatização

Pôde-se perceber no discurso dos professores, ao longo das entrevistas, certa confusão no que diz respeito às novas atribuições e principais atividades acadêmicas realizadas.

Porém, pôde-se perceber, através da pesquisa, que muito mais significativo do que o surgimento de novas tarefas é a mudança no formato de tarefas habituais da profissão docente. As atividades que merecem destaque e que são pertinentes ao trabalho acadêmico podem ser elencadas da seguinte forma: a) no que se refere ao uso do computador e da *Internet* integrados: pesquisar artigos científicos, receber trabalhos e esclarecer dúvidas de alunos por e-mail, participar de grupos de discussão das disciplinas que leciona; b) no que se refere ao uso somente do

computador: organização de material das disciplinas, preparação das aulas, armazenamento de dados tais como provas, exercícios e textos.

O desenvolvimento de tais tarefas nunca foi tão prático. Antes da existência do computador, o conteúdo da disciplina era organizado em cadernos, fichas feitas à mão ou datilografado. Bastava um erro para que o material fosse totalmente perdido: não há condição de errar, apagar e reescrever no mesmo lugar sem a danificação do papel e a enorme “perda de tempo”. O jeito era fazer tudo novamente. Além disso, o montante de papéis guardados era incontável. Hoje todos os documentos utilizados pelos professores podem ser armazenados em pastas no próprio computador, o que pode melhorar a organização do material preparado e do próprio local de trabalho.

Embora tenhamos essas e outras vantagens com a automatização de algumas tarefas acadêmicas, o material, cuidadosamente preparado pelo professor, nem sempre pode ser usado em sala de aula, pois lá falta a tecnologia apropriada e indispensável para o uso pleno do mesmo. Isso nos leva a pensar e questionar: não poder aproveitar, em sala de aula, efetivamente, o material preparado esbarra em obstáculos humanos (pessoais, dos próprios professores) ou em obstáculos materiais? (a real falta de recursos e infra-estrutura da instituição).

Seja por deficiência humana ou material, a aula do professor não muda muito em termos qualitativos e nem quantitativos, pois a elaboração das aulas em slides mais sofisticados não garante o aumento de aprendizado do aluno, nem sequer a mudança para uma metodologia de aula mais adequada.

Assim, pode-se pensar que não é a tecnologia por si só que determinará o sucesso ou o fracasso nos processos de ensino e aprendizagem; se o professor irá desenvolver sua aula e o aluno irá aprender mais ou menos, não será a tecnologia em si - pelo menos com os recursos disponíveis e utilizados até o momento - que irá garantir o resultado esperado. Este dependerá, sobretudo - não eliminando a influência do professor -, da percepção e da motivação que os alunos têm em relação ao conteúdo que está sendo exposto. Como diz um professor:

Acho que piorou pro aluno, pois você joga o conteúdo todo primeiro e o aluno não lê. Antes, o que acontecia? Quando o professor escrevia no quadro o aluno já ia lendo antes e depois o professor explicava (...). A aprendizagem seria a mesma hoje dando aula no quadro, na transparência ou no data show, porque hoje as pessoas não querem aprender. Antigamente os alunos queriam e tinham interesse de aprender.”

Nesse momento, pode-se pensar que o uso do computador e da *Internet* não produziram grandes alterações no cotidiano de trabalho docente. Essa idéia seria verdadeira se o trabalho do professor se resumisse em dar aulas, mas, como se sabe e já foi dito anteriormente, não param de surgir novas atribuições, tais como: atualização freqüente do *Currículo Lattes*, preenchimento de relatórios, lançamento de notas no site da universidade, especificação do seu cronograma de aula, incluindo material didático, na página do curso em que leciona, entre outras.

De todas as atividades realizadas pelo professor de ensino superior no contexto acadêmico, afora tais novas atribuições, uma das que têm sido mais influenciadas pela automatização é a que diz respeito à produção de conhecimento. Fica difícil mensurar os efeitos que a aceleração da produtividade, em um mesmo espaço de tempo, ou até menor, pode acarretar. Ora, a natureza das coisas é diferente. Uma coisa é uma máquina onde nela é aumentada a capacidade de produção, outra “coisa” (*e aqui coloca-se coisa de propósito*) é o homem, que, se por sua vez, pode aumentar sua capacidade de produção, não pode ser automatizado como algumas pessoas acreditam ser possível.

Além de considerarmos duas estruturas de funcionamento bem singulares, seres humanos e computadores têm seus limites na assimilação, armazenamento e processamento de informações. Dessa forma não há como comparar “espécies” tão diferenciadas. O medo que as pessoas têm de que o computador domine o homem, não deveria passar de uma emoção inicial, diante do que é novo, pois um não substitui o outro na produção de conhecimento.

Talvez esse sentimento esteja relacionado ao que Sennett, Bauman e Castells se referiam quando falavam da mudança na relação tempo e espaço na contemporaneidade. Segundo os autores, o tempo tornou-se mais flexível e varia, portanto, de acordo com as demandas profissionais e pessoais. O que pôde-se perceber é que, muitas vezes o trabalho “invade”, mesmo no caso dos professores, outros espaços dedicados à família e ao lazer. Dessa forma, as pessoas têm a sensação de certo descontrole em relação à sua vida profissional e, conseqüentemente, pessoal.

Nesse sentido, a produção de conhecimento exigirá muito mais que o domínio de algum assunto específico na sua área de atuação ou do computador; exigirá também, do professor, a habilidade de administrar seu tempo.

Na relação tempo e produtividade, o que, significativamente, mudou foi o processamento do trabalho, ou seja, como os professores elaboram suas aulas, como eles se comunicam com coordenadores e alunos, como eles se atualizam e como eles escrevem seus trabalhos científicos.

Com processadores mais potentes, pode-se, em tese, aumentar a produção em menor tempo. Essa lógica pode ser aplicada se estamos falando “somente” de máquinas, mas, ao contrário do que se pensa, essa lógica vem sendo “imposta” a todos nós - “seres mortais”- sem levar em consideração as características singulares de cada sujeito.

A automatização das atividades não automatiza, obrigatoriamente, o sujeito. Entretanto, ao levarmos em consideração “somente” a tecnologia, pode-se admitir a seguinte equação: (Quantidade x Tempo + Qualidade = sofisticação tecnológica).

Algumas tarefas já são percebidas pelos professores como automatizadas, por exemplo, o agendamento de uma reunião e a comunicação com seus alunos sobre mudança de sala, compartilhamento do material didático, entre outras. No entanto, parte dos professores é a favor da automatização da comunicação na universidade desde que a forma de divulgação das informações esteja clara para todos os interessados:

“Hoje a coordenação te manda o e-mail. É claro que as pessoas têm que ter ciência disso. Não é simplesmente mandar o e-mail e pronto! Essa forma de comunicação automatizada tem que ser comunicada: olha minha comunicação com você vai ser via e-mail!”

“Porque tudo meu é informatizado, todas as turmas que eu tenho, tem um e-mail coletivo. Aí eu me comunico com a turma por ali. Por e-mail eu falo: a aula vai ser não sei aonde... compareça em tal lugar.”

“Uso Orkut com meus alunos, inclusive tenho comunidades ligadas à parte acadêmica. Ali eu abro fóruns sobre tudo o que acontece na universidade, com minhas turmas.”

“(...) tem muitas vantagens em usar a Internet no meu trabalho, porque quando eu comecei a dar aula, não existia nada disso, então automatiza a elaboração de provas, comunicação com os alunos, dá uma série de automatizações (...).”

Assim, para que os professores, como também a instituição de ensino, possam alcançar os resultados desejados, é que ambos devem aproveitar, ao máximo, o processo de informatização. Para isso, são necessárias inovações, tanto

da própria instituição como também dos professores no sentido de qualificá-los e prepará-los para sustentarem as inovações tecnológicas e suas implicações em suas tarefas diárias.

5.1.2

Rotina: usos e desusos

“Algumas pessoas se preocupam com a divisão social entre os ricos e os pobres de informação, os abastados e os despossuídos, o Primeiro e o Terceiro Mundo. A verdadeira divisão cultural, porém, apartará gerações” (Nicholas Negroponte, p. 11, 1995).

“Há pessoas que amam a rotina, outras que verdadeiramente a abominam. Para as primeiras, a rotina constitui um meio de situar-se, de manter uma certa disciplina e organização produtivas. Para as últimas, rotina é pura carece, convite ao tédio mortal, “descurtição”, pasmaceira... Para estas, o bom da vida é viver o que pintar, numa boa, sem regras ou métodos, e, principalmente, sem rotina.” (Galasso, L. Ser mãe é sorrir em parafuso. SP: Ática, 1988).

A rotina já não é mais a mesma. Da mesma forma que se tem a idéia de que virtual é tudo aquilo que não tem concretude material, rotina refere-se à monotonia, um evento que acontece quase sempre da mesma forma e com uma freqüência tal que se pode até admitir uma previsibilidade de acontecimentos.

Etimologicamente, o conceito de rotina vem do francês *route*, “caminho muito freqüentado”. Pelo mecanismo da metáfora *route* ou rota, virou rotina, ou seja, aqueles caminhos muito freqüentados em nossas vidas, as repetições que estruturam, de algum modo, nosso tempo cotidiano.

Embora seja prática do professor - e, talvez, necessidade - planejar tais atividades em sua própria residência, é fato que o volume de trabalho ligado ao papel de professor aumentou em função da exigência de aceleração no desenvolvimento de artigos, livros e outros documentos pertinentes à atividade acadêmica.

Como podemos observar nos relatos de alguns professores, as tecnologias não alteraram significativamente a relação entre a sua rotina e o seu espaço de trabalho. O que alterou foi a relação: rotina + (quantidade x tempo), ou seja, em menos tempo tem-se de produzir mais. Por outro lado, parece não ter sido, necessariamente, a natureza do trabalho em si que mudou, mas a velocidade com

que ele é realizado acarretando, conseqüentemente, aumento no volume de trabalho, como pode-se observar na fala abaixo:

“A sensação que eu tenho é que a gente trabalha mais porque o volume de trabalho que chega é muito maior e muito mais rápido. Eu respondo por dia uma média de 30 mensagens (de alunos), fora aqueles e-mails de colegas”.

A sensação inicial de que com o computador, ou seja, com a automatização das tarefas, “sobraria” tempo livre para o lazer parece ter sido realmente ilusória. Os professores afirmam que, em um primeiro momento a sensação de “tempo livre” é real, mas ela perdura por pouco tempo; tão logo ligam seu computador pela manhã e vão checar seus e-mails, vêm-se necessitando de prolongar mais o dia. Dessa forma, mesmo com todas as vantagens até agora conhecidas pelos professores, o uso do computador fez com que não só a carga de trabalho aumentasse, mas também o número de atribuições, fazendo com que o professor não consiga, efetivamente, usufruir seu “tempo livre”, até mesmo porque o “tempo livre” deixa de existir já que ele é preenchido por outros afazeres.

Perguntamo-nos então: o que ou quem está exigindo a aceleração na produção? Qual é o elemento chave que desencadeia toda uma série de necessidades e exigências? Se o computador e a *Internet* são ferramentas, ou uma caixa de ferramentas, que ajuda o professor a automatizar as tarefas, o que justifica então algumas pessoas não quererem usá-la no seu dia-a-dia? Por que usá-la torna-se um fardo tão pesado? Questionamos aqui o que, de fato, aumenta a sensação de fadiga no trabalho dos professores entrevistados. O aumento de trabalho refere-se, exclusivamente, ao aumento da velocidade e das exigências estimuladas pela inserção das novas tecnologias digitais, ou a exigência de um trabalho dobrado, que além de ser realizado no computador continua sendo manualmente feito?

Essa ainda é a realidade da rotina de trabalho de muitos professores universitários; não sendo bastante o professor dominar sua disciplina e conceitos básicos de informática, ele também tem de arcar com o preenchimento manual de vários diários e formulários que são alterados ao longo do ano.

Como apresentado no discurso abaixo, a irritação (sentimento de irritabilidade), que soa até como um desabafo, é bem presente no cotidiano docente:

“(...) Não é porque existe a Internet que então vamos mandar tudo pro e-mail; se o infeliz de um dia que você não acessou o e-mail e tinha lá um recado de uma reunião não sei lá do que e você não pôde ir porque você não tinha computador, porque você foi ao médico ou alguma coisa assim, aqueles dois ou três dias que você estava atribulada e não acessou a Internet, você perdeu a reunião! você perdeu porque fazem tudo contando com a Internet! (...)”

Parece que, mais uma vez, fica claro não haver ainda uma sincronização entre as condições de um trabalho real (aquele que o professor já realiza com todos os obstáculos “*tech*”) e um trabalho ideal (aquele almejado, no qual a tecnologia seria usada plenamente). Assim, a distância entre as exigências do trabalho e o que é humanamente possível fazer ainda é muito grande. Nesse sentido, a tecnologia ainda não chegou para facilitar ou melhorar a qualidade de vida do professor em algumas universidades; veio, até agora, para aumentar não qualitativa, mas quantitativamente, seu trabalho, pois tudo que, hoje, o professor faz no sistema *online* continua sendo feito manualmente, o que, de fato, aumenta sua carga de trabalho. Tendo mais tarefas para serem realizadas no mesmo período de tempo, a velocidade com a qual elas são desenvolvidas deverá crescer e o tempo deverá ser redistribuído, para que a produtividade não venha a ser prejudicada. Nesta contradição entre o uso que tem sido feito dessas ferramentas e no “**como**” se deseja usar, podemos observar que, mesmo a automação tendo seus aspectos positivos, ela também traz o aumento do trabalho como se pode observar na fala do professor abaixo:

“(...) Porque, por exemplo, começam a jogar tudo para a Internet. Justamente quando eu entrei pra cá (se referindo à Universidade) a gente entregava as notas no papel para a secretaria e eles iam lá e digitavam, agora não, querem que você digite. Então, além de você escrever, de corrigir a prova, de lançar a nota, de somar e não sei mais o quê, você ainda tem que lançar a nota na web, então acaba sobrecarregando (...)”

Ao tratar da rotina em sala de aula, a maior parte dos professores concorda com a idéia de que geralmente usam o *datashow*, por exemplo, como uma substituição do quadro negro ou das transparências usadas no retroprojetor, o que confirma a tese de que a tecnologia não é bem utilizada como poderia. Nem todas

as salas são equipadas com *datashow* ou quaisquer outros recursos de mídia como, por exemplo, DVD, TV. Para o uso desses instrumentos, faz-se necessária uma reserva prévia dos mesmos, o que nem sempre é possível, pois são quantitativamente insuficientes para o número total de professores da universidade.

Outro fator que merece ser destacado é que o computador, usado conjuntamente ou não à *Internet*, disponibiliza um número de ferramentas de trabalho maior que o conhecimento dos professores permite usar. Entretanto, para que elas possam ser usadas na sua plenitude, é fundamental que o educador domine esta tecnologia, ou seja, conheça seu potencial técnico para que possa explorá-la adequadamente; para isso faz-se necessário criar programas específicos de capacitação e incentivo para que os professores busquem uma maior aproximação das novas ferramentas de trabalho.

A maioria dos professores entrevistados disse que em *softwares* de apresentação, como por exemplo, o *Power Point*, eles simplesmente transpõem de forma estática os “blocos” de conteúdo que colocariam em uma transparência ou até mesmo no quadro negro para a mídia. Essa situação pode ser bem representada na fala deste professor, pela comparação dos recursos disponíveis na universidade: quadro, retro-projetor e *datashow*.

“O trabalho funciona como era antes, o que melhorou foi só que o professor prepara o material antes, mas o conteúdo é o mesmo, veja, percorra as salas de aula e veja como os professores usam o computador e o data show! É como se fosse uma transparência mais sofisticada (...) no dia a dia, a modernidade não fez muita diferença.”

Pode-se entender, com esse discurso, que as alterações no trabalho do professor de ensino superior dessa universidade, ainda são muito mais periféricas¹⁰ do que estruturais. Em outras palavras, isso significa dizer que a estrutura informacional da universidade deve ser implementada e aperfeiçoada para ser, potencialmente usada e, definitivamente, produzir os resultados e benefícios esperados com o uso das Novas Tecnologias da Informação (NT’I).

¹⁰A palavra “periférico” pode ser usada em conjunto com várias outras palavras e apresenta os seguintes significados: 1. periférico é o que está ao redor e complementa as funções de uma parte central e estrutural de um organismo maior. 2. equipamento que não integra a unidade central de processamento de um computador. (Dicionário da Língua Portuguesa – Houaiss, 2001).

Parece-nos praticamente impossível pensar em um uso efetivo de tais tecnologias sem pelo menos uma condição: *a reestruturação global da instituição*, o que inclui nos seus vários setores: a organização de uma infraestrutura adequada para receber e utilizar os recursos e, talvez, a missão mais difícil: promover aprendizagem de novos conceitos, o que, por sua vez, irá influenciar diretamente nos aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais não só dos professores, mas de todas as pessoas que lá trabalham.

O mar de mudanças na rotina de trabalho docente está bem agitado, de forma que altera a rota de sua embarcação. Os professores se vêm tendo de adotar novas estratégias de navegação até que encontrem uma âncora, como diz Richard Sennett, na qual possam se apoiar. São das incertezas do novo caminho a ser tomado que surgem expressões como: bom uso, mau uso, facilidade e dificuldade quando os professores se referem à utilização das ferramentas disponíveis no computador e na *Internet*.

Assim como o *bom uso* não obrigatoriamente está ligado ao fato de terem facilidade no manejo com o computador, o *mau uso* não se vincula necessariamente às dificuldades.

Assim, identificamos professores que têm facilidade de usar o computador e a *Internet*, mas admitem não fazer o bom uso dos mesmos. O mau uso está muito mais ligado à subutilização das ferramentas e à dificuldade do manejo que o professor tem com a tecnologia, podendo estar aí escondida uma possível resistência por parte do professor e, daí, a dificuldade. Nas falas apresentadas abaixo observa-se uma grande intimidade dos professores com os recursos tecnológicos, intimidade tal que lhes permitiram, inclusive, nomearem-se usando expressões tecnológicas, como podemos verificar:

*“Meu uso do computador é excessivo, **over**, **hard**. Passei esse feriadão todo no computador, é porque **sou professora online**. Então meus alunos todos os dias praticamente eles acessam e-mail, para ver se tem trabalho (...). **Eu sou muito online** (...).”*

“Eu ainda acho que com a velocidade, cada dia aparece uma coisa nova e a gente não está sempre antenado, eu acho que eu uso ainda muito pouco (...). Eu acho pouco pelo seguinte: porque eu estou usando meu notebook, né, que tem um ano, depois de um ano pra cá, outras novas tecnologias já surgiram, quer dizer, por mais que use bem, usar bem é uma coisa, ter facilidade de uso é outra coisa.”

“Não tenho problema de ligar o computador, se me ensinarem um programa novo eu não tenho dificuldade. Eu tenho facilidade (...). Usar bem seria se eu soubesse: ‘olha, tem um programa novo (...)’ ‘se eu soubesse tudo o que está acontecendo, todas as ferramentas’, ‘você está usando assim, mas você poderia estar usando de outra forma’ (...) ‘já tem um programa novo (...) já saiu isso, já saiu aquilo (...)’ não sou da área de informática eu sou da área de matemática eu uso computador como ferramenta. Então, por isso que eu digo saber usar bem seria estar ligado às novidades, ao desenvolvimento dos programas, das ferramentas.”

“Porque hoje tem a facilidade, hoje eu tenho a lista com os e-mails dos alunos, antes eu tinha que copiar no papel, tirar cópia, xerox, trazer pro aluno o material até mesmo as notas de aula. Hoje eu já envio para os alunos via e-mail. A cada turma eu tenho um grupo de e-mail (...). Tenho facilidade, mas não uso bem (...) poderia usar melhor.”

Além de a *Internet* ser um meio, encontrado pelos professores, que possibilita colocar à disposição de seus usuários novos canais para coleta e processamento das informações utilizadas, ela provê condições para a discussão e a disseminação de conhecimentos gerados a partir da atividade de pesquisa acadêmica.

“Ultimamente eu tenho gostado muito, pois minhas filhas me ensinaram a usar o MSN. Eu via as meninas lá em casa usando o MSN, mas eu nunca tinha parado para observar o bom uso que pode ser feito no MSN, como por exemplo, a discussão de trabalhos em grupo. Nós podemos nos encontrar no MSN uma hora para tirar dúvidas.”

“Você pode dividir um trabalho, você pode, vamos supor: ‘ah! Divide o trabalho em 5 partes, você faz a um, você faz a 2 e o quinto fecha. Tem que ter um mediador no grupo que feche o trabalho. Seria uma aproximação geográfica.”

“Há uma grande preocupação das pessoas acharem de que tudo que é antigo é ruim né (...). Os clássicos estão desprestigiados. Os grandes pensamentos estão lá em Aristóteles, Platão, não dá pra esquecer os clássicos. Quem tem uma boa base dos clássicos pode aproveitar muito mais hoje a informação. Tem que saber pra onde está indo (...). Acho que é uma ferramenta boa, mas tem que ser usada, sabendo como usar. Acho que a parte de informática tem que estar muito ajustada ao conhecimento mais amplo. Acho que falta isso nas pessoas: mais filosofia, mais conhecimento básico dos clássicos.”

Uma das idéias mais marcantes nesse tópico diz respeito à transformação da rotina. Em cada período que vivemos são dadas à rotina significados diferentes de acordo com as contingências nas quais a sociedade vive. Esses significados, por sua vez, estão diretamente ligados às necessidades que cada um de nós temos nesses períodos de transição. A tendência de cada um de nós, seres humanos, é a

busca da homeostase no intuito de atingir o equilíbrio cognitivo e emocional na tentativa de diminuir a dissonância que surge, inevitavelmente, em momentos de mudança.

5.1.3

Relações Interpessoais: Eu, os outros e ele (o computador)

“Tudo em nós está em nosso conceito do mundo; modificar o nosso conceito do mundo é modificar o mundo para nós, isto é, é modificar o mundo, pois ele nunca será, para nós, senão o que é para nós.”
(Fernando Pessoa)

As relações interpessoais são, na atualidade, ao contrário do que muitos pensam, ainda muito importantes e são um vínculo a que as pessoas, de modo geral, atribuem grande valor, seja na vida íntima ou no trabalho.

Nos dias de hoje, o que mais se houve falar é que a *Internet* está afastando as pessoas. Mais uma vez aqui é atribuído à *Internet* um poder de separação, como se ela tivesse vida própria. Então a questão que se coloca é se, de fato, a *Internet* tem o poder de afastar ou de atrair as pessoas.

Sennett, Bauman e Castells concordam que os vínculos estão sofrendo modificações na Pós-Modernidade, porém, os dois primeiros autores defendem que as modificações estão acontecendo no sentido negativo, provocando uma série de desestruturas nas relações entre as pessoas. Por outro lado, Castells aponta para modificações consideradas benéficas nessas mesmas relações.

O que o discurso dos professores universitários nos apontou foi uma tendência à concordância com o pensamento desenvolvido por Castells, visto que as novas ferramentas tecnológicas contribuem, caso a pessoa tenha habilidade de relacionamento interpessoal, para a construção, para o resgate e a aproximação de vínculos sociais e pessoais.

Como nas categorias anteriores, os professores demonstraram aqui diferentes opiniões do que pensam a respeito da manutenção das relações interpessoais. Embora haja algumas divergências, a maioria deles chegou à conclusão de que a *Internet*, não obrigatoriamente, afasta as pessoas e que as dificuldades que as pessoas têm em seus relacionamentos, ou para iniciá-los, são

problemas ou dificuldades que estão ligadas às próprias pessoas e não à *Internet* em si.

Assim, atribuem-se as dificuldades de manutenção dos relacionamentos interpessoais, de modo geral, mais às inabilidades pessoais, principalmente de comunicação, do que de fato ao advento da *Internet* como pode ser visto nos discursos abaixo:

“Não tem aquelas pessoas que dizem que a internet afastou as pessoas? Não acho que afastou (...). Hoje, eu me comunico melhor, não só com o aluno, mas também com as coordenações, eu tenho acesso mais rápido a eles. Às vezes essa situação de você ter que marcar uma hora e hoje você pode, você tem o e-mail de uma direção você pode se comunicar com eles ou até mesmo se precisar falar ao vivo, manda um e-mail agendando um horário, marca uma reunião por e-mail. A coordenação se comunica por e-mail: ‘olha quinta-feira reunião!’ E isso funciona, antes não, era uns telefonemas chatos, tinha que te achar a pessoa, 3 ou 4 vezes a mesma secretária ligando, isso que era muito chato.”

“Hoje você manda um bilhete eletrônico e é ótimo! (...) Telegrama era uma coisa mais rápida idéia de rapidez e urgência (...) o telegrama sempre teve a conotação do MSN rápido, passou, chegou.”

“Nem vejo como questão negativa não, eu vejo como dificuldade. Acho que as dificuldades não são dificuldades tecnológicas, acho que já são no campo pessoal, nas relações interpessoais (...) porque cada um é um, cada um tem a sua personalidade, cada um tem sua característica, cada um tem sua forma de ver as coisas e você não tem como mudar a pessoa (...).”

Por outro lado, parte dos professores não vê o uso da *Internet* para comunicação com bons olhos, trazendo, por vezes, sentimentos de desmotivação, decepção e só utilizam os programas de conversa *online* se já conhecem as pessoas, se já são amigos. Vejamos:

“Eu vejo a desvantagem na conversa, eu sou uma pessoa que gosta muito de conversa, sou muito falante gosto de relação com pessoas, gosto de bater papo, mas não gosto de bater papo no computador, pois não me sinto à vontade. Eu vejo pessoas que entram em salas de bate papo, não sabem os valores que elas têm, o que pensam, o que não pensam, se realmente é aquela pessoa que ela diz ser (...) assim eu sou João ou eu sou Manoel, posso dizer também que sou Maria. Eu vou conversar como Maria e a pessoa não vai saber (...) eu acho isso desvantagem (...) acho que vai da índole de cada um, claro, mas tem muitas pessoas que se fazem de outro né (...) tem muitas brincadeiras que as pessoas levam a sério (...) ninguém entra na Internet para analisar o discurso do outro, para fazer análise do discurso, a não ser que seja pesquisador.”

“Eu entro no MSN só quando tem alguém conhecido para conversar, é um lazer, mas não é sempre.”

“Às vezes dá esse tipo de sentimento de decepção, porque você quer falar com uma pessoa, a pessoa tá ali, e às vezes você chama aquela pessoa e ela não responde, ou tá ausente, sei lá (...) você não sabe se aquilo que ela colocou ali no status dela é verdade se não é, entendeu? E na vida real isso não acontece você chama uma pessoa ela vem. E às vezes não é nada daquilo, mas dá uma impressão que a pessoa não quer falar com você (...) meio decepcionante.”

Na falta de pessoas para conversar, alguns professores acabam por transferir algumas falas e sentimentos, que se encaixariam naturalmente se fossem ditos a uma pessoa, para o computador como podemos observar nos exemplos abaixo:

“Eu tinha ciúme do meu computador. Nunca botei senha, mas eu tenho uma relação, horrível isso, de ciúmes com o computador, eu não gosto de ver você sentada no meu computador (...) Sou eu com ele, é como se eu tivesse travando um estudo mesmo, muito estranho, é uma relação mesmo, parece que ele já sabe.”

“A minha relação com a Internet e com o computador é quase humana (...) Quando alguma coisa dá errado eu falo (risos): que encrenca essa Internet, quanto mais eu preciso ela não me atende. Tenho aquela sensação: quanto mais eu preciso de você, você não está aqui! Tenho também a sensação de abandono: logo agora!!!!!!”

“Se eu perco o contato com a máquina, não posso nem imaginar... Sem contar, que minha vida tá lá na máquina, minha agenda, minha agenda de telefone, endereços... tá tudo lá, sem contar outras coisas que estão lá no computador que são vitais para mim.”

E assim, se até pouco tempo o uso da palavra ‘relacionamento’ não era apropriada para se falar da ‘relação’ do homem com o computador, pois como tal só poderia ser estabelecido entre duas ou mais pessoas, eis que surge outro tipo de relação: a relação do homem com o seu computador, tornando essa uma ligação mais próxima e, talvez por isso, menos amedrontadora.

5.1.4

Computador e Internet: Trabalho x Lazer: entre o bem e o mal

*“Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje
Que veleje nesse infomar*

*Que aproveite a vazante
Da infomaré (...)*
(Pela Internet, Gilberto Gil)

Trabalho e lazer; os professores parecem ter dificuldades de delimitar o espaço que cada um ocupa em sua vida. Quando pedimos para que falassem sobre o uso do computador e da *Internet* no seu trabalho, os professores mostraram com muita clareza a diferença que consideram ter entre o uso do computador e da *Internet*. Os professores usam sem muitas críticas o computador, mas quando se trata do uso da *Internet*, eles ficam mais receosos.

O ponto comum entre os professores é que o computador é usado sem nenhum fantasma ou culpa enquanto que a *Internet* parece ser ainda um espaço nebuloso e muito ligado a qualidades não muito valorizadas. Vê-se que a *Internet* ainda está muito associada à perda de tempo, jogos, sites de relacionamentos e inutilidades. A única possibilidade para a qual admitem o seu uso vem associada à necessidade profissional, caso contrário, alegam mal estar e arrependimento:

“Neste fim de semana me senti péssima, porque usei o computador por obrigação, então eu usei demais e eu queria ter feito outras coisas, caminhar na praia, ir ao cinema, e fiquei o tempo inteiro trabalhando no computador.”

“Se eu tiver um trabalho de compromisso eu fico com aquela culpa né... tinha que ter acabado, mas se eu estiver me divertindo, se for uma coisa minha assim, eu me desconecto... às vezes dá até um alívio: ah chega de computador!!!”

Pode-se dizer que, de acordo com a maioria dos professores entrevistados, a *Internet* ainda é tida como uma tecnologia que só é usada quando se tem tempo livre, associada ao lazer e ao prazer ou, no caso de extrema necessidade, associada ao trabalho.

Já o uso do computador – sem a conexão com a *Internet* - está mais associado ao trabalho, que realmente veio para substituir a máquina de datilografia e contribuir para facilitar o trabalho docente e não substituí-lo. Os *softwares* tipo *Word*¹¹ e *Excel*¹² são os mais usados para facilitar as atividades e o aumento da produtividade dos acadêmicos em ensino e pesquisa.

¹¹ Word é um programa do pacote Office usado basicamente para edição de textos.

¹² Excel é um programa do pacote Office usado basicamente para cálculos, gráficos, tabelas e outras funções.

Vejam algumas dessas falas onde os professores demonstram claramente essa percepção:

“Particularmente eu acho que eu só sou pesquisadora hoje... a pesquisadora que eu sou, quer dizer (...) a gente não sabe (...) como é que seria de outro jeito, mas o trabalho que eu tenho só é possível por causa da Internet. Ai eu virei professora.”

“Como eu uso a Internet para trabalho, eu não uso Internet para lazer (...) eu recebo muita piada (...) ah! eu não estou com tempo pra ver piada não (risos) então, tem que ter tempo, então eu não tenho essa sensação (...). Eu não consigo imaginar a minha vida sem esse mundo da Internet aos meus pés, ou seja, quando eu falo mundo da Internet, não é brincar, a minha vida com o computador é trabalho.”

“se eu ficar uma semana sem Internet eu não vou ficar deprimido, a não ser que eu precise usar a Internet e a Internet não pegar, a velox cair e não voltar (...) aí sim (...) se tiver que usar pela responsabilidade fico mal, agora, se eu não tiver nada pra fazer, tudo bem (...). Eu tenho outro tipo de trabalho fora da escola sabe (...) tem horas que eu tenho necessidade da Internet.”

Parece que a *Internet* ainda não é usada com tranquilidade pelos professores entrevistados. Ainda não conseguem encarar seu uso de forma séria, para o trabalho e talvez, por isso, façam tanto essa diferenciação entre o uso da *Internet* e do computador. O fato de sempre observarem seus alunos nos laboratórios de informática em sites de relacionamentos, páginas nem sempre muito “confiáveis”, deixou-os resabiados quanto ao seu uso:

“Ele é um colaborador (risos), um facilitador, ele dá mais velocidade ao trabalho. Agora a teoria tem que ser dada, pois mesmo que tenha um programa que faça, eles (os alunos) precisam saber os fundamentos, então o computador não vai substituir porque os fundamentos fui eu quem fez e colocou ali.”

Conclui-se este tópico com uma citação de Moreira (1998, p. 13):

Assim como jamais um livro somente, ou somente um periódico, pôde ser considerado fator de sucesso ou de insucesso para a condução de uma determinada pesquisa, é preciso que se considere que a Internet não é uma coisa, um bloco inconsútil, mas um conjunto de fontes (na mais ampla concepção do termo) que se molda num ritmo frenético e sem direção, mesmo assim, produtivo em grande parte. Os sistemas de busca representam, hoje, a vitrine desse grande banco de idéias e é tarefa dos profissionais envolvidos, por qualquer forma ou meio com a informação, avaliá-los.

5.1.5

Entre o Real e o Virtual¹³: o que é Real e o que é Virtual?

“A revolução da informação é uma realidade e nela estamos. Afetou a maneira como vemos o mundo e como vivemos nele.”

Kumar (1997, p. 171).

“O virtual possui plena realidade, enquanto virtual”
Gilles Deleuze (Différence e Répétition).¹⁴

A distinção entre o que faz parte do mundo real e do mundo virtual parece não ser muito clara. Enquanto alguns professores consideram dois espaços totalmente distintos, a maioria deles já começa a pensar na relação de proximidade que eles têm.

O mundo virtual - que nos primeiros momentos de vida ganhou conotações negativas tais com perigoso, ilusório, violento e inatingível - parece, hoje, fazer parte cada vez mais do mundo real de forma mais amena e menos avassaladora. Embora ainda seja um campo que precisa ser explorado, como todas as inovações, a maioria dos professores apresentou discursos bem otimistas e realistas do que pensam sobre o mundo real e o mundo virtual. Em contrapartida, também temos professores que ficam preocupados em delinear uma diferença explícita entre os dois mundos. Por último, a comparação feita com uma fotografia deixa clara esta distinção. Vejamos:

“Acho que mundo real e mundo virtual são expressões de modismo... é... acho que é algo que passa... são nomes, slogans: ‘ah! eu agora estou no mundo real, eu agora estou no mundo virtual’. O próprio computador está no tempo real aí, eu ouço essa coisa do virtual, acho que são gírias.”

Nesse caso, pode-se observar que as expressões “mundo real” e “mundo virtual” não passam de neologismos que surgem, naturalmente, sempre que algo novo surge. Poderíamos até completar a frase dizendo: *“daqui a pouco essas expressões já serão tão usadas cotidianamente que elas darão lugar a novas expressões que surgirão com as novidades daquele momento e assim sucessivamente”*.

¹³A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis* derivado de *virtus*, força, potência. Definição retirado do livro: “O que é virtual” de Pierre Lévy, Editora 34, 1996.

¹⁴Deleuze, G. Difference and repetition. Traduzido por: Paul Patton. Columbia University Press. New York, 1993.

Nessas duas próximas falas já começamos a ter a sensação da “existência real” do mundo virtual ou, pelo menos, uma ligação entre eles:

“O virtual também acontece de fato... ele acontece, mas não é algo que se vive aqui fora. É algo como se tivesse lá dentro do computador e te ajuda aqui fora e que tem a ver com o que está aqui fora, mas não é o mundo aqui fora...”

“Porque o real é o tempo que acontece de fato... o virtual seria um mundo paralelo... eu acho...”

Mesmo não sendo dinâmica, a fotografia apresentada como similar ao ‘mundo virtual’, mostra o que cada um desses ‘dois mundos’ significa para pelo menos uma parte dos professores. Ou seja, o mundo virtual e o mundo real são distintos, mas não se excluem. Diria ainda que, mesmo distintos, não deixam de ser reais:

“É igual fotografia, fotografia você tira da realidade, mas a realidade é a realidade e a fotografia é a fotografia...”

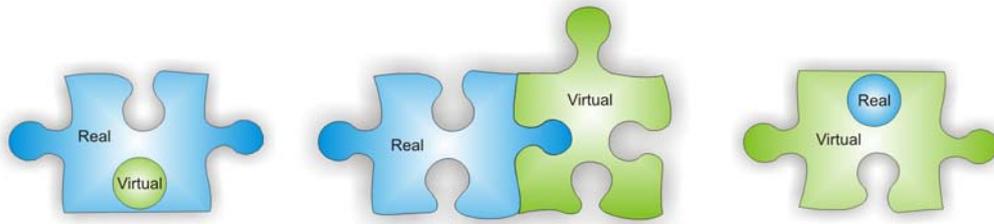
“São mundos bem diferentes né... embora tenham conexões...”

Talvez se substituíssemos a palavra ‘mundo’ por ‘espaço’, ou até mesmo por ‘ferramenta de trabalho’, como alguns professores denominaram, ficaria mais fácil de aceitar esta realidade. A idéia de ‘mundo’ nos remete à idéia da existência de ‘outro planeta’ ao qual nós, seres humanos, não teríamos acesso e, além disso, que fosse habitado por seres nocivos à nossa saúde e a tudo o que se refere ao homem.

Preferimos compartilhar a idéia de que o mundo virtual está inserido no mundo real e que ele é virtual até certo ponto, pois considerando a sua existência e a possível manipulação a partir do teclado de um computador, o virtual torna-se concreto ou, usando as expressões de Zygmunt Bauman, o líquido volta ao seu estado de sólido.

Nesse sentido estaríamos dando significado ao “virtual” pura e simplesmente pela ausência de realidade, sendo definido como aquilo que não pode ser tocado. Levando em consideração o modo como ele se apresenta para nós hoje, cada vez mais presente em nossas vidas, a definição conclusiva do que é

virtual ainda parece estar num “estado gelatinoso¹⁵”. Mas antes de concluir este tópico, colocamos outra questão: qual a verdadeira necessidade de se delinear os espaços entre o real e o virtual mesmo considerando que o virtual se torna cada vez mais real? Se lhe perguntássemos, na sua opinião, que figura traduz com maior proximidade a relação entre o Mundo Real (MR) e o Mundo Virtual (MV), qual você escolheria?



Certamente, a resposta a esta pergunta está ligada diretamente à percepção subjetiva, ao conhecimento e às experiências qualitativas e quantitativas que cada um de nós vivenciamos ou já tivemos com a *realidade virtual*. Nesse contexto, daremos início, a seguir, a uma última reflexão.

5.2

Espelho, espelho meu, me diz agora: quem sou eu?

“O mundo, como o percebemos, é um lugar bastante analógico. De um ponto de vista macroscópico, ele não é digital, mas contínuo. Nada aparece ou desaparece, nada se transforma de preto em branco ou muda de um estado para o outro sem passar por uma transição” (Nicholas Negroponte, p. 20, 1995).

“A digitalização possui muitos méritos. Alguns mais óbvios são a compreensão de dados e a correção de erros, o que é importante na transmissão da informação (...). Estamos, porém, descobrindo que as conseqüências da vida digital são bem mais significativas do que essas” (Nicholas Negroponte, p. 21, 1995).

Podemos observar que os professores têm ciência de que a sua prática mudou. Para além do que está sendo feito ou do que se fazia, eles deixam claro que a grande diferença entre o uso do computador e da Internet no seu trabalho como professor de ensino superior encontra-se mais na elaboração das aulas do que na aula propriamente dita.

¹⁵O termo “estado gelatinoso” usado no texto é uma tentativa bem humorada de definição de um estado que não é sólido nem é líquido e, por ainda estar em um processo de concepção, apresentar caráter indefinido.

Nas análises feitas até este momento, podemos observar como os professores vêm pensando e realizando seu trabalho no dia-a-dia acadêmico. Embora, na maioria das vezes, eles tenham se mostrado confiantes no uso do computador e da *Internet*, as dúvidas e as incertezas em relação ao futuro do trabalho docente ainda os acompanham na realização de suas atividades.

Se, para alguns professores, o computador facilita o processo de trabalho como, por exemplo, com a criação de um banco de dados com textos, questões de prova, artigos pertinentes à sua disciplina, busca de informações atualizadas, troca de material com os alunos e colegas de trabalho, para outros, as dificuldades são imensas e incluem prejuízos no uso de uma “ferramenta” que, além de ser de difícil acesso, é sub-utilizada.

Diante dos prós e dos contras, no que diz respeito à inserção e ao uso das novas tecnologias no cotidiano de trabalho, a maioria dos professores prefere apostar que este momento é muito mais um momento de observação e reflexão do que de julgamento. Para os professores mais audaciosos, questões como: o que pode ser usado ou como pode ser usado são pontos centrais em busca da melhoria na qualidade do seu trabalho.

Por outro lado, podemos considerar natural que, em momentos de transição, como estes que estamos vivendo, as pessoas se sintam confusas e inseguras no que diz respeito ao novo e, portanto, torna-se indispensável paciência e tempo para compreender e estabelecer critérios de uso dessas novas ferramentas. Esse fato mostrou-se presente na fala do professor Sérgio que, embora extensa, foi muito ilustrativa desse momento:

“Existem alguns autores que desprivilegiam o antigo dizendo que a partir da Internet houve uma ruptura total. É uma ruptura, não total, mas é uma ruptura... é outra forma de encaminhar as coisas, porque acelerou, ficou muito mais acelerado...”

Ruptura no sentido de você fazer as coisas diferentes... Igual foi a Revolução Industrial, foi uma ruptura né...? O mundo era mais humanitário e depois passou a ser outro tipo de mundo, melhor em umas coisas e pior em outras. A Internet é uma outra ruptura, eu não saberia dizer como seria isso por que aí teria que estudar mais né, isso é muito estudado pelo Castells, é uma ruptura na forma de pensar. Assim, várias coisas podem ser bem aproveitadas... que eu acho que quem tem a formação básica pode aproveitar essa nova oportunidade, mas o meu medo é de quem quer romper na verdade sem saber do que está atrás... Então eu acho que é muito fetiche... o cara fica assim né... Parece que o mundo começou ali né... e não é né, as dificuldades são as mesmas. De onde eu vim para onde eu vou, as questões são as mesmas. Agora é claro que é difícil analisar o que está acontecendo ainda né, daqui uns 50 anos, saberemos mais, porque essa

revolução de hoje mudou mais na forma que no conteúdo, na velocidade, embora também tenha uma profunda mudança de pensamento né.”

Dessa forma, podemos pensar que as rupturas, com seus novos paradigmas, estão mais associadas à aquisição de novos conhecimentos e formas de pensar e agir do que à tecnologia em si; ou seja, tão significativo quanto saber “o que” fazer é saber “como” fazer.

E aí reside a dificuldade, pois mudar altera conhecimentos, formas de pensar e fazer. Estamos, por exemplo, fazendo uma viagem e em determinado ponto da estrada temos de tomar uma decisão: qual é o melhor caminho? Prosseguir na conhecida e antiga estrada, mas sofrida pela ação do tempo, ou optar por uma estrada nova, cheia de sinalizações, porém desconhecida e exposta também à ação do tempo?

Analisemos uma situação concreta como a escolha de um caminho a seguir tendo duas opções: um caminho conhecido, porém mais longo e cheio de buracos e outro mais curto, novo, só que desconhecido. A escolha mais provável seria o caminho conhecido, mesmo correndo o risco de furar um pneu nos buracos de demorar mais, pois o medo do desconhecido interfere nas nossas decisões e descartamos o novo por conta desse medo, ainda que fosse o melhor para nós.

Analisando agora pelo lado dos processos sócio-cognitivos¹⁶, podemos perceber que as mudanças de pensamento são mais difíceis e levam mais tempo para se efetivar, por isso receamos as inovações. Entre os três aspectos constituintes desse processo, o mais difícil de ser mudado parece ser o cognitivo. Consideramos o mais difícil por estar ligado, essencialmente, à formação de valores e crenças e, em última instância, à construção da subjetividade.

Tomando como base esse raciocínio, as dificuldades que as pessoas têm hoje nos relacionamentos e na forma de se comunicar, por exemplo, são bem parecidas com as que as pessoas tinham antes da *Internet*. Desse modo, a dificuldade existente nas relações humanas deve-se mais às barreiras pessoais de comunicação e a habilidades sociais do que à *Internet* propriamente dita.

Ao contrário do que foi apresentado nos primeiros estudos sobre a influência do uso da *Internet* e do computador, muitas vezes a *Internet* tem se

¹⁶De acordo com os cientistas sociais os processos sócio-cognitivos são formados por aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais. Rodrigues, A.; Assmar, E.; Jablonski, B. *Psicologia Social*. Ed. Vozes, RJ, 1999.

apresentado como um instrumento facilitador da comunicação entre as pessoas que apresentavam tal dificuldade na vida real.

A pesquisa realizada por Volkema (1996) sobre as influências do uso da *Internet* no trabalho dos grupos e sobre o desenvolvimento das pessoas constatou que o uso do *e-mail* pode alterar a natureza e a diversidade das relações interpessoais e da estrutura organizacional. As alterações são as mais diversas: reduz as barreiras entre os níveis hierárquicos, aumenta o grau de participação nos processos de trabalho, ou ainda redistribui o poder, à medida que as pessoas se tornam mais acessíveis às informações nas organizações. Segundo o autor, é possível que o desenvolvimento dessas organizações possibilite o surgimento de um modelo de organização virtual.

Nesses espaços, os profissionais ganham agilidade e o trabalho ganha velocidade, pois esses espaços são utilizados para a troca de um grande fluxo de informações e conhecimentos entre as pessoas.

Embora Sennett não discuta claramente sobre o surgimento de um novo espaço, deixa claro que as mudanças ocorridas no trabalho estão permitindo aos profissionais trabalharem em vários lugares que, até então, não se imaginava. No caso dos professores desta pesquisa, mais do que o aumento dos espaços de trabalho, o que podemos observar é que, quando se referem ao excesso de trabalho, estão, na verdade, falando de um acúmulo de atribuições no seu cotidiano acadêmico.

O professor já trabalhava, pelo menos, em dois lugares: na universidade e em casa. Parece que esta alteração apresentada pelos autores de forma tão forte, não faz tanta diferença quando se trata do cotidiano dos professores de ES.

Outro aspecto interessante e comum entre os autores é que os espaços na contemporaneidade estão confusos e misturados, estão sem os limites que lhes davam sentido. Muito embora os espaços de trabalho dos professores não tenham alterado a elaboração de suas aulas, eles se encontram tão misturados que acabam por desorientar sua rotina de trabalho.

Os professores não sabem ao certo, quantas horas por dia trabalham e, embora muitos professores digam só ficar na *Internet* quando realmente necessário, eles passam a noite trabalhando. A nosso ver, o que se misturam são os pensamentos das pessoas acerca do novo e não os “espaços”. Se os pensamentos são diferentes, os afetos também o são e, como consequência,

alteram o comportamento. Os comportamentos mais comuns observados nos professores entrevistados são: a resistência de alguns professores em usar as tecnologias e, por outro lado, a “idolatria” de outros professores que as vêem como “salvadoras da pátria”.

Nesse sentido, dependendo da percepção do professor em relação à sua necessidade pessoal e profissional, o tempo atribuído às várias atividades realizadas é muito diversificado. Não há um padrão pré-estabelecido de quanto tempo deve-se dedicar ao trabalho, à família ou ao lazer; ou seja, o tempo tornou-se mais flexível e varia, portanto, de acordo com as demandas profissionais e pessoais.

Dessa forma, ao contrário da proposta inicial de melhorar a organização pessoal e profissional das pessoas, a flexibilização do tempo e do espaço provoca a sensação de descontrole em relação aos dois campos da sua vida. Essa sensação, por sua vez, “obriga” cada um a fazer seu tempo e a colocar limites diante do assédio - pela facilitação de acesso ao professor e do excesso de informações - , sendo necessário, portanto, cada profissional criar seu “filtro de linha¹⁷”.

De maneira geral, Sennett, Bauman e Castells concordam que as fronteiras estão deixando de existir. A “diluição de fronteiras”, expressão usada prioritariamente por Bauman, vai além da progressiva erosão das barreiras fisicamente encontradas entre diferentes espaços que dificultavam, por exemplo, o acesso das pessoas umas às outras e também às informações.

Tal diluição possibilitou não só a abertura, mas também a facilitação da comunicação presente nas relações, entre os professores, que se originam dentro da universidade. Digo originam, pois a maior parte das relações e da comunicação entre professores, diretores, coordenadores e alunos extrapola os muros da universidade. Quando um professor diz: “tenho maior acesso ao meu coordenador”, em outras palavras ele quer dizer: “não preciso ficar, literalmente, fisicamente, correndo atrás do coordenador dentro da universidade para conseguir falar com ele. Posso estar no lugar em que eu estiver que consigo falar com ele, inclusive da minha sala, onde jamais ele entraria”.

Isso nos leva a pensar que, se por um lado as relações não estão sendo realizadas face a face, por outro lado, parecem estar mais íntimas ou pessoais.

¹⁷Filtro de linha é um dispositivo usado para filtrar a energia que alimenta o computador, filtrando assim, somente a energia boa.

Tanto a pessoa que se encontra de um lado do computador quanto a outra têm a possibilidade de entrar na casa ou no escritório do seu par, mesmo que esse movimento não seja conscientemente percebido. Como isso acontece?

Será que ao fecharmos os olhos entramos na enigmática máquina do futuro e, assim, somos tele-transportados? Infelizmente temos de dizer que isso ainda não é possível. Talvez estejamos um pouco distantes dessa locomoção física (do corpo humano). Mas então, como acontece essa “visitinha virtual”? A permissão de entrada de uma pessoa na casa de outra pode ser autorizada, automaticamente, logo que nos conectamos, em nossas casas, à Rede e estabelecemos uma comunicação ou diálogo com outra pessoa. Estaremos vivenciando aí uma experiência virtual onde “estamos e não estamos” ao mesmo tempo. O computador conectado à *Internet* seria uma espécie de “máquina do tempo”?

Depois de quase 25 anos que o personagem Marty McFly, do filme “De volta para o futuro” estrelado pelo ator Michael J. Fox realizou a aventura de ir ao passado e voltar para o futuro, as novas tecnologias da informação (NTI’s) e o avanço das ciências nos dão condições de fazer essa viagem. Tal viagem possibilitada pela ligação dos computadores em rede por diferentes lugares, bibliotecas e informações nos dá trânsito livre para ir e vir e, além disso, possibilita o estabelecimento de uma comunicação que dá continuidade, ou o início, a uma relação interpessoal.

Mesmo nas relações de trabalho onde se mantém uma relação profissional, propagam-se projetos que reforçam a importância de ter vínculos de amizade para melhorar a qualidade de vida no trabalho dentro da empresa.

Em se tratando de professores do Ensino Superior, a impressão que tivemos é que a falta de vínculos pessoais/profissionais no trabalho deve-se muito mais à correria do dia-a-dia, do trajeto de uma instituição para outra e/ou para outro trabalho, do que a inserção das NTI’s no seu trabalho, o que não deixa tempo para bate-papos mais informais nem o estabelecimento de novos vínculos. Os professores mal terminam a aula e saem para outra instituição. É claro que esta realidade não diz respeito a todos os professores de todas as universidades, pois como já foi dito, as universidades têm horários e vínculos de trabalho diferenciados.

Outro aspecto interessante refere-se à mobilidade das pessoas em espaços virtuais. Os autores concordam que a mobilidade tem relação com a mobilidade

física que o trabalhador adquire para novas estruturas dentro do seu próprio ambiente de trabalho, de um trabalho para o outro, ou seja, de um espaço para outro.

A mobilidade adquirida pelos professores, não necessariamente nos sentidos apresentados por Sennett e Bauman à primeira vista, é realmente bem vinda, especialmente para os professores do setor universitário onde foi realizada pesquisa de campo deste estudo. Se não a maioria, mas pelo menos grande parte dos professores de ensino superior, de universidades privadas, têm outras atividades além da docência na academia. Esse número de atividades “extra-classe” faz com que eles “pulem” de um trabalho para o outro para suprir as necessidades pessoais.

Não é o foco deste trabalho, mas poderíamos cogitar em uma mudança de cidade, de vizinho etc, como Bauman e Sennett defendem, de professores de universidades públicas que escolhem fazer um concurso em outras cidades. Ainda assim, essa escolha é mais uma motivação pessoal do que tecnológica.

Mesmo que, muitas vezes, os sentidos atribuídos pelos autores ao termo sejam um pouco confusos, tanto Sennett quanto Bauman apontam a flexibilidade como negativa trazendo prejuízos a todos os campos da vida social, seja na família, no lazer ou na vida profissional.

Para esses autores, flexibilidade é um conceito muito usado no mercado de trabalho, mas que sua funcionalidade é ilusória, pois, na verdade, quando as empresas descentralizam o poder na tomada de decisões e o repassam para os funcionários, elas não estão somente passando o poder de decisão, mas toda a responsabilidade que a elas se refere. Desse modo, há o surgimento de medos e ansiedades por não saber lidar ainda com algo novo, flexível, ou seja, com tarefas que a princípio não faziam parte do perfil do cargo ocupado pelo funcionário.

Como quase tudo que surge na sociedade, os grandes acontecimentos ou as grandes inovações nos conduzem, ao longo do tempo, à mudanças na nossa forma de pensar e de fazer as coisas. Com os relacionamentos não é diferente. Os relacionamentos interpessoais também são marcados por reflexos dessas mudanças que, inevitavelmente, de uma forma ou de outra, mais *light* ou *hard*, provocam reconfiguração nas relações humanas. Se essas reconfigurações são boas ou más, ou seja, se elas aproximam, como diz Castells, ou fragilizam os vínculos entre as pessoas, como defendem Bauman e Sennett, não se deve ao

instrumento em si, ao que é usado (no caso, o computador), mas sobretudo, ao **como** é usado.

Uma observação válida é que o discurso dos professores é sempre permeado por contradições e pré-julgamentos tópicos de pessoas que ainda não se aproximaram do objeto novo. A resistência ao novo é natural do ser humano. Aquilo que não conhecemos gera, inicialmente, uma resistência que vai diminuindo gradativamente ao longo do tempo e à medida que nos aproximamos do novo objeto. O tempo, neste caso, torna-se um ponto central já que cada indivíduo, diferentemente do computador, tem um processamento singular das informações.

Considerando que cada professor processa as antigas e as novas tarefas do seu trabalho acadêmico em tempo diferenciado, não há como negar que a nova rotina mudou o cotidiano dos trabalhadores. Castells (1999a, p. 289), nesse sentido, fala de “situações fluidas” que resistem à generalização e à padronização, ou seja, situações que estão constantemente mudando, só que, ao contrário do que Sennett e Bauman pensam, essa freqüente mudança, para Castells, é característica primordial do mercado de trabalho na contemporaneidade.

Pode-se dizer que as situações fluidas nascem justamente a partir do fluxo de informações possibilitado pela interconexão dos computadores em rede, ou seja, as trocas e os acessos às informações em “situações fluidas” impulsionam, segundo Castells, o mercado de trabalho, mas ao mesmo tempo, exige-se dos trabalhadores um esforço maior para acompanhar as atualizações diárias.

Basicamente temos como idéias relacionadas à rotina uma ação, conhecimento que se repete com freqüência e chega a ser previsível. Também podemos ver como uma situação cansativa e estressante, geradora de vários distúrbios psicossomáticos e físicos.

Diante das freqüentes mudanças, a rotina, atualmente, deixou de ter qualidades tão negativas e passou a ser desejada. Fica difícil pensarmos, hoje, em um conceito fechado de rotina se levarmos também em consideração a imprevisibilidade das mudanças. Atualmente as pessoas estão se queixando que não podem prever nada, que é difícil programar e fazer um planejamento a longo prazo. Não é difícil ouvirmos: “antes, as coisas eram previsíveis, você podia programar uma compra, por exemplo, hoje as coisas estão mudando com tal velocidade que, quando você pensa em planejar, as coisas já mudaram”. Então

vem o questionamento: como pensar em um conceito atual de rotina de algo que está sempre mudando?

Há uma controvérsia: antes as pessoas queriam mudanças, pois alegavam estar cansadas da rotina. Agora as mudanças estão “pipocando” e as pessoas alegam necessitar de uma rotina.

Parece claro que a rotina trazia certo conforto e segurança às pessoas e a falta dela traz insegurança às pessoas ou, pelo menos, um desconforto.

Poderíamos dizer que pensar na relação rotina x mudança é tão dicotômico quanto pensar em realidade virtual. Hoje, o virtual já é realidade.

Mas, o que é virtual? Virtual, como disseram alguns professores, parece ser mais um neologismo, certo modismo fabricado socialmente, pois o passar do tempo permite, gradativamente, que o virtual torne-se cada vez mais real. O mundo não começou e, muito menos, está terminando com o advento da *Internet* e do computador. Se fossemos fazer um estudo ao longo do tempo, certamente, chegaríamos à conclusão de que as questões humanas permaneceriam praticamente as mesmas e, mesmo se não fossem, elas não deixariam de existir. O que começou foi uma nova fase desse mesmo mundo, no qual será necessário o estabelecimento de novas regras sociais para que se possa enfrentar, vivenciar e aproveitar o que o novo cenário digital tem a nos oferecer, como nos diz Nicholas Negroponte¹⁸ em seu livro intitulado: “A Vida Digital”:

“Thomas Jefferson nos legou o conceito de bibliotecas públicas e o direito de consultar um livro de graça. Mas esse nosso grande antepassado jamais considerou a possibilidade de 20 milhões de pessoas terem acesso eletrônico a uma biblioteca digital, podendo retirar dela o material desejado sem nenhum custo.” (Negroponte, 2006 p. 10).

Além da acessibilidade sem fronteiras às bibliotecas, outros serviços podem ser efetuados nessa mesma lógica. Pode-se comprar livros, publicações, revistas especializadas e participar de cursos, seminários, congressos e treinamento em geral. É uma forma tradicional, mas eficaz, de obtenção de informações especializadas. Entretanto, dada a atual explosão no uso da rede mundial de computadores, não se pode deixar de lado a recente superação dos

¹⁸Nicholas Negroponte é um dos fundadores e professor do Media Lab, o laboratório de multimeios do MIT (Massachusetts Institute of Technology). “A Vida Digital” livro de sua autoria, foi publicado em 1995 e relançado em 2006.

obstáculos iniciais de hardware e software, tornando viável para qualquer pessoa, principalmente para professores e alunos, acessar serviços e informação na *Internet*. Grande parte das pessoas, influenciadas ou não pela literatura estrangeira, falam que o mundo mudou, que há maiores taxas de desemprego, que não há trabalho para todos, mas a questão é que não se vê ou não se divulga o surgimento de outros cargos, trabalhos e funções. Na verdade, pensamos que a informatização substituiu sim alguns tipos de atividades, mas que, por outro lado, abriu novas janelas para novos tipos de trabalho. Quando se diz que não há trabalho para todos, que o mercado está saturado pensamos em fazer referência mais às tarefas e cargos que não existem mais do que a falta deles propriamente dita. E, obviamente, com novas atribuições, faz-se necessário uma especialização por parte das pessoas para executar novas tarefas.

De acordo com Passarelli (1997), os novos paradigmas para a educação consideram que os alunos devem ser preparados para conviver numa sociedade em constantes mudanças, assim como devem ser os construtores do seu conhecimento e, portanto, serem sujeitos ativos desse processo, em cuja construção, a “intuição” e a “descoberta” são elementos privilegiados. Neste novo modelo educacional, os professores passam a atuar como facilitadores do processo de aprendizagem, no qual o aprender a aprender é privilegiado em detrimento da memorização. A nova tecnologia nos obrigará a tal mudança, pois ela é uma tecnologia de aprendizagem e não de ensino.

Conclui-se, portanto, que é necessário estudar e pesquisar mais para melhor aprender as características gerais do processo de difusão de inovações e que o conhecimento e domínio de novas técnicas em si consiste apenas em um dos componentes do todo que caracteriza a sua implementação, associado aos papéis que os indivíduos desempenham. Esta caracterização dos perfis dos professores quanto ao uso de TI (Tecnologia da Informação) pode também influenciar a outra parte, os alunos no uso destas tecnologias para o ensino e aprendizagem.

Autores como Castells, Kumar e Meyrowitz concordam que, na contemporaneidade, há uma transformação da empresa de formato piramidal em uma empresa mais horizontal e ramificada. Assim, os cargos de alto escalão podem, a partir das novas tecnologias, acessar ou serem acessados por qualquer outra pessoa de dentro da empresa. Essa comunicação não fica somente no limite

geográfico da empresa. Ela vai muito além dos seus muros físicos possibilitando contatos com qualquer pessoa em qualquer lugar em que ele esteja.

Considerações Finais

Para finalizar esta tese gostaríamos de dizer que, em um contexto geral, a *mudança* é o fator central de preocupação para todos os autores e, nesse sentido, homens e mulheres da sociedade contemporânea estão tendo de construir e aprender novos valores e hábitos em função das novas referências do mercado de trabalho.

Assim, a partir dos discursos dos professores, podemos sugerir que o processo de enfrentamento dessa nova realidade perpassa por três momentos:

1. Resistência: Talvez seja a fase mais longa devido ao impacto inicial na emergência de uma nova e profunda reestruturação social. Há uma tentativa de sustar mudanças ou cobrar culpas e responsabilidades. Caracteriza-se por uma fase de conflitos que acabam por refletir nos âmbitos pessoal e profissional.
2. Assimilação/Aceitação: A duração desta fase pode variar de acordo com as experiências particulares de cada pessoa e, igualmente a anterior, pode mudar de cultura para cultura. Nessa fase, a pessoa já começa a ter um maior interesse ou, até mesmo, necessidade de usar o novo conceito. Antigos valores, hábitos, costumes e crenças começam a ser desconstruídos, gradativamente, para dar lugar à construção de novos conceitos acerca dos mesmos.
3. Tecno-estabilização: Essa fase tende a durar até que outra mudança significativa direcione o indivíduo para novas iniciativas. Nesse momento, o novo conceito já é usado amigavelmente, tendo o indivíduo um comportamento mais proativo. Os conflitos desaparecem significativamente e a vida pessoal e profissional alcançam uma re-estabilização.

Dessa forma, a desconstrução de antigos paradigmas para a construção de novos é, embora saudável, muito complexa. A rede de crenças, valores, ideais, desejos e expectativas que temos começou a ser formada antes mesmo de nos darmos conta de quem éramos como seres humanos. Assim, não se deixa

completamente uma vivência, uma experiência para trás para dar início a outras. Emocionalmente, não há uma ruptura tão clara assim das experiências que tivemos antes das que estamos vivendo agora. Há uma continuidade natural dos acontecimentos e cada pessoa irá percebê-los e senti-los de forma singular.

Novas situações sempre foram e continuarão sendo vivenciadas e sentidas no novo cotidiano. Estarmos vivendo em um contexto diferente não implica em total abandono das vivências e experiências anteriores, tampouco significa que elas tenham sido boas ou ruins. Da mesma forma, visualizando as inovações propostas pelos autores na contemporaneidade, nada nos garante que realmente o que virá pela frente será melhor ou pior, mas certamente nos farão pensar, sentir e nos comportar de modo diferente.

Assim, finalizamos nossas impressões sobre as vivências e as percepções do professor de ensino Superior acerca das Novas Tecnologias com duas citações que representam bem toda essa conclusão que acabamos de apresentar:

“professores e alunos se relacionam com a Internet como se relacionam com todas as outras tecnologias. Se são curiosos, descobrem inúmeras novidades nelas como em outras mídias. Se são acomodados, só falam dos problemas, da lentidão, das dificuldades de conexão, do lixo inútil, de que nada muda.” Moran (1997)

“A informática não tem mais nada a ver com computadores. Tem a ver com a vida das pessoas”. (Nicholas Negroponte, p. 12, 1995).

Finalizando, pode-se dizer que as mudanças e o surgimento de novos paradigmas sempre fizeram e continuarão fazendo parte da história da sociedade. Com maior ou menor impacto, as mudanças sociais sempre refletirão, direta ou indiretamente, na forma como as pessoas pensam, sentem e se comportam.

Nesse sentido é válido pontuar que tais mudanças, a princípio, não são boas nem más, mas certamente produzem um mal estar social generalizado e, por conseguinte, em cada uma das pessoas em particular.

Logo, há uma significativa diferença entre a realidade e a realidade vivenciada por cada um dos professores de ensino superior com relação às mudanças na sua rotina de trabalho. Nesse novo contexto de trabalho digital e informatizado, cada pessoa percebe a inserção tecnológica de forma diferenciada, o que irá refletir em efeitos diferenciados em cada uma delas, mas uma coisa é

certa: a Revolução das Tecnologias da Informação trouxe para nós, contemporâneos, uma nova forma de ver e de viver a vida.

É importante que fique claro que esta pesquisa situa-se em tempo e espaço determinados e foi desenvolvida a partir de um entre os vários pontos de vista possíveis sobre as experiências dos professores do ensino superior na instituição privada acerca das mudanças tecnológicas que estão acontecendo na sua rotina de trabalho.

Acrescente-se a tudo o que foi dito anteriormente uma perspectiva sócio-histórico-cultural para entendermos as mudanças nos vários. Parece-nos que já é claro o processo gradativo de como cada um de nós vivenciamos os grandes eventos no dia-a-dia na busca de fomentar bases da reconstrução e re-estabilização subjetivos .

Faz-se, portanto necessária a continuidade de pesquisas que abordem outros processos sócio-cognitivos tais como: formação de crenças, crenças de auto-eficácia, valores e atitudes e outros temas com uma interface tecnológica no intuito de aprofundar o conhecimento sobre a percepção que o professor tem de si enquanto profissional e do seu próprio trabalho acadêmico que por si só, incita mudanças e inovações.

Referências Bibliográficas

ABREU, R.A.S. **A Internet na Prática Docente: novos desafios e conflitos para os educadores**. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

ALMANAQUE ABRIL [CD-ROM]. **Globalização**. São Paulo: Abril, 1997.

ANASTASIOU, L.G.C. e PIMENTA, S. G. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2005.

ANDRIOLI, A.I. Efeitos Culturais da globalização. Revista Espaço Acadêmico, nº 26/Julho, 2003.

BAUMAN, Z. **A Sociedade Individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Z. **Globalização: As conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BAUMAN, Z. **O Mal-Estar na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BEHRENS, M.A. **A formação continuada dos professores e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1996.

BEHRENS, M.A. A formação pedagógica e os desafios do mundo moderno. Em MASETTO, M. T. (Org.) **Docência na Universidade**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

BERNERS-LEE, T. **The World Wide Web and the “Web of Life”**, 1998. Disponível: <http://www.w3.org/People/Berners-Lee/Overview.html#Talks>
Acesso em: 09 set. 2006.

BERNERS-LEE, T. **The World Wide Web: Past, Present and Future**, 1996. Disponível: <http://www.w3.org/People/Berners-Lee/Overview.html#Talks>
Acesso em: 09 set. 2006.

BLASE, J.J.A. A social-psychological grounded theory of teacher stress and burnout. *Educational Administration Quarterly*, v. 18, nº4, p. 93-113. 1982.

BOFF, Luiz H., HOPPEN, Norberto. Correio eletrônico, trabalho cooperativo e gerência da informação: a integração a partir de um estudo experimental. Curitiba (PR): Anais 18^o ENANPAD, 1994, v. 2 - Administração da informação.

BRAGA, Marcos da Costa. **Ser Professor Universitário: Profissão e Espaço Doméstico**. Rio de Janeiro, 1998.234p. Dissertação de mestrado - UFRJ, EBA.

BULARD, M. Tempos modernos (versão hot line). Porto Alegre. In Planeta.net. 2001. Retirado em 21 de fev. 2008, de <http://www.portoalegre.org/publique>.

BUSH, V. “**As We May Think**”. The Atlantic Monthly. Disponível em <http://www.w3.org/History/1945/vbush/> Julho de 1945. Acesso em: 09 set. 2006.

CARVALHO, F. de A. A exaustão docente: subsídios para novas pesquisas sobre a síndrome de burnout em professores. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*. UERJ, RJ, ano 2, n^o 2, 2^o semestre, 2002.

CASTELLANI, Márcia R. et al. **Redes de comunicação eletrônica (Internet), aspectos culturais em pesquisa acadêmica**: um estudo entre os professores e alunos da FEA-USP. Rio de Janeiro: Anais 20^o ENANPAD, 1996, v. 2 - Administração da informação.

CASTELLS, M. **A Sociedade em rede volume I**: Economia, Sociedade e Cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2006 (Nova edição).

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

CASTELLS, M. **Internet e Sociedade em Rede**. Em: Moraes, D. (Org.). Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CASTELLS, M. **Fim de Milênio – Tempo de Mudança**. A era da informação: economia, sociedade e cultura volume III, São Paulo, Editora Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, M. **A Sociedade em rede volume I** Economia, Sociedade e Cultura São Paulo: Paz e Terra, 1999a.

CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura volume II, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1999b.

CASULA, C.C. **Metáforas para a evolução pessoal e profissional**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

CHALIAN, H.C. Docência na universidade: professores inovadores na USP. *Cadernos de Pesquisa*, n^o 118, p. 41-64, março/2003.

CODO, W. (coord) **Educação: carinho e trabalho**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

COELHO, M. DE L. **A Formação continuada do docente universitário em cursos à distância, via Internet: um estudo de caso**. (Disponível em: www.abed.org.br/seminário2002)

CUNHA, Maria Isabel. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: JM Editora, 1998.

D'ANTOLA, Arlete (Org.). **A prática docente na universidade**. São Paulo: EPU, 1992.

DEJOURS, C. A carga psíquica do trabalho. In DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. *Psicodiâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas S.A., 1994.

ENGELBART, D.C. "**A Research Center for Augmenting Human Intellect**". Proc. 1968 Fall Joint Computer Conference (AFIPS), San Francisco, CA, December, 1968, pp. 395-410.

ESTEVE, J.M. *O Mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: Edusc, 1999.

EWALD, P.A.; MANCEBO, D.; PRESTRELO, E.T. e UZIEL, A. P. Em discussão: o trabalho docente. Editorial. *Revista Estudo e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, ano 6, n 1, 1 semestre, 2006.

FAQUETI, Marouva Fallgatter. *Uso da Internet na educação: experiências e expectativas no Colégio Agrícola de Camboriú, Santa Catarina*. Florianópolis: UDESC, 1999. Monografia (Especialização em Estratégias e Qualidade em Sistemas de Informação) - Departamento de Biblioteconomia, Universidade do Estado de Santa Catarina.

FAQUETI, Marouva Fallgatter e Maria Lourdes Blatt, Ohira. A Internet como recurso na Educação: Contribuições da Literatura. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 4, n. 4, (p.49-63), 1999.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. *Redes eletrônicas e necessidades de informação: abordagem do sensemaking para estudos de comportamentos dos usuários do Instituto de Física da USP*. Tese de doutorado. Escola de Comunicações e Artes, USP, 1995.

FRANCHI, E.P. A insatisfação dos professores: conseqüências para a profissionalização. Em: FRANCHI, E. P. (Org.). **A causa dos professores**. São Paulo, Papirus, 1995.

FREIRE, P. **A mensagem de Paulo Freire: textos de Paulo Freire selecionados pelo INODEP**. São Paulo, Nova Crítica, 1977.

GIANNOTTI, J. A. Feiticeiros do saber. Folha de São Paulo, Caderno Mais, p.10-11. 25 de maio de 2003.

HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio e Janeiro: Objetiva, 2001.

KUENZER, A.Z. A formação de educadores no contexto das mudanças no mundo do trabalho: Novos desafios para as faculdades de educação. *Revista Educação e Sociedade*, v. 19, nº 63, Campinas, Agosto, 1998.

KUMAR, K. Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LOPES, M.C.R. “Universidade Produtiva” e trabalho docente flexibilizado. *Revista Estudo e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, ano 6, n 1, 1 semestre, 2006.

LOPES, M.C.R.; MANCEBO, D. Trabalho Docente: compreensão temporal, flexibilidade e prazer? *Revista Educação Pública*, Cuiabá, v.13, n. 24, p. 138-152, 2004.

LOUSADA, E. Os pequenos grandes impedimentos de ação do professor: entre tentativas e decepções, 2004. Em MACHADO, A. R. (Org.) **O ensino como trabalho**. Londrina: Eduel, 2004.

MANCEBO, D. Globalização, cultura e Subjetividade: Discussão a partir dos meios de comunicação de massa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Volume 118, nº 3, 2002.

MARTINS, M.C.F. **Satisfação no trabalho: elaboração de instrumento e variáveis que afetam a satisfação**. Brasília, 1985. 204p. Dissertação de Mestrado, UnB.

MASETTO, M. **Docência na Universidade**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

MEIRELES, C. **Crônicas de Educação**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2001.

MEYROWITZ, J. Global Permeabilities. Em: LA RRETA, E. R. “Org”. Media and Social Perception “pp. 423-441”. Rio de Janeiro: UNESCO, ISSC, EDUCAM, 1999.

MORAN, José Manuel. **Como utilizar a Internet na educação: relatos de experiências**. *Ciência da Informação*, Brasília, v.26, n.2, p. 146-153, maio/ago. 1997.

MOREIRA, Walter. *Sistema de armazenamento e recuperação ou Sistemas de Busca: a recuperação da Informação em evolução*. (Trabalho apresentado no I Simpósio Internacional de Propriedade Intelectual, Informação e Ética - CIBERÉTICA. Florianópolis, nov., 1998).

NELSON, T.H. **A File Structure for the Complex, The Changing and the Indeterminate**, ACM 20th National Conference, pages 84-100, 1965. Disponível em <http://portal.acm.org/citation.cfm?id=806036&dl=ACM&coll=GUIDE>. Acesso em: 09 set. 2006.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS) - (Aceito). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, UFRGS, v. Aceito, 2006.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M.; LEITÃO, C. e ROMÃO-DIAS, D. Como conhecer usuários através do método de Explicitação do Discurso Subjacente

(MEDS). Artigo apresentado no IV Simpósio sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais (IHC – 2004), Curitiba, 2004.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito? *Estudos de Psicologia*, UFRN, volume 7, nº 1, p. 25-35, 2002a.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. A análise de discurso em questão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 10, número 2, 1994.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Questões metodológicas sobre a análise de discurso. *Psicologia: reflexão e Crítica*, vol. 4, números 1/2, 1989.

PALDÊS, Roberto Ávila. *O uso da Internet no ensino superior: estudo do caso da Universidade de Brasília*. Projeto de Dissertação de Mestrado julho de 1998. Brasília: UNB, 1998. Disponível na Internet: http://www.geocities.com/CapeCanaveral/launchpad/5606/doc_1.html. Acessado em outubro 2005.

_____. *O uso da Internet no ensino superior de graduação: estudo de caso de uma universidade brasileira*. Dissertação de Mestrado, (online) Brasília: UCB, abril de 1999. Disponível na Internet: <http://www.geocities.com/CapeCanaveral/launchpad/5606/index.htm>. Capturado em maio de 2006.

PASSARELLI, Brasilina. **Novas tecnologias na educação: novos rumos para o conhecimento**. Apple Staff Development Program/ Brasil, 1997.

PEREIRA, C.A.A. **Um estudo da qualidade de vida universitária entre docentes da UFRJ – Praia Vermelha**. São Paulo, 1993 Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

PIQUE, Jorge F. *A Internet e a transformação da vida acadêmica*. Curitiba: UFPR, 1996. Disponível na Internet http://www.humanas.ufpr.br/inter_ed.htm maio de 2006.

PRAZERES, S.M.G. *Constituição da Subjetividade Docente: As Implicações na Prática Educativa*. Brasília, 2007. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade de Brasília.

ROZENDO, C.A.; CASAGRANDE, L.D.R.; SCHNEIDER, J.F.; PARDINI, J.C. Uma análise das práticas docentes de professores universitários da área de saúde. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 7, nº 2, p. 15-23.

SEDDON, T. Rethinking teachers and teacher education in science. *Studies in Science Education*, v. 19, p. 95-117, 1991.

SEIDMAN, I. **Interviewing as qualitative research: a guide for researchers in education and the social sciences**. New York: Teachers College Press, 1998.

SENNETT, R. **A Cultura do Novo Capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SENNETT, R. **Respeito: A formação do caráter em um mundo desigual**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SENNETT, R. **A Autoridade**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIBILIA, P. O Homem Pós-Orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro, Ed. Relune Dumará, 2002.

SOUZA-E-SILVA, M.C.P. O ensino como trabalho. Em MACHADO, A. R. (Org.) **O ensino como trabalho**. Londrina: Eduel, 2004.

TEIXEIRA, G. Profissão Professor Revista eletrônica: www.serprofessoruniversitario.pro.br.Artigo: <http://spu.autoupdate.com/ler.php?modulo=7&texto=227> – USP, São Paulo.

TENFEN, W. O processo de (des)qualificação do professor. Florianópolis, 1992. Dissertação Mestrado em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

TURATO. E.R. **Tratado da metodologia de pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde humana**. Petrópolis: Vozes, 2003.

VASCONCELOS, M.L.M.C. **A formação do professor de terceiro grau**. São Paulo: Pioneira, 1996.

VASCONCELOS, M.D. **O trabalho dos professores em questão**. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, nº 81, p. 307-311.

VEENMAN, S. Perceived problems of beginning teachers. *Review of Educational Research*, v. 5, nº 2, p. 143-178, 1984.

VOLKEMA, R.J.; FARQUHAR, K.; and BERGMANN, T.J. “Third-Party Sensemaking in Interpersonal Conflicts at Work: A Theoretical Framework,” *Human Relations*, 1996, 49 (11), 1437-1454.

WEISS, R.S. **Learning from strangers: the art and method of qualitative interview studies**. New York: The Free Press, 1995.

WENZEL. R.L. O professor e o trabalho abstrato: uma análise da (des)qualificação do professor. Florianópolis, 1991. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Saúde Mental e Trabalho em Educação. Universidade Federal de Santa catariana.

ZANOTELLI, R.C. **Satisfação no trabalho em professores de ensino superior: construção de um instrumento de medida e variáveis que afetam a satisfação.** Rio de Janeiro, 2003.155p. Dissertação de Mestrado, UGF.

Anexo

Roteiro de Entrevista para a Pesquisa intitulada: Professores do Ensino Superior Frente às Novas Tecnologias: usos e desusos do Computador e da Internet no cotidiano de trabalho

O objetivo deste roteiro de entrevista é investigar os benefícios e as dificuldades que os professores universitários experimentam ao usar os computadores e a Internet no seu trabalho. O questionário está dividido em duas partes: na 1ª parte é-lhe pedida informações sobre si próprio (a) e sobre o seu uso com computadores, no caso de existir, na 2ª parte pretende-se recolher informações mais detalhadas sobre sua experiência e sensações quanto ao uso do computador e da Internet. Seus dados serão guardados em sigilo e as respostas da entrevista serão usadas, exclusivamente, para fins de pesquisa. Não há respostas certas e/ou erradas. Procure responder da forma mais possível. Agradeço à sua participação.

1. Parte 1

- Nome: (não preencha este campo, nome, se quiser responder anonimamente)
- Sexo:
- Idade:
- Em média, quanto tempo usa o computador por dia?
E a Internet?
- Em qual (is) curso(s) você leciona na universidade?
- Qual o tipo de instituição que você leciona?
- Há quantos anos/meses leciona na universidade?
- Você exerce outra profissão além de professor universitário? Qual?

2. Parte 2

Agora, você irá responder algumas perguntas sobre o uso que você faz do Computador e da Internet.

- Há quanto tempo (anos, meses), utiliza computador?
- E a Internet?
- Você tem notebook? Quando você usa? Por quê?
- Você tem computador próprio em casa? Há quanto tempo?
- Você tem computador próprio no trabalho ou divide com alguém?
- Com quem divide o computador?
- Sempre foi assim?
- Em que local fica o computador?
Por quê?

- Como é a divisão do uso do computador?
- Gostaria de ter um computador só para você? Por quê?
- Como você estabelece seu espaço?
- Usa senha no computador? Por quê?
- Como é o seu uso do computador?
- Como é o uso das pessoas com quem divide o computador?
- Quem faz a manutenção do computador? Existe alguém responsável por isso?
- Como você classifica sua experiência com computadores? (nenhuma, muito reduzida, alguma, bastante, muito elevada)
- Qual o maior tempo que você se lembra ter passado usando o computador seguidamente?
- Quais são as atividades que são mais freqüentemente realizadas no computador, por você, em relação ao seu trabalho?
- Quais os programas você já usou no seu computador para o trabalho?
- Que programas você usa na Rede? (MSN, Skype, Orkut, GoogleTalk, se utiliza outros, quais?)
- Quando checa o e-mail e quantas vezes por dia?
- Você usa mais de um programa ao mesmo tempo?
- O que costuma procurar na Internet?
- O que gosta de usar na Internet e como se sente quando está fazendo o que gosta na Rede. Por quê?
- Você tem acesso ao computador quando não se encontra na universidade/trabalho? _____ Onde? _____ Como é o seu uso neste local?
- Como é o uso do computador no seu dia-a-dia de trabalho?
- Como se sente usando o computador?
- Como você se sente quando se conecta, há alguma emoção? Por quê?
- Se pudesse comparar a Internet com alguma coisa (fazer uma analogia ou usar uma metáfora) o que seria? Por quê?
- O que pensa sobre os termos: “mundo real” e “mundo virtual”. Por quê?
- Que sensação tem quando se desconecta, após muito tempo “logado”. Por quê?
- Como se sente quando não tem acesso ao computador?
- Há alguma vantagem/desvantagem em se usar a Rede? Por quê?
- Você já teve na Rede alguma emoção/sensação/sentimento que nunca tinha tido fora dela? Descrever.
- Que papel tem a Internet na sua vida hoje em dia?
- Sua vida mudou muito depois da Internet. Por quê?
- Você considera que você mudou depois da experiência com a Internet? Por quê?
- O que você gostaria de acrescentar que não tenha sido abordado?
- Como você se sentiu ao responder uma pesquisa pela Internet?